

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**CHARLENE BRUM DEL PUERTO**

**TURISMO EM CEMITÉRIO.**

**O Cemitério como Patrimônio e Atrativo Turístico,  
considerando a Trama Morte e Vida nas Necrópoles**

**CAXIAS DO SUL  
2016**

CHARLENE BRUM DEL PUERTO

**TURISMO EM CEMITÉRIO.**

**O Cemitério como Patrimônio e Atrativo Turístico,  
considerando a Trama Morte e Vida nas Necrópoles**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo.

Linha de pesquisa: Turismo, cultura e educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Cardinle Baptista

**CAXIAS DO SUL  
2016**

D331t Del Puerto, Charlene Brum

Turismo em Cemitério : O cemitério como patrimônio e atrativo turístico, considerando a trama morte e vida nas necrópoles / Charlene Brum Del Puerto. – 2016.

155 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2016.

Orientação: Maria Luiza Cardinale Baptista.

1. Turismo; Cemitério; Patrimônio; Trama morte e vida. I. Baptista, Maria Luiza Cardinale, orient. II. Título.

**“Turismo em cemitério. O cemitério como patrimônio e atrativo turístico, considerando a trama morte e vida nas necrópoles”**

Charlene Brum Del Puerto

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 10 de junho de 2016.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista (Orientadora)  
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Luciene Jung de Campos  
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Susana de Araújo Gastal  
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Silvana Pirillo Ramos  
Universidade Federal de Alagoas

“No fim da vida, a maioria dos homens percebe surpresa, que viveu provisoriamente e que as coisas que largou como sem graça ou sem interesse, eram justamente a vida. E assim traído pela esperança, o homem dança nos braços da morte”.  
(Arthur Schopenhauer)

Dedico este trabalho àquele morador de rua, sentado à direita do Cemitério da Consolação (rua Sergipe). Um ser alijado de seus direitos, em diversas instâncias. Um ser de beleza ímpar, que, estando abandonado na lateral do cemitério, me fez questionar: Quem está morto aqui?

## AGRADECIMENTOS

Faço agradecimentos para aqueles que me auxiliaram na realização desta pesquisa, tendo a consciência de que não há espaço para mencionar tantos seres que cruzaram a minha vida e que, mesmo de modo sutil, contribuíram para este trabalho. Ainda assim, nomearei algumas pessoas e grupos importantes nesta jornada.

À minha querida cidade Santa Vitória do Palmar, terra do butiá. Um lugar que acalenta meu coração, que me traz paz e que me permite ser quem sou. Uma terra com uma natureza ímpar, mar incomparável, lagoa única e que tem a mais saborosa pitanga, o mais saboroso araquá, o mais agradável som dos bichos. Um lugar que me deu família, amigos, trabalho e um grande amor: Nei Soldatti Correa *“Tu es la seule terre où mon âme s’est posée”*. Gracias por estar novamente presente, gracias por nunca ter se ausentado.

Ao Desafio Pré-Vestibular, lugar em que também estudei, um espaço de educação popular, promovido pela Universidade Federal de Pelotas, em especial aos meus mentores e também amigos: André Luiz Pereira, Maicon Vieira, Elton Lemos e Marlise Maurenre Machado. Existe muito de vocês em mim e nossas lutas continuam vivas.

À Universidade Federal de Pelotas e as professoras da graduação em Turismo: Dalila Hallal, Dalila Müller, Caroline Ceretta, Carmen Nunes Rosa, Laura Rudzewicz e Urânia Sperling, pela riqueza das aulas e projetos, por me estimularem à criticidade, por respeitarem meu posicionamento, por incentivar a lutar por direitos, feitos através de ocupação de reitoria, barricadas em ruas, autofalantes ou cartazes espalhados pela cidade. Isto me tornou ainda mais forte e demonstrou que educação é luta árdua e diária, ainda que isto seja um direito garantido. Lutemos sempre!

Aos colegas e professores da Especialização em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal de Pelotas, pela parceria e por entenderem minhas faltas.

Aos alunos e colegas de trabalho da Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), campus Santa Vitória do Palmar/RS, pela compreensão durante os momentos decisivos para a conclusão desta pesquisa. Obrigada por também me ensinarem a ser professora.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), pela bolsa concedida, sem a qual este mestrado não teria sido possível. O fomento público me acompanhou durante toda a vida. Por isto, ressalto aqui a importância de políticas públicas como a da FAPERGS, para contribuir com a diminuição das desigualdades sociais.

À Universidade de Caxias do Sul pela boa estrutura, que me proporcionou conforto e organização, facilitando muito as minhas investigações e o caminho percorrido até aqui. Que o investimento em melhorias continue.

A todos os meus amigos e familiares pela compreensão da minha ausência, por compartilharem comigo angústias e risos, e pelo incentivo nesses anos de pesquisa: Juliana Gomes, Vanessa Birck, Caroline Sachett, Letycia Grill, Raryana Marth, Cassio Almeida, Giane Bender, Vanni dos Santos, Vanessa Pinheiro, Guilherme Canabarro, Chandriele Haertel, Cleber Rodrigues, Anair Lopes Brum (mi reina), Leila Rodrigues (tudo o que dizes para mim, é lei), Rodrigo Bittencourt (marcando a partida e a chegada), Ivan Brum Rodrigues.

Ao grupo de pesquisa AMORCOMTUR!, que me deu “a graça da coisa” durante os dois anos de mestrado. Sempre me pergunto como teria sido sem este suporte teórico-amoroso. Um espaço que me permitiu extravasar textos, falas e ações. Que o grupo exista sempre, o mundo precisa e agradece às pesquisas e principalmente, a propagação do amor e respeito ao outro.

Às professoras Susana Gastal e Luciene Jung de Campos, por respeitarem desde sempre a minha temática de pesquisa e por desconstruírem o Turismo e o Sujeito. Desconstruir é uma ação dolorosa, mas extremamente necessária. Desejo que mais alunos possam “enlouquecer” em suas aulas. Que nunca tenhamos mais do mesmo e que um novo pensamento sempre chegue!

Ao professor Rafael José dos Santos, pela postura, e por nos permitir a “despostura” em suas aulas. Tua graça em trabalhar “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa me fez entender onde eu estava naquele momento: “Ce vai, ocê fique, você nunca volte!”.

Às professoras e professores, pelo ensino e respeito: Suzana Maria De Conto, Rosane Maria Lanzer, Eurico de Oliveira Santos e Silvio Luiz Gonçalves Vianna.

À secretária mais dedicada que já vi, Regina de Azevedo Mantesso. Obrigada por tantas vezes ouvir meus lamentos, por ser extremamente prestativa e impecável



no teu serviço e pelas ajudas extras, sempre que a minha pressa existiu. Por mais “Reginas” nos mestrados, por mais “Reginas” nesta vida.

Aos funcionários do Serviço Funerário de São Paulo, especialmente ao Senhor Francisvaldo Gomes, pela imensa colaboração para que esta pesquisa sobre o cemitério fosse viabilizada. O teu empenho para a realização do turismo em cemitério é imprescindível. Obrigada pela dedicação a esta incrível necrópole.

À turma 2014 do Mestrado em Turismo pela aprendizagem e descontração nos momentos de tensão e na finalização de nossos trabalhos. E que venha o doutorado.

Aos amigos feitos durante estes dois anos de mestrado: Bruno Henrique, Felipe Zaltron, Denise de Souza, Carlos Leoni, Simone Simon, Simone Mendieta Lopes, Andreia Belusso, Leticia Bisol, Sabrine Amaral, Thays Marcelinno, pelo prazer das histórias compartilhadas e pelos bons e maus momentos juntos. Levo comigo o gosto dos cafés e dos vinhos que nos acompanharam. Quero esta amizade estendida para vida.

Aos meus amigos Leidh Jeane Sampietro, Vanessa Azambuja, Renan Silva e Maicon Moreira, com quem compartilhei moradia e a vida durante esse árduo período de mestrado. Gracias por tanta confiança, pelos estudos e aprendizados que se ampliaram fora da academia. Acrescento aqui, Rita Gabriela Araujo Carvalho, minha cúmplice, minha “comparsa”, que também não se cala, não esmorece e não se curva diante dos erros. Que possamos bradar toda e qualquer injustiça com nossa “utopia” de mundo ideal. Obrigada por tua vida tão presente na minha nesses dois anos de mestrado.

À família Costa e Silva, pela mão amiga estendida e pela porta aberta durante a graduação e também no mestrado. Liliane, Joice, Lisiane, Josiane, José Audírio, Santa Nilva, o que sinto é gratidão!

À minha orientadora Maria Luiza Cardinale Baptista, mulher forte, mãe biológica, adotiva, e mãe de filhos acadêmicos. Obrigada pela qualidade da orientação, por entender minha ansiedade no momento da escrita, pela paz trazida durante as situações mais críticas, por construir comigo este trabalho, por ter se tornado minha amiga, entre tantas outras ações que não caberiam neste texto. Os teus ensinamentos são para vida.

Aos meus pais, pelo empenho e dedicação e pelos erros e acertos que me fizeram evoluir como ser humano. É muito amor, e é tudo por vocês, para vocês.

Muchas gracias mi gente hermosa! Gracias por sus vidas em mi. Los quiero muchíssimo. Siempre!

## RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de estudo o cemitério como um atrativo turístico, considerando seu patrimônio e a trama morte e vida das necrópoles. Pretendeu-se, com este estudo, analisar o cemitério escolhido como um atrativo turístico, considerando seu patrimônio e a trama morte e vida das necrópoles. Em termos teóricos, trata-se de um estudo transdisciplinar, envolvendo aspectos sobre o patrimônio, trama morte e vida, cemitério, turismo e turismo em cemitérios, para entender as relações existentes entre essas temáticas. A metodologia teve orientação qualitativa com aspecto teórico-metodológico transdisciplinar, tendo sido utilizada a Cartografia dos Saberes de Baptista (2014). O objeto empírico do estudo foi o Cemitério da Consolação, por ser uma referência em turismo em cemitério no país. Observou-se, na pesquisa, o distanciamento que as pessoas têm da temática sobre a morte; a necessidade de novos estudos sobre o patrimônio, para entender seu significado na atualidade; a necessidade de ampliação sobre o estudo em cemitérios, considerando a dimensão de vida que há nas necrópoles e a importância dos dispositivos de potencialização, ou seja, ações ou aspectos que provocam o deslocamento até as necrópoles. Considera-se que o cemitério possui uma potência de vida pertinente à trama aqui proposta. Essa trama é expressa de várias maneiras: está inscrita nas lápides, presente na vida dos trabalhadores e visitantes da necrópole, em suas buscas e vinculações com o cemitério. Nesse sentido, há uma relação intrínseca entre a potência da trama morte e vida e a atividade turística.

**Palavras-chave:** Turismo; Cemitério; Patrimônio; Trama morte e vida.

## RESUMEN

La presente disertación posee como objeto de estudio el cementerio como un atractivo turístico, considerando su patrimonio y la trama muerte y vida de las necrópolis. He pretendido con este estudio analizar el cementerio elegido como un atractivo turístico, considerando su patrimonio y la trama muerte y vida de las necrópolis. En términos teóricos, se trata de un estudio transdisciplinar, involucrando aspectos sobre el patrimonio, trama muerte y vida, cementerio, turismo y turismo en cementerios, para comprender las relaciones existentes entre estas temáticas. La metodología tuvo la orientación cualitativa con aspectos teorico-metodológicos transdisciplinar, habiendo sido utilizada la Cartografía de los Saberes de Baptista (2014). El objeto empírico del estudio fue el Cementerio da Consolação, ya que es una referencia en turismo en cementerio en el país. Ha podido observar en la encuesta el alejamiento que las personas poseen de la temática sobre la muerte; la necesidad de nuevos estudios sobre el patrimonio, para comprender su significado, en la actualidad; la necesidad de la ampliación sobre el estudio de los cementerios, considerando la dimensión de vida que hay en las necrópolis y la importancia de los dispositivos de potencialización, es decir, acciones o aspectos que promuevan el desplazamiento hasta las necrópolis. Considera-se que el cementerio tiene una potencia de vida pertinente a la trama acá propuesta. Esta trama es expresa de diversas maneras: está inscrita en las lápidas sepulcrales, presente en la vida de los trabajadores y visitantes de la necrópolis, en sus búsquedas y enlaces con el cementerio. En este sentido, hay una relación intrínseca entre la potencia de la trama muerte y vida y la actividad artística.

**Palabras claves:** Turismo; Cementerio; Patrimonio; Trama muerte y vida

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Folder do projeto “Antes de morrer eu quero...” .....	63
Figura 2: Placas para orientação do trajeto ao cemitério.....	68
Figura 3: Localização do Cemitério da Consolação - São Paulo.....	68
Figura 4: Visitantes no Cemitério da Consolação.....	72
Figura 5: Indicação da localização da rua com QR Code.....	80
Figura 6: Placa de estacionamento/Cartão azul.....	81
Figura 7: Indicação da Catalogação de árvores.....	82
Figura 8: Túmulo de Maria Judith de Barros.....	91
Figura 9: Túmulo de Antoninho da Rocha Marmo.....	91
Figura 10: Cruzeiro das Almas.....	92
Figura 11: Placa em agradecimento à Marquesa de Santos.....	98
Figura 12: Mapa interno da trilha.....	103
Figura 13: Biodiversidade da trilha.....	103
Figura 14: Biodiversidade da trilha.....	103
Figura 15: Rua interna do Cemitério da Consolação.....	107
Figura 16: Mapa de visitação do Cemitério da Consolação.....	108
Figura 17: Túmulo do Marquês de Monte Alegre.....	110
Figura 18: Inscrição tumular na lápide do Marquês de Monte Alegre.....	110
Figura 19: Túmulo do Capitão Jaime da Silva Telles.....	111
Figura 20: Sepultura da Marquesa de Santos.....	112
Figura 21: Placa indicativa sobre a doação de terras.....	113
Figura 22: Jazigo do Barão de Antonina.....	114
Figura 23: Túmulo de Afonso Arino de Melo Franco.....	116
Figura 24: Cena da Pietá de Roque de Mingo.....	117
Figura 25: Sepultura de Libero Badaró.....	118
Figura 26: Anjo do júzo final.....	123
Figura 27: Fachada do Cemitério dos Protestantes.....	124
Figura 28: Sepultura de Délio Freire .....	126
Figura 29: Placa em homenagem a Délio Freire.....	126

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Questões relacionadas ao objetivo específico 1.....	24
Quadro 2: Questões relacionadas ao objetivo específico 2.....	25
Quadro 3: Questões relacionadas ao objetivo específico 3.....	26
Quadro 4: Características dos cemitérios tombados pelo IPHAN.....	58
Quadro 5: Objetivo específico 1.....	74
Quadro 6: Objetivo específico 2.....	82
Quadro 7: Objetivo específico 3.....	94

## SUMÁRIO

<b>PRIMEIRA BADALADA - INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>SEGUNDA BADALADA - ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>19</b>
<b>TERCEIRA BADALADA - TURISMO.....</b>	<b>29</b>
3.1 Turismo em cemitérios.....	34
3.2 Sujeito-trama e Trama Morte Vida.....	40
3.3 Dispositivos de potencialização do turismo em cemitérios.....	44
<b>QUARTA BADALADA - OS CEMITÉRIOS E SEU PATRIMÔNIO: SUA HISTÓRIA E SALVAGUARDA.....</b>	<b>48</b>
<b>QUINTA BADALADA – RUMO AO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO.....</b>	<b>64</b>
5.1 A cidade de São Paulo.....	64
5.2 O Cemitério da Consolação.....	65
5.3 O Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT).....	69
<b>SEXTA BADALADA – NO CAMPO SANTO DA PESQUISA.....</b>	<b>71</b>
6.1 Conversas - Funcionários, prestadores de serviços e visitantes.....	71
6.2 Materiais gráficos.....	127
6.3 Fotografias.....	129
6.4 Análise dos dados.....	129
<b>SÉTIMA BADALADA - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>139</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICE A – GUIA DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO.....</b>	<b>155</b>
<b>ANEXO A – EMAIL AUTORIZANDO A PESQUISA.....</b>	<b>149</b>
<b>ANEXO B - EMAIL AUTORIZANDO A PUBLICAÇÃO DE FOTOGRAFIAS.....</b>	<b>150</b>
<b>ANEXO C – GUIA DE VISITAÇÃO.....</b>	<b>151</b>
<b>ANEXO D - AUTORIZAÇÃO PARA A PUBLICAÇÃO DA IMAGEM FEITA PELOS VISITANTES.....</b>	<b>152</b>
<b>ANEXO E – CARTÃO DE VISITA COM AS BADALADAS.....</b>	<b>153</b>

<b>ANEXO F – PRIMEIRO GUIA DE VISITAÇÃO IMPRESSO.....</b>	<b>154</b>
---	------------



## PRIMEIRA BADALADA - INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo o cemitério como um atrativo turístico considerando seu patrimônio e a trama morte e vida das necrópoles. É um estudo que parte de uma temática geral, o turismo em cemitérios, com coleta de dados feita no Cemitério da Consolação, localizado na cidade de São Paulo/SP, o qual se constituiu como objeto empírico. Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar o cemitério escolhido como um atrativo turístico, considerando seu patrimônio e a trama morte e vida das necrópoles. Essa análise foi feita, envolvendo aspectos ligados ao patrimônio e a trama morte e vida, inerentes ao contraponto entre cemitério e turismo, buscando entender as relações existentes.

O interesse pela temática surgiu após conhecer a existência dos cemitérios como um local turístico, durante a graduação. Foi intensificado pela participação no projeto denominado “*Marmorabilia: Inventário da Memória Tumular do Rio Grande Do Sul: Cemitérios São José (Porto Alegre) e Cemitério da Santa Casa de Misericórdia (Pelotas)*”, do Curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), coordenado pela professora Dr<sup>a</sup>. Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho. O projeto, ainda existente, tem a finalidade de catalogar as obras de arte, símbolos iconográficos e diferentes manifestações/transformações culturais do espaço cemiterial. Como resultado da participação no projeto e do interesse pela pesquisa sobre esse assunto, foi produzida a monografia intitulada “O Quadro Velho do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula/Pelotas como atrativo turístico”, apresentada no ano de 2013, e orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dalila Müller.

O trabalho aqui desenvolvido para o Mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Luiza Cardinale Baptista, é um estudo transdisciplinar, em que estão entrelaçadas as áreas Turismo, Comunicação e Subjetividade, em coerência com o grupo de pesquisa Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, que realiza reuniões e debates denominados ‘Encontros Caóticos’ os quais auxiliam as pesquisas, através do entrelaçamento de assuntos diversos, com orientações em grupos e individuais.

Este trabalho também está em consonância com a Linha 2 do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da UCS, “Turismo, cultura e educação”, que envolve temáticas como cultura contemporânea, turismo e patrimônio cultural material e imaterial, comunicação e turismo, turismo cultural, entre outros (UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 2014).

Alguns sinalizadores da relevância da pesquisa podem ser mencionados: a ambiguidade nas expressões que se referem ao turismo em cemitérios; insuficiente produção acadêmica sobre a temática, para os objetivos desta pesquisa; a marginalização, pelo senso comum no discurso sobre a morte; a necessidade de ampliação de conhecimento sobre o cemitério e seus itens fúnebres, na sua dimensão de patrimônio material e imaterial; e o aumento pela procura de turismo em cemitérios, que sinaliza para a relevância da discussão da trama morte e vida.

Durante o processo concepção da pesquisa, questionou-se sobre o motivo que mobiliza o sujeito, ao se deslocar para um local considerado mórbido, sombrio e representativo de dor e sofrimento, em contraponto à atividade turística, que comumente é associada ao prazer e a vivências alegres. Entre os questionamentos preliminares, pode ser citado: o que está imbricado na interface dos aspectos patrimônio, morte, vida e turismo, que aciona o sujeito para as necrópoles? A partir desse questionamento preliminar e do processo de construção do projeto de pesquisa, chegou-se à seguinte questão, verificada na atividade turística, realizada no Cemitério da Consolação, na cidade de São Paulo: Quais os aspectos do cemitério, relacionados com o patrimônio e a trama morte e vida, potencializam a necrópole com atrativo turístico?

A metodologia deste trabalho tem orientação qualitativa exploratória, através da utilização da Cartografia dos Saberes, estratégia metodológica cartográfica, proposta por Baptista (2014), estratégia que foi aplicada no cemitério da Consolação em São Paulo/SP. Em termos de técnicas de pesquisa, foi realizada a visita ao cemitério, a observação sistemática, o registro de imagens, a análise de documentos e a entrevista com o condutor das visitas guiadas, Francisvaldo Gomes e as aproximações em conversas com os gestores, funcionários, prestadores de serviços e visitantes.

A dissertação foi estruturada em sete capítulos, que foram numerados em associação à denominação ‘badalada’. Depois desta primeira badalada, de caráter

introdutório, a segunda badalada traz o delineamento das opções metodológicas escolhidas para a pesquisa. Nele estão descritos os métodos e técnicas utilizadas para a coleta de dados.

A terceira badalada discute os conceitos relacionados ao turismo, em uma perspectiva que considera a subjetividade na atividade turística. Nesse sentido, aborda-se o turismo em cemitério, o sujeito-trama do turismo e a trama morte e vida existente nas necrópoles, proposta defendida neste trabalho. Há, também, um debate sobre os dispositivos potencializadores que podem mobilizar o sujeito às necrópoles.

A quarta badalada é composta pelo histórico dos cemitérios, os pressupostos relativos ao patrimônio material e imaterial adotados nesta pesquisa e as associações e grupos que trabalham com publicações e ações para preservar os cemitérios e bens fúnebres.

A quinta badalada direciona o leitor ao objeto empírico de pesquisa, contemplando o histórico da cidade de São Paulo, o cemitério da Consolação, o órgão de proteção patrimonial do Estado de São Paulo, o CONDEPHAAT.

A sexta badalada refere-se à descrição, análise e discussão dos dados dos materiais inicialmente estabelecidos, bem como daqueles que emergiram durante a pesquisa em campo. Após, na sétima badalada, estão as considerações finais, seguidas das referências, apêndices e anexos.

O texto que segue foi pensado como uma espécie de 'visita guiada' aos cemitérios e, em especial, ao Cemitério da Consolação. Trata-se, assim, do relato de uma viagem investigativa, marcada pelas badaladas, conforme exposto no sumário. As badaladas referem-se ao modo como os funcionários do cemitério da Consolação se comunicam, e este fato está detalhado nos dados de campo, presentes na quinta badalada. Tudo a seu tempo. Vamos, agora, à segunda badalada.

## SEGUNDA BADALADA - ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste trabalho tem orientação qualitativa exploratória e está ancorada no aspecto teórico-metodológico transdisciplinar. Uma pesquisa exploratória objetiva a aproximação de um assunto ainda pouco conhecido/explorado, como é o caso do turismo em cemitério. Para Kauark, Manhães e Medeiros (2010), a pesquisa qualitativa:

[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (KAUARK, MANHÃES E MEDEIROS, 2010, p. 26).

Utiliza-se, como estratégia metodológica, a Cartografia de Saberes, proposta por Baptista (2014). Com base no conceito de Cartografia, conforme Suely Rolnik (1989), Baptista, em sua proposição metodológica, envolve uma abordagem transdisciplinar com pressupostos teóricos da ciência contemporânea, a qual, segundo a autora, é marcada pela incerteza e por ações que vão surgindo ao longo da pesquisa. Baptista (2014, p. 344) expõe: “[...] não existe ‘um’ único caminho, mas o que eu denomino de trama de trilhas’ e possibilidades a serem acionadas, ou seja, uma pesquisa sem aprisionamentos”. Segundo a autora:

O que está em jogo, portanto, é a orientação de mobilização desejante dos produtores de conhecimento em Turismo, dos sujeitos que fazem as investigações científicas, no sentido de oferecer-lhes uma orientação metodológica mais humana e coerente com o cenário caosmótico que caracteriza a trama das relações humanas, econômicas, dos sujeitos e operadores do Turismo. Assim, com essa minha proposição, na perspectiva da Cartografia de Saberes, a metodologia deixa de ser uma engrenagem dura e rígida, definida *a priori*, e passa a ser construída no processo, a partir de sinalizadores. (BAPTISTA, 2014, p.4)

A primeira grande trilha é composta pelos Saberes Pessoais, em que o pesquisador expõe o que sabe sobre o assunto. Nesta trilha, são considerados os próprios pensamentos e saberes sobre a temática escolhida para a pesquisa. A ideia é partir do que o próprio pesquisador traz como bagagem de conhecimento, para

construir novos percursos. A segunda trilha é a de Saberes Teóricos, momento em que a teoria a respeito da (s) temática (s) envolvida (s) é/são exposta (s). “Vai buscar os saberes dos outros, em textos que tragam informações a serem trabalhadas para acrescentar aos seus saberes pessoais”. (BAPTISTA, 2014 p. 10). A terceira trilha é o Laboratório de Pesquisa, que mais recentemente a autora está chamando de “usina de produção”, processo a partir do qual são criadas situações para que o pesquisador viva a pesquisa (prática), ou seja, para desencadear ações investigativas.

[...] poder pensar algumas situações concretas que permitam entrar em contato direto com o que está estudando, com o que pretende abordar. Isso vai depender do tipo de pesquisa, do objeto de estudo, mas sugiro observação sistemática, conversas informais, exploração preliminar de materiais e/ou documentos, enfim, devem ser acionadas técnicas de aproximação com o fenômeno a ser estudado (BAPTISTA, 2014, p. 10).

No texto em que apresenta as bases da Cartografia de Saberes, a autora explica que as experiências, assim como o conhecimento produzido na pesquisa, devem ser registradas em um diário de campo. Destaca o fato de que muitos investigadores estão pesquisando, mesmo sem perceber, porque não aprenderam a sistematizar suas ações investigativas. Nesse sentido, o deslocamento para visitas preliminares também é considerado como um momento de pesquisa, ainda que não se tenha definido claramente o conjunto de procedimentos a serem utilizados para um ‘mergulho mais profundo’ na realidade investigada. No campo, é possível priorizar e definir critérios para as escolhas, pois, “as decisões de campo precisam ser tomadas com base em saberes que emergem do próprio campo da pesquisa” (BAPTISTA, 2014, p. 10). O que a autora quer dizer é que a forma de pesquisa, assim como novos questionamentos e direcionamentos, pode surgir da própria investigação e que problemáticas não pensadas anteriormente podem brotar durante o processo.

Além das trilhas, há ainda o que Baptista denomina de Pensamentos Picados, momento em que há “brotações autônomas” do sujeito-pesquisador, os quais são ideias que surgem e que podem ser tramadas na proposta da pesquisa. Na perspectiva da Cartografia de Saberes, o trabalho foi realizado a partir de duas grandes trilhas: o eixo teórico e o eixo operacional. No eixo teórico, as primeiras pesquisas foram feitas, após apresentar a temática de turismo em cemitérios como

objeto de interesse (no início de 2014). A partir de então, foram definidas trilhas teóricas que serviram de suporte conceitual para o desenvolvimento deste trabalho. Foram definidas as áreas transversais aos estudos, ou seja, temáticas entrelaçadas com o turismo cemiterial. Definiu-se uma trilha investigativa: “TURISMO CEMITERIAL - O cemitério como dispositivo potencializador do turismo, considerando a trama morte e vida nas necrópoles”.

A partir desta trilha, foram destacadas as palavras-chave, que pudessem ter o máximo de relações referentes ao título guia: turismo, cemitério, túmulo, sepultura e morte. A palavra principal era turismo e foi combinada com todas as outras, tendo sido formadas as combinações Turismo Cemitério, Turismo Sepultura, Turismo Túmulo, Turismo Morte. Também foram pesquisadas as expressões “necroturismo”, “turismo cemiterial”, “turismo fúnebre”, turismo em cemitério e “*dark tourism*”.

Os levantamentos preliminares foram feitos nos periódicos do banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES nos itens: Buscar Assunto, Buscar periódico, Buscar livro, Buscar base e Acervo (todas as áreas do conhecimento). A pesquisa foi feita em agosto de 2014 e foram encontrados os seguintes dados:

- No item “Buscar assunto”: Turismo Cemitério: 8 resultados (todos artigos) um relevante para minha pesquisa, Turismo Sepultura: 20 resultados (todos artigos) nenhum relevante para minha pesquisa, Turismo Túmulo: 6 resultados (todos artigos) nenhum relevante para minha pesquisa, Turismo Morte: 140 resultados (dissertações e artigos) uma dissertação relevante para minha pesquisa. Nas expressões necroturismo, turismo cemiterial, turismo fúnebre, turismo em cemitério e dark tourism, nenhum trabalho foi encontrado.
- No item Buscar periódico: Esse item solicita escolher as áreas de conhecimentos disponíveis que são: Ciências Agrárias, Ciências Ambientais, Ciências Biológicas, Ciências de Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais aplicadas, Engenharia, Língua Portuguesa, Letras e Arte, Multidisciplinar. Foram pesquisadas as áreas de Ciências Humanas, Ciências Sociais aplicadas e, Multidisciplinar, no entanto nenhum trabalho foi encontrado para nenhuma das combinações.

- Nos itens Buscar livro, Buscar base, Buscar acervo: Nenhum trabalho foi encontrado em todas as combinações feitas.

Com a continuidade das pesquisas, outras leituras foram acrescentadas a partir de um novo título “TURISMO CEMITERIAL - Um estudo sobre o cemitério como patrimônio e dispositivo potencializador do turismo, considerando a ambivalência morte e vida das necrópoles”. A partir deste momento, as palavras-chave para a pesquisa foram: cemitério, patrimônio material, patrimônio imaterial, afetivações, turismo e turismo cemiterial. As novas pesquisas, além do Banco de Teses da Capes, foram feitas no Repositório da Universidade de Caxias do Sul, durante o ano de 2015.

No curso de mestrado e doutorado em Administração, mestrado em Biotecnologia, Biotecnologia e Gestão Vitivinícola, doutorado em Biotecnologia, mestrado em Educação, mestrado em Engenharia de Processos e Tecnologia, mestrado em Engenharia e Ciências dos Materiais, mestrado Profissional em Engenharia e Ciências Ambientais, mestrado em Engenharia Mecânica, mestrado em Ensino de Ciências e Matemática, mestrado em Filosofia, mestrado em História, mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, doutorado em Letras - Associação Ampla UCS e UniRitter, não foi encontrado nenhum trabalho relevante para esta pesquisa.

No mestrado em Direito, foram encontrados três trabalhos relevantes para esta pesquisa; e no mestrado em Turismo, foram encontrados sete trabalhos relevantes para esta pesquisa. Além das bases de dados, o aporte teórico foi encontrado em reportagens de *sites*, revistas online e demais buscas *online*.

No eixo operacional, estão os procedimentos práticos da pesquisa, nos quais foram previstas e realizadas as seguintes atividades: visita ao cemitério; entrevista com o condutor Francisvaldo Gomes; aproximações em conversas registradas no diário de campo, com gestores, funcionários, prestadores de serviço e visitantes; registro de imagens; e análise de documentos e de material informativo. Para a solicitação e autorização inicial da pesquisa em campo, foi realizado um contato telefônico com Francisvaldo Gomes, no mês de abril de 2015, e após sua concordância em colaborar com o trabalho, foi construído o termo de consentimento livre e informado (APÊNDICE A).

As atividades em campo no Cemitério da Consolação foram estruturadas da seguinte forma: aproximações investigativas com conversas informais com os trabalhadores da necrópole; entrevista com Francisvaldo Gomes e o percurso no cemitério, seguido o roteiro previsto por Francisvaldo. A seguir, foram considerados, para análise, os folders do cemitério.

**A visita** ao cemitério ocorreu, para realizar uma observação da estrutura local e do ambiente subjetivo. A visita foi realizada de 16 a 20 de agosto de 2015, no horário das 9h às 12h e das 14h às 18h. Alguns dos itens analisados foram: disposição espacial do cemitério, arte, iconografias, estado de conservação das sepulturas e das vias de acesso dentro do cemitério (iluminação, limpeza, placas informativas). No viés de subjetividade, foram observados os sujeitos visitantes, sua movimentação, trajetória, atitudes, gestos e fala. Foi previsto o acompanhamento de um grupo de visitantes, para verificar de que forma o passeio é conduzido, o que é ressaltado e quais as impressões do visitante sobre a visita; no entanto, durante os quatro dias visitados, não houve visitas em grupo.

**A entrevista** com o condutor Francisvaldo Gomes Almeida Gomes, que exerceu o cargo de sepultador entre os anos de 2000 e 2001. Francisvaldo Gomes aprendeu sobre o Cemitério da Consolação com o historiador Délio Freire dos Santos, substituindo-o sempre que necessário até a morte deste. Em 2002, Francisvaldo Gomes assumiu a condução das visitas (G1, 2013). Ele expõe que foi em São Paulo que criou sua família e retribuiu esse fato, com a divulgação da história do cemitério, "Eu ajudei a construir essa cidade, ainda como servente, e hoje sou um educador". (G1, 2013).

Além da entrevista com Francisvaldo Gomes, foram feitas "aproximações investigativas" (termo cunhado pela orientadora), através de conversas informais, que foram registradas em diário de campo. Essas conversas foram realizadas com os demais funcionários, alguns prestadores de serviços e alguns visitantes. Neste texto, a referência a essas pessoas é feita através de pseudônimo, para preservar suas identidades.

Após a autorização realizada por telefone, por Francisvaldo Gomes, a pesquisa foi autorizada formalmente, através do "Termo de consentimento livre e informado", assinado pelo condutor no dia 17 de agosto de 2015, durante a pesquisa em campo. Também houve a autorização para a pesquisa em campo, por parte da



Assessoria de Comunicação do Serviço Funerário do Serviço do Município de São Paulo, realizada através de e-mail no dia 15 de julho de 2015 (anexo A). Pelas características de informalidade das conversas com os outros sujeitos, não foram assinados termos de consentimento, já que se tratou apenas de “aproximações investigativas, que vão contribuindo para uma visão mais ampla e densa do ambiente em que se produz a investigação”<sup>1</sup>.

Após os primeiros contatos e autorizações para a pesquisa, foram necessárias as autorizações para a divulgação, com fins acadêmicos, dos dados coletados. Esta autorização foi feita por e-mail, no dia 22 de janeiro de 2016.

A entrevista com Francisvaldo Gomes, com gravação de áudio, ocorreu no dia 17 de agosto de 2015 e teve duração de aproximadamente 1h e 30min. Foi realizada também, uma visita guiada em alguns pontos do roteiro existente no Cemitério da Consolação, com áudio gravado, no dia 20 de agosto de 2015, que teve duração de aproximadamente 1h e 12min. A entrevista realizada foi semiaberta e foi elaborada em função de dos objetivos, conforme quadro abaixo:

Quadro 1: Questões relacionadas ao objetivo específico 1

Objetivo específico 1	Questões relacionadas
Apresentar características do cemitério, demonstrando a sua condição de bem patrimonial material e imaterial;	Estrutura do cemitério: Tem planta? (solicitar cópia) Quantas pessoas aproximadamente estão sepultadas no cemitério? Tem banheiro? Quantos? (ver condições) Estacionamento? Para quantos carros? (ver estrutura) Quantos funcionários? Tem organograma? Quem administra? Qual o tamanho dá área? (ainda pode se expandir?) O sepultamento é realizado pela prefeitura ou empresas privadas? Como funciona? Preço das sepulturas (perguntar?) Oferece cremação? Como está dividido o cemitério? Tem alas? Extras: ver se as ruas têm nomes, se há calçamento. Existe algum arquivo histórico sobre o cemitério? Como eram feitos os sepultamentos antigamente? Existe segurança? Qual o último período em que a arte tumular

<sup>1</sup>BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Declaração pessoal. Diário de Campo. Registro em 02 de outubro de 2015.

	<p>é mais presente?</p> <p>Desde que você trabalha aqui, você percebe um aumento ou diminuição nas visitas às sepulturas? Por que você acha que isso acontece?</p>
--	--

Fonte: Elaboração própria (2015)

## Quadro 2: Questões relacionadas ao objetivo específico 2

Objetivo específico 2	Questões relacionadas
Discutir os conceitos existentes e a prática de turismo nos cemitérios.	<p>Quando começou a ideia de desenvolver turismo cemiterial?</p> <p>Quem teve a ideia?</p> <p>Quem organizou o roteiro? Por que está organizado desse modo? Mais de um roteiro?</p> <p>Existe algum apoio por parte da Secretaria de Turismo? Qual?</p> <p>Existe algum item fúnebre tombado pelo IPHAN? Quais? Qual foi o primeiro?</p> <p>Como que o IPHAN faz a manutenção? (eles fiscalizam ou o cemitério avisa quando precisa de intervenção?)</p> <p>Existe muita procura pelo roteiro?</p> <p>Quem são os visitantes que procuram o roteiro? Há um controle do número de turistas?</p> <p>Trabalham com capacidade de carga?</p> <p>Existem visitantes internacionais?</p> <p>Existe uma estimativa de quantas pessoas visitam este roteiro?</p> <p>E o cemitério como um todo?</p> <p>Quais os dias e horários do roteiro? Foi sempre assim? (o que mudou ao longo do tempo, trajeto, horário, as sepulturas apresentadas)</p> <p>Quem elaborou?</p> <p>O que as pessoas buscam nesse roteiro?</p> <p>Quais as perguntas mais frequentes durante o roteiro?</p> <p>Tempo estimado do trajeto do roteiro?</p> <p>Tem ideia de quantos trabalhos acadêmicos sobre o cemitério foi feito?</p> <p>Qual o foco? (turismo, sociologia, história, etc?)</p> <p>Utilizam o espaço para outras atividades que não seja sepultamento e as visitas? Quais?</p> <p>Existem sepulturas tombadas? Quais são?</p> <p>Como é feita a manutenção das sepulturas?</p> <p>É de responsabilidade da família? As do roteiro também?</p> <p>Existe muita procura por santos populares.</p> <p>Tem algum conto popular um conto folclórico sobre o cemitério?</p> <p>As pessoas que visitam familiares são mais jovens ou idosos?</p> <p>As pessoas que visitam o roteiro são mais jovens ou idosos?</p>

Fonte: Elaboração própria (2015)

Quadro 3: Questões relacionadas ao objetivo específico 3

Objetivo específico 3	Questões relacionadas
Apresentar a discussão relativa aos dispositivos de potencialização do turismo em cemitério, considerando a trama morte-vida;	<p>Quem é o Francisvaldo Gomes? Solicitar que ele fale um pouco dele.</p> <p>Buscam visitar quem está morto ou buscam as lembranças de quem está vivo?</p> <p>Elas vêm visitar os mortos ou vêm recobrar o que havia de vida?</p> <p>Você acha que nos cemitérios as pessoas buscam mais a morte ou a vida.</p> <p>História pitoresca ou curiosa do cemitério?</p> <p>Engraçada, curiosa, ou deu muito trabalho.</p> <p>O senhor já visitou outros cemitérios?</p>

Fonte: Elaboração própria (2015)

Essa estrutura demonstra um roteiro de questões ‘orientadoras da entrevista’, mas que não se limitam às perguntas inicialmente propostas. São perguntas flexíveis, mas que seguem uma coerência pela busca de assuntos relacionados ao objeto de pesquisa. (MOREIRA, 2006) Pelo fato de a pesquisa poder ser modificada em campo, as questões elaboradas para a entrevista seguiram o que consideramos como sendo as quatro áreas principais do trabalho: cemitério, turismo, patrimônio, morte e vida.

Além da entrevista e roteiros com áudio gravados, durante os dias na pesquisa em campo, em vários momentos, houve questionamentos feitos a Francisvaldo Gomes. Também foi realizada conversa com um representante da Assessoria de Comunicação do Serviço Funerário de São Paulo/SP no dia 19 de agosto de 2015, bem como 22 prestadores de serviço do Cemitério, dos dias 18 ao 20 de agosto de 2015 e 5 visitantes no local, nos dias 18 ao 20 de agosto de 2015.

Destaca-se, aqui, ainda, o **registro de imagens** através de fotografias dos túmulos, arte tumular, alamedas e demais itens que compõem a estrutura física e o modo de utilização do cemitério. A imagem fotográfica é uma tendência cultural visual e parece ser um fato intrínseco à nossa realidade e que pode contribuir para a reflexão dos diversos aspectos envolvidos neste estudo.

[...] quando uma narração visual que utiliza da fotografia é articulada com um texto escrito que, por sua vez, já alcançou a sua legitimidade, ela só tem a contribuir – da mesma forma que a poesia e a literatura – para enriquecer e facilitar as interpretações dos dados, particularmente quando estes resultam de universos sociais cuja densidade e complexidade crescem a cada dia e nos quais as imagens se impõe cada vez mais como elementos próprios à sociabilidade, como reveladores das diferentes práticas culturais. (ACHUTTI, 2004, p. 83)

Para a utilização de fotografias, foi necessária que as mesmas fossem feitas, em alguns casos, sem a identificação do nome da família do falecido. Nas sepulturas de Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Ruth Cardoso, entre outros, não foram permitidas fotografias em função dos direitos autorais. No caso de pessoas públicas em que não há mais familiares vivos, foi permitida publicação, mediante autorização. As fotografias selecionadas para a dissertação foram enviadas para a Assessoria de Comunicação do Serviço Funerário e foram autorizadas para a publicação (anexo B). Este fato foi acordado em campo, devido principalmente em cumprimento ao artigo 5º da Constituição Brasileira<sup>2</sup> conforme informado, em um dos primeiros contatos com o campo.

No caso de pessoas públicas em que não há mais familiares vivos como Marquesa de Santos<sup>3</sup>, Maria Judith de Barros, entre outras sepulturas, a publicação, conforme Francisvaldo Gomes é um pouco mais permissível. No entanto, também ficou acordado em campo que toda e qualquer imagem feita durante a coleta de dados, seria enviada para a autorização do Serviço Funerário. Neste caso, as fotografias aqui expostas foram autorizadas.

Houve, também, para efeitos desta pesquisa, um trabalho de **análise de documentos**. Os documentos são materiais indispensáveis na constituição histórica de um determinado objeto/temática. Essa constituição é feita pelo pesquisador. Por isso, cabe ressaltar que o ponto de partida de uma investigação não é a observação deste documento, mas sim a formulação de um questionamento, de uma dúvida. É necessário que haja uma dúvida, pois é esse fato que irá determinar quais fontes utilizar. As suspeitas do pesquisador, as perguntas feitas frente ao documento, são tão significativas quanto o próprio documento. Sendo assim, os questionamentos é que vão dar sentido ao documento no momento da pesquisa, em síntese, “[...] a análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim. No caso da pesquisa científica, é, ao mesmo tempo, método e técnica” (MOREIRA, 2006, p.271-272).

Os documentos considerados para esta pesquisa foram:

---

<sup>2</sup>Refere-se aqui, ao inciso X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação, que encontra-se no TÍTULO II DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS/CAPÍTULO I DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS, Art. 5º. **GOVERNO FEDERAL**. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm) > Acesso em: 24 abril 2016.

<sup>3</sup>Conforme informação em campo fornecida pelo condutor Francisvaldo Gomes.

- a) folder com desenho da estrutura do cemitério;
- b) fotografias;
- c) materiais de divulgação online sobre cemitério;
- d) demais materiais, cuja indicação emergiu do trabalho de campo: folder de trilha ecológica de outro cemitério, materiais informativos do serviço funerário, cartão de visita de funcionário do cemitério da Consolação.

Foi pensada também, a análise de legislações referentes aos cemitérios de São Paulo; no entanto, as legislações encontradas, dizem muito a respeito sobre metragens, formas de sepultamento, questões ambientais, etc. que não contribuem para a intensão do trabalho. Por este motivo, estas legislações não são apresentadas.

Vale ressaltar que as técnicas e materiais utilizados nesta pesquisa foram sendo definidos no próprio percurso da investigação, o que significa que não são propostas como únicas possibilidades de escolha, mas correspondem à orientação metodológica da Cartografia de Saberes. Os dados coletados estão apresentados sob a forma de fotografias, mapas, textos e quadros, tendo sido analisados. Foram posteriormente contrapostos com o referencial teórico, a fim de que a teoria e os dados coletados fossem discutidos.

Enfim, nesta 'badalada' foram apresentados aspectos sinalizadores dos caminhos percorridos para fazer a pesquisa. São reflexões e critérios a respeito das escolhas, considerando que as trilhas são muitas. Ficam aqui delineadas, sendo que as mesmas trilhas serão retomadas na descrição dos resultados. Vamos à próxima badalada!

## TERCEIRA BADALADA - TURISMO

O turismo é uma atividade global, multifacetada e complexa e que merece investigação constante. Como se trata de campo essencialmente transdisciplinar e em constante mutação, não se pretende, aqui, conceituar o “turismo”, como algo estanque, mas, sim, expor, como substrato para a discussão, alguns conceitos já existentes, que corroboram com esta pesquisa. É uma ilusão pensar que uma definição consensual, única, consiga explicar toda a complexidade que é o turismo. Quando é feita a pergunta: “o que é turismo?”, vê-se a necessidade de revisar distintas ideias frente a um questionamento que parece ingênuo, e que, muitas vezes, está construído com proposições simples, que não dão conta da complexidade e da dificuldade que é pensar o turismo.

Nesse sentido, a construção aqui realizada não pretende esgotar o conceito, mas, sim, pensá-lo de um modo que se afaste de padronizações, o que seria uma armadilha para a constituição do turismo na atualidade: um turismo complexo, fluído, com características subjetivas e que não existe apenas em função da geração de divisas ou de sua operacionalização. Geralmente, as definições acerca da atividade, destacam as mais diversas características, mas o que se percebe é que esses conceitos parecem ser direcionados, devidamente esquematizados, em função de uma formulação teórica que nunca é suficiente para pensar o turismo de modo integral. Para este trabalho, foram pensadas ideias que compreendam o turismo pelo viés subjetivo, que contemple o sujeito e o turismo, em uma ideia que perpassa a rigidez conceitual, a solidez, a austeridade. Conforme Moesch (2002, p. 9)

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamento entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, ao meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório dessa dinâmica sócio cultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade [...].

Os cemitérios, assim como o turismo, se compõem de uma base sociocultural e apresentam uma objetividade e subjetividade, conforme vem sendo afirmado nesta pesquisa. Apesar de seu patrimônio material ser aparentemente estanque, o pensamento e uso sobre ele estão permeados de subjetividade, de ideias que ultrapassam o aspecto tangível. Segundo Moesch e Gastal (2007), o embate entre o

novo e o inesperado produz um processo de “[...] mobilização subjetiva que levaria a re-olhar, a repensar, a reavaliar, a ressignificar não só a situação, o ambiente, as práticas vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas muito de suas experiências passadas” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 17-18).

São as experiências turísticas que nos dizem mais sobre o turismo do que propriamente a sua organização, sua estrutura, sua gestão. Não se nega a importância e relevância destes itens mencionados, mas considera-se que a reflexão sobre a construção do turismo supera as questões que envolvem o mercado, e esse entendimento que ultrapassa o mercadológico é fundamental para se compreender a atividade, assim como a produção científica. O campo do turismo, para a pesquisa, é vasto e ainda possui muitas lacunas a serem preenchidas, mas pensar a atividade pelo viés subjetivo, pela experiência, pela ressignificação dos locais, é considerar que o turismo é mais amplo do que o simples fato de organizar um roteiro. Assim, acredita-se que pensar o turismo, através das vivências, de suas valorações e dos sujeitos envolvidos é algo que aumenta as possibilidades teórico/conceituais, no sentido de compreender e explicar o que significa esta atividade para a sociedade. O objetivo não é buscar novos conceitos, mas trazê-los para uma ideia que proponha novos modos de pensar a atividade turística, de tal modo a perceber as conexões transdisciplinares e experienciais, com outros campos de conhecimento.

Para Boiteux e Werner (2009), a atividade turística ultrapassa as questões de consumo e propõe uma interação, promovida pela experiência, contribuindo para o desenvolvimento pessoal.

[...] o indivíduo se converte em turista, rompendo os estilos e assumindo um perfil físico e mental diferenciado. Assim, podemos concluir que o turismo é uma experiência hedonística, uma forma de alienação e construção, que, com o avanço da tecnologia e acelerada urbanização, rompe barreiras elementares de consumo rotineiro [...] (BOITEUX, WERNER, 2009, p.127).

Ainda que se tente compreender os elementos que constituem o turismo através do aceleramento da tecnologia, é a relação entre o turismo e a subjetividade frente aos aspectos da atualidade, que vai dar aportes para uma reflexão profunda sobre o que é a atividade turística/turismo. Mesmo no cenário em que as condições estruturais do capitalismo promovem uma mobilidade maior para o trânsito turístico,

há de se pensar na subjetividade, no lugar que ela ocupa e que irão definir a relação entre o sujeito e o local visitado.

Para Panosso Netto (2013, p. 14), o turismo “[...] pode ser uma prática que carrega consigo um grupo de representações sociais”. Esta abordagem também diz respeito ao turismo nos cemitérios, se o cemitério for considerado como uma representação da sociedade. Geralmente o turismo nesses locais ressalta a cultura, a iconografia e a arquitetura, materializadas na forma de arte tumular, com destaque para a memória das personalidades ali sepultadas, através de seus feitos. Entende-se, nesse sentido, que a ênfase é para o registro da vida sepultada.

O que leva os sujeitos para as necrópoles e de que forma os destinos turísticos podem ser potencializados, a fim de corresponderem às expectativas dos turistas é uma das temáticas que transversaliza este trabalho, embora não seja o foco exclusivo.

Os diferentes conceitos sobre turismo nos possibilitam pensar a utilização dos cemitérios para a atividade turística, de modo que ultrapasse as questões comerciais para que possamos entender a relação que existe entre o local visitado, o que o envolve e o visitante. São entendimentos sobre o turismo que contemplam o físico e o subjetivo, em uma trama existente e necessária, mas que não é usualmente discutida/debatida<sup>4</sup>.

A contribuição do turismo para os cemitérios e dos cemitérios para o turismo dependerá de onde se quer chegar com o desenvolvimento da atividade; por isto, há a dificuldade de se pensar o turismo em cemitérios de uma forma que não contemple apenas as questões comerciais/estruturais, ainda que estas sejam necessárias. Aqui o turismo é entendido com uma atividade voltada para as reflexões humanas e não necessariamente para o mercado, ainda que se acredite no caráter potencializador para a atividade, a partir desta reflexão, o que também tem implicações para o mercado, como consequência..

---

<sup>4</sup>Este entendimento está relacionado às discussões feitas com a orientadora conforme diário de campo (2014). Para Baptista, não há como pensar os lugares, os sujeitos e suas relações, de forma estanque e/ou isolada, pois tudo funciona como uma engrenagem, em que há uma interação, ainda que aparentemente distante, entre determinados objetos, sujeitos, conceitos, etc. Mesmo que essas ideias mencionadas pareçam afastadas, elas possuem uma relação, por fazerem parte de uma trama existencial.



Pensar nesse viés mais reflexivo implica em uma opção por dimensões de complexidade, pois são envolvidas contradições sobre vida e morte, uso dos recursos patrimoniais, definição sobre o que é o turismo, entre outros aspectos.

Essa perspectiva em torno do turismo não se restringe a simples críticas sobre seus conceitos. A ideia é buscar um entendimento de turismo que compreenda o cemitério como fator relevante para pensar sua atividade para além do viés mercadológico, uma vez que, em muitos cemitérios, como é o caso da Consolação, não é cobrado ingresso para visitação. A ideia então é de um turismo mais reflexivo em que vida e morte se entrelaçam e se fazem necessários, e que a desterritorialização em direção aos cemitérios seja compreendida também como cultura, como fenômeno social de interação e vivência de sujeitos em movimento.

Nessa ideia, o turismo em cemitérios torna-se um elemento integrador, dinamizando as visitas, que venha a contribuir para amenizar a situação de abandono em que algumas necrópoles se encontram. Tais contribuições citadas para pensar o turismo em cemitério relacionam-se, principalmente, com a disseminação de um turismo mais vivenciado, que possibilite tecer laços entre o campo dos mortos e seu entorno de vida, valorizando a própria necrópole e demonstrando os problemas referentes ao entendimento e aos fatores inerentes ao patrimônio ali existente.

Há ainda o conflito existente entre o entendimento do cemitério como um local majoritariamente sagrado e um local turístico. Essas ideias sobre o turismo, mencionadas pelos autores supracitados, nos permitem pensar na prática turística na necrópole como atividade que envolva lazer, aquisição de conhecimento ao mesmo tempo em que os hábitos fúnebres e o patrimônio ali existentes sejam respeitados, na dimensão de vida aqui proposta.

Por isso, essa abordagem sobre a atividade turística transforma-se em um importante meio para a compreensão da relação turismo e cemitério. Pode se entender que as experiências turísticas em cemitérios, ainda esbarrem em propostas não bem definidas. Percebe-se que a consolidação desta atividade é balizada pelo desentendimento entre gestores e pelos preconceitos sociais sobre os espaços fúnebres. O turismo proporciona a preservação e restauração dos bens fúnebres, no entanto, entende-se que a atividade turística não irá proteger integralmente todas as necrópoles, apenas aqueles que apresentam potencialidades e elementos tangíveis

e intangíveis que conduzam às visitas. Tudo dependerá dos conceitos utilizados ou da gestão que se tem da atividade.

O turismo é percebido, muitas vezes, como uma prática destrutiva em que o turista é visto como invasor, como um espoliador. O que se propõe debater aqui é a possibilidade de turismo sintonizado com as relações éticas, assim o turismo em cemitérios traz uma ideia de trama de entrelaçamentos, algo que sugere uma transformação da atividade ao longo do tempo, uma mudança no modo de se deslocar (para onde, quando, porque). Os fluxos globais nos deixam à mercê do movimento, das dinâmicas e, sendo assim, não há como identificar uma única análise que explique o fenômeno turístico, já que este fenômeno está em constante mutação e é desafiado pela globalização, pelas tecnologias, pela possibilidade de repensar o patrimônio, a atividade, os sujeitos.

No que diz respeito à contribuição do turismo para os cemitérios há de se pensar na história do turismo. Sua história é composta pelo deslocamento, o qual é inerente à humanidade. Mas que valores estão em jogo nesse deslocamento? Nesse sentido, considerando o processo histórico, há a possibilidade de pensar a ressignificação dos espaços utilizados pelo turismo. Assim, é possível pensar o turismo em cemitérios, como o encontro com uma vida inscrita, que está sepultada, uma vida que foi e que, através do turismo, continua sendo sinalizadora de devires. Não se propõe aqui, portanto, o turismo em cemitérios como o retorno ao passado, com aprisionamentos, mas, sim, acredita-se também que esse retorno encontra um passado que pode servir de inspiração, que pode conduzir o sujeito a ter ou não determinados atos. Entende-se que o que interessa do que passou é ter sinalizadores para devires.

Desse modo, fica claro porque a discussão, aqui, não pretende tratar o turismo como uma simples área de prestação de serviços que envolvam deslocamento, mas está relacionada com a política, a cultura, a economia e, por isso, tem que ser repensada o tempo todo. Faz parte de uma discussão maior, envolvendo um turismo que considera o lugar, as pessoas e não a obtenção do capital como objetivo primeiro. Conforme foi ressaltado, essa situação é pertinente aos cemitérios, pois a entrada para a visita não é cobrada. E cada um dos destinos pode ser ressignificado, assim como o cemitério e seu patrimônio, em função do turismo.

### 3.1 Turismo em cemitérios

Os cemitérios polêmicos “por natureza” são locais envoltos em mistério, fascínio ou repúdio. Os aspectos que os compõem e suas atuais formas de uso despertam sentimentos muitas vezes conflitantes, paradoxais. Uma das formas de utilização são as visitas e, um aspecto a ser destacado, nestas visitas às necrópoles, é a fé, uma intensidade abstrata que, conforme Baptista (2014), aciona os afetos. Trata-se de um dos acionamentos dos afetos do sujeito do turismo em cemitérios, que se associa a discussão sobre o que produz os movimentos, as afetivações, e a desterritorialização, em função do turismo.

A utilização dos cemitérios para fins turísticos passa pela discussão apresentada por Boullón (2002, p.77) no sentido de que “há possibilidade de destinar um espaço real a algum uso diferente do atual”, como vem ocorrendo com os cemitérios, ou seja, o estudo do turismo em cemitério abre a possibilidade de como elas podem vir a ser utilizadas e serem vistas pela sociedade para além da ideia de sepultamentos.

A relação entre cemitério e turismo pode provocar espanto, já que, conforme o senso comum, um representa a morte e o outro a vivência. No entanto, conforme vem sendo aqui defendido, o cemitério não abriga apenas a morte, mas também inscrições da vida. Através da arte e iconografia tumulares, há uma simbolização de morte e vida, expressa nas sepulturas, que proporciona uma reflexão sobre as existências e a finitude humana. O contraponto também foi percebido claramente no trabalho de campo, que será posteriormente narrado.

Vale ressaltar aqui, que a arte e a iconografia tumular tem a intenção em conservar a identidade da memória do falecido, de sua vida. Trata-se de uma forma de expressão humana, que tem a finalidade de cultivar lembrança. Desse modo. Ainda que se referindo à morte, ambas mantêm vivo o modo de vida de quem está ausente.

Ultrapassando superstições, é possível pensar o cemitério também como um espaço educativo, o que torna possível a atividade turística. O cemitério e o turismo são representações de manifestações sociais. Dessa forma, não há motivos aparentes para que o espaço não seja utilizado no turismo. Seja pela fé, pelas

personalidades ali sepultadas ou pela arte tumular, percebe-se que as necrópoles estão inclusas em vários destinos turísticos<sup>5</sup>.

No Brasil, os cemitérios mais conhecidos pela atividade turística são: Cemitério São João Batista, situado no Rio de Janeiro, e Cemitérios da Consolação e Araçá, localizados na cidade de São Paulo, seja pela história, arte, personalidade ou fé. Pode se mencionar, ainda, aqueles cemitérios visitados especificamente em função da fé, onde a crença em alguns santos populares mobilizam os visitantes. Na cidade de São Paulo, por exemplo, há o túmulo de Antoninho da Rocha Marmo e Maria Judith de Barros, no Cemitério da Consolação; São Bento do Portão, no Cemitério de Santo Amaro; Felisbina Muller, no Cemitério da Quarta Parada; Júlio César Rodrigues, no Cemitério da Penha; Menina Izildinha, no Cemitério São Paulo; e Menino Guga, no Cemitério do Araçá (GARCIA, 2014). Essas personalidades sepultadas são reconhecidas como santos populares já que lhes são atribuídos milagres. Em Manaus, no cemitério São João Batista, localiza-se o túmulo do rabino marroquino Shalom Emanuel Moyal, que também recebe visitantes (FOLHA, 2014).

Essas devoções utilizam a sepultura como santuário, o que é um fato comum nas necrópoles. No Rio Grande do Sul, ocorre, por exemplo, nas cidades de São Gabriel, Pelotas, Passo Fundo e Bagé:

Maria Isabel Hornos, a Guapa, é cultuada como santa do povo em São Gabriel, desde que foi assassinada, no carnaval de 1924. Outras cidades do Interior também têm seus santos populares, como a cigana Terena Carraro, de Pelotas, e a jovem Maria Elizabeth de Oliveira, que atrai caravanas todos os anos a Passo Fundo. [...] Seu túmulo guarda hoje várias placas de pessoas que acreditam terem promessas atendidas pela Guapa. [...] No Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula [...] Segundo os funcionários mais antigos do cemitério, o culto a Terena Carraro começou há cerca de 20 anos. Atualmente, o jazigo é o mais visitado, tanto na época de Finados como durante todo o ano. O túmulo, na parte mais antiga do cemitério, está sempre limpo e decorado com flores e oferendas de fiéis que acreditam em seus milagres e graças. Em Passo Fundo, o cemitério da vila Vera Cruz recebe durante todo o ano caravanas de outros estados e até de países

---

<sup>5</sup>Conforme percebido em algumas páginas sobre cemitério, arte tumular e turismo.

**BUENOS AIRES TURISMO.** Disponível em:

<<http://www.buenosairesturismo.com.br/passeios/cemiterio-da-recoleta.php>> Acesso em: 29 nov. 2014.

**TOUR OPERATOR.** Disponível em:

<<http://www.touropoperator.com.br/portal/stz04/default.asp?ids=MMMPAD&grpArea=pacotes-viagens&area=33580&grpLink=Excursao-a-pe-pelo-Cemiterio-Pere-LaChaise-em-Paris>> Acesso em: 29 nov. 2014.

**VIAJE AQUI.** Disponível em: <<http://viajeaqu.abril.com.br/estabelecimentos/franca-paris-atracao-cemiterio-pere-lachaise>> Acesso em: 29 nov. 2014.

**TRIP ADVISOR.** Disponível em: <[http://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g187823-d246201-Reviews-Staglieno\\_Cemetery-Genoa\\_Italian\\_Riviera\\_Liguria.html#photos](http://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g187823-d246201-Reviews-Staglieno_Cemetery-Genoa_Italian_Riviera_Liguria.html#photos)> Acesso em: 29 nov. 2014.

vizinhos. Os devotos buscam o túmulo de Maria Elizabeth de Oliveira, que morreu jovem, em 1965, vítima de acidente, e é considerada milagreira. Os fiéis costumam adornar o lugar com rosas vermelhas pois, segundo eles, as graças vêm precedidas pelo perfume da flor. (CORREIO DO POVO, 1998, p. 16)

Quando é mencionado o turismo nas necrópoles, em âmbito mundial, pode-se citar: Cemitério de Arlington e Hollywood Forever, nos Estados Unidos; Cemitério Highgate em Londres; Cemitério Staglieno e Cemitério da Ilha San Michele, na Itália; Cemitério Judeu de Praga, na República Checa; Cemitério Săpânța, na Romênia; La Recoleta, na Argentina; Necrópoles Cristóbal Colón, em Cuba; Montparnasse, Montmatre, Père Lachaise e Catacumbas de Paris na França; Cemitério Nossa Senhora de Almudena e Cemitério de Poblenau na Espanha; entre outros<sup>6</sup>.

As mobilizações para o deslocamento a esses cemitérios são diversas, segundo às peculiaridades que eles apresentam: personalidades ali sepultadas; a área verde existente; a arte feita em bronze, mármore e madeira; as ações culturais realizadas, a fé, etc.

Por se tratar de uma área consideravelmente nova, em termos conceituais, o turismo em cemitério também é mencionado como turismo fúnebre, turismo macabro, necroturismo, turismo de *fait divers*<sup>7</sup>, entre outras denominações. Essas concepções trazem consigo um sentido funesto, pressuposto insuficiente para a abordagem contida neste trabalho, em que, a partir da visão ecossistêmica e complexa, pretende-se reconhecer o cemitério também como campo de ressignificação da vida. Por isso, as denominações existentes, não são necessariamente condizentes com a prática turística em cemitérios, nem com a proposta deste trabalho, uma vez que muitos turistas procuram por vivências, experiências que lhes condicionem prazer, aprendizado, existência através da morte, o que não se restringe à dimensão de dor e sofrimento inerentes às denominações apresentadas acima.

---

<sup>6</sup>Os locais citados foram pesquisados em *blogues* de viagens, ou especializados em cemitérios/turismo cemiterial e em páginas online de agências de viagens:

**RZ TURISMO.** Disponível em: <<http://www.rzturismo.com.br/blog>, <http://www.nosnomundo.com.br>> Acesso em nov. de 2014

**MERIDIANOS.** Disponível em: <http://www.360meridianos.com>, <http://www.revistadeviagem.net>, <http://morte-cemiterios.blogspot.com.br>. Acesso em nov. de 2014

<sup>7</sup>A expressão "*fait divers*" do francês "fatos diversos" é um jargão jornalístico que indica assuntos que não são categorizados nas edições tradicionais dos veículos de comunicação. A explicação sobre a expressão foi feita pela orientadora deste trabalho, durante as discussões, conforme Diário de Campo (2014).

Em relação aos conceitos referentes ao turismo em cemitério, entende-se que a atividade necessita de revisão das definições, para que não fique restrita à significação vinculada a aspectos ruins e negativos. Hahne (2010, p.37) cita a atividade turística realizada em cemitério como: “[...] turismo mórbido, também conhecido como turismo negro, turismo sombrio, turismo necrófilo, turismo inusitado, turismo macabro, turismo de *fait divers*, entre outras denominações”. Há ainda a expressão *Dark Turismo*; no entanto, conforme Mario Beni (2014), a atividade turística em cemitério não deve ser considerada *Dark Turismo*, pois essa designação indica locais relacionados com a dor e sofrimento. É o que ocorre, por exemplo, com o turismo feito nos campos de concentração em Auschwitz-Birkenau, e também às visitas que foram feitas à Tailândia, para olhar os destroços ocasionados pelo tsunami que ocorreu em 2004.

Quanto ao turismo em cemitério, Beni (2014) expôs que a designação mais apropriada é “turismo de excentricidades”. Barbosa (2009, p.329), por sua vez, também menciona o turismo em cemitérios como “turismo de excentricidade”, sendo uma “[...] das formas extravagantes de turismo atualmente praticadas no mundo [...]”. Para a autora, esse turismo não é novidade e está em alta, como uma estratégia econômica dos próprios cemitérios. Conforme Ferreira (2009, p.350), o turismo de *fait divers* ou turismo necrófilo talvez possa ser conceituado como “[...] aquele no qual as pessoas são atraídas a visitar os lugares relacionados à dor e à morte, sejam eles cemitérios, memoriais, ou mesmo lugares onde ocorreram tragédias – genocídios, batalhas, etc”, como os campos de concentração do nazismo em Dachau e Auschwitz na Alemanha.

Observa-se que as denominações contêm ideias de algo exótico ou funesto, o que nem sempre é condizente com o turismo realizado nos cemitérios. Cabe salientar, conforme exposição de Beni (2014), que não necessariamente o cemitério será utilizado para atividades com funções ou interesses mórbidos. A apreciação da arte, iconografia, arquitetura, história, a sensação de aproximação em relação às personalidades ali inumadas e até mesmo a fé depositada nos santos populares podem ser alguns dos motivos que instigam o deslocamento dos visitantes até as necrópoles. Nesse sentido, nem sempre o turismo em cemitério estará necessariamente relacionado à morte, pois geralmente ela não ocorre ali. Não há apenas sofrimento e dor, há também manifestações dos vivos, que parecem desejar

um prolongamento da vida, da memória daqueles que não mais existem. Há uma necessidade de vida marcada pela iconografia, pelos epitáfios e pela arte tumular.

Um fator interessante de ser compreendido é o motivo pelo qual existe uma exaltação aos mortos. Quanto à atividade turística, isso é percebido nos túmulos das personalidades visitadas. Albert Camus expõe:

Não amaremos talvez bastante a vida? Já reparou que só a morte desperta os nossos sentimentos? Como amamos os amigos que acabam de deixarnos, não acha?! Como admiramos os nossos mestres que já não falam mais a boca cheia de terra! A homenagem vem, então, muito naturalmente, essa mesma homenagem que talvez eles tivessem esperado de nós, durante a vida inteira. Mas sabe por que somos sempre mais justos e mais generosos para com os mortos? A razão é simples! Para com eles, já não há obrigações. Deixam-nos livres, podemos dispor do nosso tempo, encaixar a homenagem entre o coquetel e uma doce amante: em resumo, nas horas vagas. Se nos impusessem algo, será a memória, e nós temos a memória curta. Não, é o morto que nós amamos nos nossos amigos, o morto doloroso, a nossa emoção, enfim, nós mesmos! (CAMUS, 1956, p. 28).

Sendo assim, o entendimento que se tem sobre a morte é decisivo para a constituição daquilo que se entende por turismo em cemitérios, no sentido que vem sendo abordado nessa pesquisa. Desse modo, a ideia é conceber o cemitério como atrativo turístico e ressignificá-lo para outras atividades, compreendendo a trama morte e vida nas necrópoles.

Ao observar os *blogues* e sites referentes à temática “cemitério e turismo”, percebe-se que a ênfase, para a valorização dos itens mencionados, foge de sua função inicial, a qual envolvia os sepultamentos. É o que ressalta Afonso (2010, p. 16): “[...] percebe-se que o uso do espaço cemiterial apresentado de forma diferenciada, fugindo da função para o qual foi concebido, retira a intencionalidade dada na criação do cemitério e cria uma nova forma de lazer, escapando do lazer mercadoria [...]”.

Se o cemitério for entendido como um lugar de cidadania, cultura, religiosidade e urbanidade, ou seja, como um campo de sentidos, significações e produções humanas, é possível compreender a utilização da necrópole para o turismo. O turismo nas necrópoles se contrapõe ao turismo de massa e apresenta-se crescente, talvez por envolver, ao mesmo tempo, experiências que congregam arte, cultura, história e memória, fornecendo, assim, um espaço para o compartilhamento de bens simbólicos e reflexão sobre a vida e morte. No turismo

em cemitério, estão contidos saberes humanos, o que faz com que o espaço cemiterial seja um local de vida e não apenas de morte.

Entender o espaço cemiterial, a comunidade, seu entorno e os visitantes possibilitará entender a utilização dos espaços fúnebres para o turismo. Inicialmente idealizado por questões sanitárias, o cemitério transforma-se em um artefato simbólico da sociedade em que está inserido. Ressalta-se, contudo, que a visitação às sepulturas não é atividade recente. Vale lembrar, por exemplo, que o primeiro guia turístico, surgiu no século XII, para mostrar aos peregrinos o caminho da sepultura do apóstolo Tiago, situada em Santiago de Compostela/Espanha.

Aymeric Picaud escreveu por volta do ano de 1140 uma espécie de guia do Caminho de Santiago, incluída no livro V do *Códex Calixtinus* também chamado "Liber Sancti Jacobi", que é considerado o primeiro guia turístico da história<sup>8</sup> (CAMINO DE SANTIAGO, 2014, s/p).

Borges (2002, p.148) destaca que a atividade turística nos cemitérios iniciou na década de 1980, quando, "[...] surgiu o modismo de se visitar cemitérios importantes na Europa e nos Estados Unidos. As agências de turismo procuraram criar pacotes turísticos específicos para esse novo cliente". Para Queiroz (2007), é a partir da década de 1990 que ocorre aumento na procura pela visita turística aos cemitérios.

Queiroz menciona que, no século XIX, surgem os primeiros cemitérios do período Romântico, que "[...] foram concebidos precisamente para serem visitados e admirados pelas obras de arte neles contidas, obras essas que eram muitas vezes representativas do que de melhor se fazia na época" (QUEIROZ, 2009, p.1). No final deste período, o cemitério como uma área de passeio começa novamente a perder o caráter de área de passeio, o que contribuiu para a deterioração dos espaços. A partir da segunda metade do século XX (a partir da década de 1960), no entanto, ressurge o interesse nos cemitérios como uma herança cultural e patrimonial. A vertente turística, por sua vez, inicia-se na década de 1990, tendência que segundo Queiroz (2009) deve ser ampliada no médio prazo.

---

<sup>8</sup>Tradução livre do original: "Aymeric Picaud escribió hacia el año 1140 una especie de guía del Camino de Santiago, incluida en el libro V del Códex Calixtinus, también llamado "Liber Sancti Jacobi".



### 3.2 Sujeito-trama e Trama Morte Vida

Neste texto pretende-se demonstrar a interação que há entre a morte, o morto e o luto, pois não é possível pensá-los de forma separada, isolada. Não é pretensão, neste item, demonstrar como ocorreram as transformações, ao longo do tempo, que envolvam a morte, o morto e o luto. Afinal, para isso, seria necessário percorrer toda a história da humanidade. Tampouco pretende-se esgotar o assunto que é amplo e complexo. O que se pretende aqui é sinalizar algumas mudanças que indiquem o motivo pelo qual há um distanciamento dos assuntos que permeiam a morte. A discussão, portanto, aproxima o leitor do projeto da 'trilha' trama morte e vida.

As transformações nos espaços destinados aos sepultamentos não ocorreram de forma isolada. A morte, as ações perante o morto e o luto também acompanham as mudanças sociais existentes, pois se trata de um fenômeno sociocultural. Segundo Morin (2002, p. 47), todas as temáticas que envolvem a morte, como "Ritos, funerais, enterros, cremações embalsamentos, cultos, túmulos, rezas, religiões, salvação, inferno, paraíso, marcarão as culturas e os indivíduos". Isto significa que todas as ações referentes à morte sempre estarão presentes na humanidade.

Para Schmitt (1999, p. 17), "[...] as crenças e o imaginário dependem antes de tudo das estruturas e do funcionamento da sociedade e da cultura em uma época dada". No período Medieval (do século V ao XV), por exemplo, segundo Schmitt (1999, p. 18), "a proximidade das sepulturas e das casas sustentava e justificava a preocupação mais intensa que os vivos tinham com seus defuntos". Com essa afirmação, pode-se presumir que existia uma relação mais estreita dos vivos com a morte.

Na cultura atual, não há uma relação aproximada entre os vivos e mortos como ocorria, por exemplo, na era medieval. Da Matta expõe que o luto não é mais coletivo, mas sim isolado. "É esse contexto de individualismo, como o princípio básico da vida social, que faz com que a morte apareça como um problema" (DAMATTA, 1977, p. 145). As formas de a sociedade sentir, pensar e manifestar-se perante a morte apresentam-se como um tabu. Em uma sociedade que demonstra distância nas relações pessoais, a finitude, assunto temeroso, também é afastada das discussões, dificultando, assim, o entendimento de um processo natural e inevitável.

Para Morin (2002, p. 46), a morte humana comporta uma consciência da morte onde se aniquila o indivíduo. Comporta, ao mesmo tempo, uma recusa desse desaparecimento, que se exprime, desde a pré-história, nos mitos e ritos da sobrevivência do duplo (fantasma) ou nos do renascimento num novo ser. Sobre o duplo (fantasma), Debray afirma que a imagem do morto, denominada por ele de duplo ou fantasma – protege do “espetáculo desolador da putrefação” (DEBRAY, 1994, p. 30)

Trata-se de uma operação de salubridade pública dissociar o duplo do cadáver instaurando, assim, a demarcação entre puro e impuro no seio do grupo – o que há de pior é a desonra pela confusão entre os dois. [...] Se a “vida é o conjunto das forças que resistem à morte”, o adereço, primeira réplica contra a morte, é uma força vital. Qualquer figura representa a prorrogação. [...] Ela veio trazer para os jazigos as alegrias da existência. (DEBRAY, 1994, p. 31)

Tal fato demonstra que a morte fascina, como enigma, mas aflige como uma realidade, seja pelos medos que ela suscita e também pela decomposição do corpo. Nessa dualidade, a realidade é complexa, tendo suas manifestações de luto muitas vezes, isoladas, silenciosas e afastadas, por ser considerado algo contrário à vida. Acredita-se, contudo, que, quanto mais conscientes estivermos sobre a nossa morte, maior será a possibilidade de se ultrapassar o sentimento de mistério e medo que a finitude acarreta. Essa separação definitiva, que inquieta o ser humano, pode ganhar outros entendimentos, quando percebemos que a morte é um processo natural e que dá origem a outros ciclos, ensinamentos e aprendizagens. Estes perpassam gerações e só seriam possíveis com a existência da morte; por isso, apesar de dolorosa, ela é um fato necessário.

Sendo assim, o luto, o cemitério, os ritos fúnebres e tudo aquilo que permeia a morte ganham outros sentidos, outras possibilidades de interpretação, a partir das quais a atividade turística pode ser desenvolvida e potencializada, numa relação simbiótica em que, ao mesmo tempo é beneficiada, pode dar uma contribuição para a ressignificação.

Em outro sentido, o turismo realizado nesse espaço talvez seja um modo de negar para si a morte, como se o visitante pudesse dizer: ‘Eu estou vivo, eu estou do lado de cá’. Ou também de pensar sobre a própria finitude. Segundo Morin (2002, p. 47), “[...] essa contradição torna-se, ao mesmo tempo, a fonte mais profunda da

mitologia humana e suscitará os exorcismos mágicos, religiosos, filosóficos, contra a morte”.

O filósofo La Rochefoucauld afirmava que “nem o sol nem a morte podem ser encarados fixamente” (2007, p. 18), ou seja, ambos perturbam. Provocando medo ou encantamento, a morte é algo inerente à humanidade, e não é um tema atual. Como um acontecimento social e psíquico, continua fornecendo múltiplas interpretações, pois são muitas as representações do homem frente à morte. Caracterizada pela incerteza e pelo medo, bem como pelo mistério, por ser algo que ainda se desconhece, a morte torna-se desafiadora e as mais diferentes culturas buscam, nos mitos, respostas que proporcionam remediar a angústia que ela gera.

Falar sobre a finitude, ao mesmo tempo em que provoca um incômodo, auxilia para entender a lógica sobre como a sociedade aborda esse fenômeno inevitável, já que se trata de uma questão fundamentalmente humana. O entendimento social diante da morte tem uma função decisiva na constituição e na manutenção da sua própria identidade e da identidade coletiva, fato que se altera conforme a contextualização histórica e cultural.

Se pensarmos nessa lógica, considerando a trama morte e vida proposta aqui, entendemos que ela decorre de processos inerentes à condição humana, logo, o cemitério que contém uma materialidade e imaterialidade é, na realidade, um campo produzido por sujeitos que são entrelaçados e compõem o campo subjetivo social. Socialmente as concepções sobre a morte foram se alterando com o tempo. Nesse sentido, a abordagem traz uma reflexão sobre a própria existência.

Falar abertamente da morte define uma atitude moderna e destemida diante da vida, algo que denuncia um questionamento “científico” e uma atitude “tranquila” e resignada face a um momento que, um dia, espera-se, será decifrado como tudo mais”. (DA MATTA 1991, p.146)

Na atualidade, morte e vida são entendidos com sentidos opostos e separados. Ela aparenta ser uma punição e não algo inerente à vida. Evitamos a perda, a dor e tentamos sem sucesso evitar a morte. Existe socialmente uma exaltação à vida e uma preocupação em postergar a morte. Sob essa afirmativa, Morin (2002) afirma que, mais do que prorrogar a morte, haveria uma regeneração do ser vivo em todas as instâncias. “Uma ampla demortalidade, que não eliminaria a morte, mas faria recuar a morte natural e algumas mortes fortuitas, não de modo infinito, mas indefinido” (MORIN, 2002, p. 251).

Há um tabu ao se mencionar o assunto, como se fosse desaconselhável falar em tudo o que ela provoca, conforme o senso comum: dor, sofrimento, desconforto. Em uma sociedade que exalta a felicidade, o distanciamento da morte dificulta a aceitação da inevitável perda. Assim sendo, o debate sobre o assunto é uma forma de tentar diminuir a distância que há entre a morte e o ser humano, já que, conforme DaMatta (1991, p. 143) “[...] a morte é a única experiência social que não pode ser transmitida”.

O medo e a tristeza que ela gera faz com que o ser humano acione mecanismos para tentar vencê-la de modo consciente ou inconsciente. Um exemplo é a crença na vida após a morte, acreditar que outro mundo existe, onde não há sofrimento ou dor. No mesmo sentido, há a crença em um lugar para penitência ou dissolução. No entanto, frente à morte não há negociação: ou ela é aceita, ou há um sofrimento exaltado quando a negamos.

O fato de não lidar com a morte não evita que esta atinja o ser humano, mas dificulta que ele crie formas de compreender o inevitável. No período colonial, por exemplo, as pessoas faleciam mais cedo, poucas chegavam aos cinquenta anos de idade e muitas crianças morriam (FARIA, 2002). Tal fato pode ser considerado um indicador de um maior contato com a morte.

Atualmente, com o distanciamento do homem em relação à morte, o luto antes coletivo, vivido em família, passa a ser individual. Percebe-se que a morte e o morto são distanciados da sociedade, na qual esta por sua vez, simplifica ou exclui o processo de luto, o que dificulta assimilar e aceitar a morte. Assim sendo, pode-se entender que, em muitas situações, os sujeitos não se permitem o sofrimento. Nesse sentido há um rompimento com o processo de luto em termos gerais. Este fato faz com que a única certeza humana seja ainda mais dolorosa e não aceita.

Somos educados, geralmente, para viver com separações temporárias e não com separações definitivas; porém, quanto mais conscientes estivermos da nossa morte, mais preparados poderemos estar para as perdas, as quais costumam provocar bruscamente uma ruptura física e lentamente uma ruptura afetiva. Tal força tem a imagem sombria e erroneamente transmitida e interpretada pelo senso comum sobre o cemitério e morte, que se compreende os subterfúgios utilizados para se afastar dos assuntos que remetam ao fim da vida. Pensar na finitude

provoca incômodo, pois há uma incompetência emocional para trabalhar com o assunto muitas vezes entendido como uma limitação da vida.

Há um medo e um desprezo pelo desconhecido, do pós-morte, que é algo abstrato. Há um desprezo pela morte e pelo cemitério, pois há uma lógica capitalista que enaltece o concreto, o palpável, e ali está um corpo que não produz na lógica de mercado, mas que existe como ente abstrato. O capitalismo acaba negando o cemitério e não valoriza o passado, a vida que foi, pois há uma perda na força e potência de produção. Na medida em que a vida passa, há uma desvalorização da potencialidade humana, na lógica de produção. Este fato demonstra que a sociedade de consumo propõe o efêmero, desvalorizando assim, o saber acumulado<sup>9</sup>.

Para a valorização da vida que foi, é necessário que haja, conforme Baptista (1997), uma afetivação, no sentido de afetividade, no entendimento de que os afetos estejam comovidos um com o outro, “mas isso não implica em um afeto como o termo é costumeiramente utilizado, ou seja, relacionado com carinho. Estas palavras não são sinônimos aqui. Falo do que afeta, do que toca, do que mexe com os sentimentos do sujeito” (BAPTISTA, 1997, p. 6).

Quando pensamos sobre a morte, quando a aceitamos, existe uma probabilidade maior de focarmos naquilo que realmente importa enquanto estivermos vivos, pois tudo o que acontece após a morte tende a ficar oculto, já que a morte não é uma experiência que pode ser transmitida. É nesse sentido que se pretende entender qual a relação entre a trama morte e vida das necrópoles para realizar sua atividade em um espaço até então, tido majoritariamente como fúnebre.

### 3.3 Dispositivos de potencialização do turismo em cemitérios

O que mobiliza o sujeito para a prática de turismo em cemitério? Qual a extensão de alcance do sentimento frente ao cemitério, a ponto de promover o acionamento no sujeito para que ele se mobilize? Frente a esses questionamentos, o que pode ser observado nessa vivência contemporânea, sem generalizações, é o fato de que parece haver uma indiferença de sentimentos e valores frente ao

---

<sup>9</sup>A discussão se refere à perda de valor do potencial de vida, potencial humano, ocorrida com a lógica de produção capitalista, em discussões com a orientadora, conforme Diário de Campo (2014).

cemitério e à morte. Em contrapartida, há uma valorização de tudo aquilo que é prático de ser sentido, que não causa uma reflexão profunda ou dolorosa, fato que seria necessário para se pensar a morte e os cemitérios.

Para que haja a afetivação se faz necessário um processo complexo de interação para o acionamento de sentimentos. Tal fato se faz necessário para que se possa valorizar e partilhar os signos e afinidades frente aos cemitérios. Mas como realizar esse acionamento afetivo do sujeito no turismo em cemitério? Como afetar uma ação, quando estamos cercados de valores mercadológicos que intensificam tudo aquilo que efêmero, fugas?

Antes de os cemitérios serem valorizados pela arte, arquitetura e iconografia que os integram, aspectos explorados pelo turismo em cemitério, as necrópoles devem ser valorizadas pelo seu principal fator: a vida humana que foi e que está ali registrada. Conforme Baptista há universos subjetivos dos sujeitos, uma intensidade abstrata que aciona o plano abstrato e conecta os seres às suas histórias de vida, sua pulsação.

Além de considerar toda a arte, arquitetura, iconografia e a visualidade, há que se levar em conta, principalmente, um saber humano acumulado, que conduziu a tais expressões artísticas. Para Baptista (1999), é necessária uma racionalidade frente aos sentimentos que poderiam conduzir os cemitérios, ao que ela denomina como um “mar de sentidos”:

O apelo ao mundo das sensações característico da era visual coloca em movimento ‘um mar de sentidos’, mas não propõe, digamos, uma nova racionalidade, uma ‘racionalidade sensível’, que possibilitasse uma comunicação mais sofisticada. Uma comunicação sensível, também em planos de consistência sutis. Uma comunicação composta também de laços de afeto, a partir dessa nova racionalidade. (BAPTISTA, 1999, s/p)

Quando se menciona o processo de afetivação dos sujeitos, proposto por Baptista, não se refere somente à afetivação frente à vida do sepultado, mas também à do artista que esculpiu a arte cemiterial, à do coveiro, do familiar, do visitante, entre outros. Entende-se que, para promover uma afetivação frente aos cemitérios é necessário pensar a conjuntura complexa que envolve os sujeitos. São muitas vidas envolvidas, na produção das inscrições, materializações e expressões viáveis e palpáveis.

Dizendo de uma maneira bem simples: cada sujeito é uma 'mistura' singular de informações, vivências, características em geral, sensações, ainda que, no caso de sujeitos do mesmo grupo, por exemplo, haja a coincidência destas influências. E é esse sujeito, mutante, em constante autoprodução que se considera como tendo qualidades ou praticado ações, que se relaciona a partir dos fluxos comunicacionais, diante de um mundo marcado pelo visual - e não pela imagem (BAPTISTA, 2001, p.7).

Essa complexidade existente é que merece ser resgatada, afetivada, e ressaltada para que o cemitério não passe a ser apenas um produto turístico, para atender ao mercado. Pensar o cemitério apenas por sua beleza artística ou pela exaltação da história de pessoas, consideradas significativas dentro da sociedade, é diminuir a complexidade existente nas necrópoles, nas cidades, nas relações.

Por isso ressalta-se que, antes mesmo de valorizar a arte, arquitetura e iconografia é necessário repensar o cemitério como um campo de vivência, na ideia da trama morte e vida aqui proposta. São os sentimentos dessas vivências entre a vida dos mortos e dos vivos que podem propiciar a partilha, uma afinidade com olhares e interações voltadas para o presente e o passado. Baptista (2004) ressalta nesse sentido, a necessidade de envolver o máximo de dispositivos possíveis. Para isso, "é preciso acionar seus múltiplos sentidos, tocá-lo em seus diversos corpos, tanto físicos quanto abstratos, resultantes dos agenciamentos maquínicos com os equipamentos coletivos de produção de subjetividade". (BAPTISTA, 2004. p. 13). Percebe-se na vida contemporânea, que há uma carência geradora de uma sensação de descontentamento, insatisfação, individualismo, efemeridade nos relacionamentos interpessoais, conduzindo a uma banalização do universo cemiterial. Parece que não há um referencial no tecido social para se pensar a morte na atualidade, gerando assim, uma fragilidade, uma insegurança que perpassa o próprio pensamento e também o pensamento em relação ao outro. Se não há demonstração de afetos interpessoais, como afetivar os sujeitos para pensar os cemitérios como um campo patrimonial a ser preservado e utilizado na atividade turística?

Se a relação contemporânea entre os vivos, considerando a trama morte e vida, já é ambígua e conflitante, como estabelecer uma afetivação mais humanizada? Como demonstrar afinidades entre a vida que foi e a vida que está? De que modo o turismo tem relação direta com essas questões? Partindo-se da ideia de que são os sentimentos que mobilizam às ações, ao afetivar, buscando considerar o cemitério como um espaço que também representa a vida, é possível

que haja uma ressignificação do cemitério para pensá-lo de modo a ultrapassar seu caráter mórbido. Neste sentido, o turismo pode ser beneficiado, ao mesmo tempo em que pode vir a contribuir.



## QUARTA BADALADA - OS CEMITÉRIOS E SEU PATRIMÔNIO: SUA HISTÓRIA E SALVAGUARDA

Abordar temas relacionados à morte, como, luto, ritos fúnebres e cemitérios, é comumente considerado uma ação mórbida ou excêntrica. Arquetizados como um espaço destinado a sepultamentos, os cemitérios são percebidos pelo senso comum como lugares nefastos, de lamento e tristeza, por remeterem à morte. Conforme já vem sendo destacado, neste trabalho, porém, serão mostradas outras formas de interpretação, em um espaço que pode ser compreendido como local turístico.

A origem da palavra “cemitério” remete ao Cristianismo, “originária do grego KOIMETÉRIO, DE KIO’ÃO, significando “eu durmo” e do latim COEMETERIUM, lugar onde se dormia” (BORGES, 2002, p. 128). O lugar é também conhecido como necrópole ou cidade dos mortos. Mumford (1998, p.13) expõe que “a cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos”, pois, “Em meio às andanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo”.

Durante o Paleolítico, Hipólito (2011) também afirma que havia cavernas/covas para a destinação dos mortos, um túmulo coletivo identificado por pedras. Marqueti e Funari (2011) expõem que, em vários sítios arqueológicos europeus, foram encontradas inumações de cadáveres entre os Neandertais. “Nesses casos, a ligação estabelecida entre a terra/caverna/montanha, o útero e um possível renascimento do defunto é sugerida e posteriormente será atestada em culturas cuja religião já está desenvolvida”. (MARQUETI, FUNARI, 2011).

Já no Neolítico, os sepultamentos eram realizados em cavernas naturais com a entrada sendo fechada por uma rocha – o que variava conforme, a civilização de cada grupo, clima e geologia do terreno. Os *dólmenes* eram utilizados nesse período, para ritos fúnebres (HIPÓLITO, 2011). Trata-se de uma construção com duas ou mais pedras fincadas verticalmente ao solo, e outra pedra colocada em cima na horizontal, formando uma cobertura. O *dólmen* mais conhecido popularmente é o Stonehenge, localizado no sul da Inglaterra. Tal fato corrobora com Ismério (2013), o qual afirma que os primeiros seres humanos demonstravam preocupação com o destino dos mortos, devido à fé ou à putrefação.

Um grupo referência quando debatemos sobre a morte são os egípcios. Eles acreditavam na ressurreição, por isso, se preocupavam em conservar os corpos através da mumificação. Assim, surgiram as grandes obras arquitetônicas da morte: as pirâmides, (túmulos dos faraós), juntamente com as mastabas e os hipogeus que formavam a arquitetura fúnebre egípcia (OTOBELLI, VAILLATI, 2007). As Mastabas eram construções de pedra ou tijolo de base retangular e teto plano, com paredes externas inclinadas para dentro, de baixo para cima. Serviam de túmulos aos altos funcionários do palácio real e geralmente se localizavam perto das grandes pirâmides dos faraós. A mastaba consistia de três partes principais: uma câmara onde ficava a estátua do morto; uma capela onde sacerdotes celebravam cultos, assistidos por visitantes; e um poço que levava a sepultura onde ficava a múmia. As primeiras mastabas eram de construções simples, depois passaram a ser superpostas. Com o tempo, diminuiu-se o tamanho das mastabas de baixo para cima que gerou as pirâmides de degraus. Os hipogeus eram túmulos cavados na rocha, geralmente construídos próximos à cidade de Tebas, na margem esquerda do rio Nilo. Os hipogeus também possuíam várias câmaras que eram ricamente decoradas. O mais importante hipogeus foi o do faraó Tutancâmon, em 1922. (OTOBELLI, VAILLATI, 2007).

Os egípcios não entendiam a morte como um fim, mas, sim, o começo da morada junto aos deuses. A construção da tumba, a cerimônia fúnebre e a mumificação eram itens necessários para que o morto pudesse renascer em outro mundo. “Todos desejavam ter um bom enterro e, quando as possibilidades existiam, iniciavam a construção de uma tumba, que seria sua ‘casa de eternidade’” (Coelho, 2010, p. 1). No entanto, as pessoas com nível social mais baixo eram sepultadas no deserto em covas rasas tendo o corpo coberto por umas esteiras e alguns recipientes de cerâmica (COELHO, 2010).

No período da Antiguidade Greco-Romana, surgiu o hábito de depositar flores e alimentos sobre o túmulo do falecido, e também, a transcrição nas lápides, o que colaborou para a salvaguarda da memória do morto (HIPÓLITO, 2011). Além de sua função fúnebre, o cemitério era um local para realização de outras atividades que fogem do caráter mórbido. Era um espaço de cidadania.

Foi no cemitério de Rouen, na França, que o tribunal eclesiástico julgou Joana d’Arc, por exemplo. Os inquisidores, embora interrogassem

secretamente as suas vítimas, pronunciavam a sentença publicamente num estrado erguido no cemitério. Mesmo os atos de direito privado, como doações, vendas e trocas, eram tornados públicos no cemitério. Alguns atos jurídicos chegavam a associar os mortos aos vivos: um costume disseminado na Bélgica previa que uma viúva podia se livrar de dívidas mediante uma cerimônia em que depositava no túmulo do marido “a sua cinta, as suas chaves e a sua bolsa”. (VISSIÈRE, 2013, s/p)

O avanço do Cristianismo, no entanto, fez com que a prática de sepultamento à beira da estrada, comum entre os romanos, fosse diminuindo (HIPÓLITO, 2011). Vissière (2013) aponta que, no fim da Idade Média, a Igreja Romana decidiu eliminar as atividades que acabassem com a quietude dos cemitérios, proibindo na Via Ápia, a venda de pão, aves, peixes, com exceção de velas. Condenou também as “atividades lúdicas, pois os jovens passeavam e namoravam nos cemitérios. Como se não bastasse, eles ainda jogavam bola, cortejavam as moças à sombra dos ossários e dançavam entre os túmulos a farândola [...]”. (VISSIÈRE, 2013, s/p) Afonso (2010, p. 20) afirma ainda que, no ano de 1231, o Concílio de Rouen “ameaçou de excomunhão quem dançasse nos cemitérios. O hábito estava tão arraigado nas culturas europeias da época que em 1405 nova ameaça papal foi lançada para os que insistiam nas festas e danças profanas nos cemitérios”.

Para Vissière (2013, s/p), “Com a cristianização da sociedade, surgiu a tendência a aglomerar os defuntos nas proximidades dos lugares sagrados, como tumbas de santos e igrejas, na expectativa do Juízo Final e da ressurreição dos corpos”. Os cemitérios conforme Carvalho (2010) surgiram devido à necessidade de ter um local para destinar os defuntos que “no Brasil, habitaram o chão das igrejas até a metade do século XIX (salvo a exceção de serem estes protestantes ou escravos)” (CARVALHO, 2010, p. 540) Os protestantes deveriam sepultar seus mortos junto com os suicidas, os escravos e os católicos que não podiam pagar pelo sepultamento dentro da igreja. “Este grupo de excluídos ocupou os primeiros lugares para sepultamento a céu aberto no Brasil [...]” (CASTRO, 2009, p.6). Nogueira (2011) explica que a exclusão era feita pela necessidade de pagamento:

De modo geral, eram os cemitérios e não as igrejas os lugares onde preferencialmente eram depositados os corpos dos escravos, constatando um reflexo da posição ocupada por eles dentro da sociedade, uma vez que os enterros dentro das igrejas eram feitos, muitas vezes, em troca de concessões financeiras a ela, por meio de doações. (NOGUEIRA, 2011, S/P.)

Segundo Reis (1991, p.171), “Os mortos se instalavam no mesmo templo que tinham frequentado ao longo da vida”, mas, a partir do Período Medieval, começou o uso dos cemitérios em local fechado. “Assim se definiu um espaço sagrado, quadrangular e fechado: o átrio ou adro no terreno das igrejas. Com isso, a morada dos mortos passou a ser o centro das cidades e aldeias, num estreito convívio com os vivos”. (VISSIÈRE, 2013, s/p).

Medidas higienistas do século XIX criaram leis proibindo os sepultamentos em igrejas ou templos para evitar a propagação de miasmas. Vouvelle (1997) explica que, com as precauções necessárias, pode-se dizer que o lugar dos mortos foi totalmente separado da igreja ou do templo. Michel Vouvelle (1997, p.352) expõe que [na Europa] “somente em 1851 o *Interment Act* (Lei Funerária) proibiu o sepultamento no interior das igrejas”.

Já no Brasil, é importante ressaltar que, durante o período colonial, “que compreende o momento entre a chegada dos portugueses em 1500 e a independência do país em 1822” (BRASIL, 2013, s/p), não havia cemitérios, e o local para sepultamento ainda era feito em paredes e pisos de igrejas e conventos (MATOS, 2013). Ao proibir os sepultamentos no interior das igrejas, estes passaram a ser realizados nos chamados “campos santos”. Segundo Carvalho (2010, p. 540), no Brasil, “os primeiros campos santos resumiam-se a tímidos aglomerados de covas, demarcadas por cruces simples feitas de madeira ou ferro, em terrenos agregados às igrejas”. Conforme Nogueira (2013), a partir de meados de 1800:

A convivência entre mortos e vivos dava os primeiros passos para sua separação, consumando-se, anos mais tarde, com os longínquos espaços murados, com portões e horários definidos para abrir e fechar, onde passariam a ser depositados os mortos da cidade, inclusive trasladando aqueles que já haviam sido inumados nos templos, salvo casos especiais. (NOGUEIRA, 2013, p. 12)

Borges (2001) menciona que D. Maria de Portugal recomendou a construção de cemitérios convencionais no Brasil, no ano de 1789; no entanto, a obrigatoriedade na construção das necrópoles a céu aberto só foi concretizada em 1ª de outubro de 1828, com lei promulgada por D. Pedro I. Rocha (2005) expõe que, além de medidas higienistas, as construções de cemitérios, entre outras ações, faziam parte das ações para tentar ter controle sobre a população.

As tentativas de higienização efetuadas nas cidades brasileiras de então tinham como referência o exemplo europeu e esbarravam frequentemente nos hábitos e condutas da população. Observam-se através dos Códigos de Posturas Municipais, as tentativas do poder público para controlar a população e o espaço urbano, determinando o arruamento, a construção de muros e calçadas, o esgotamento de águas servidas, a eliminação do lixo e outros dejetos, além da implantação de matadouros e cemitérios públicos. (ROCHA, 2005, p. 31).

Valladares (1971) também afirma que não foi apenas a questão higiênica que motivou o sepultamento extramuros, mas também a ostentação.

Não foi somente uma questão do ponto-de-vista higiênico, ou seja, uma razão metade empírica e metade científica, da sociedade oitocentista; se apenas por isso acontecesse, os cemitérios católicos em descampados teriam permanecido sóbrios, padronizados, como os que se erigiram para as irmandades, em mausoléus coletivos, ou como os de outras religiões. (VALLADARES, 1971, p. 279)

Em 1890 o decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890, estabelece a separação legal entre a igreja e o Estado, e a religião Católica Apostólica Romana deixa de ser a religião oficial do Estado, ampliando, assim, a liberdade religiosa<sup>10</sup>. Ainda assim, apesar de a igreja perder legalmente o controle político em função dessa separação, a instituição religiosa influenciou o espaço cemiterial. Para Borges (2002), as autoridades eclesiásticas administraram os primeiros cemitérios, incentivando, assim, a utilização de imagens devocionais. (BORGES, 2001).

[...] mesmo com a perda da influência política, a igreja manteve-se fiel aos seus dogmas tradicionais, diante da morte e da existência espiritual. Desse modo os cemitérios convencionais seculares guardam em seu bojo uma arquitetura sacra. Os túmulos empregam com frequência fórmulas piedosas em seus epitáfios, símbolos cristãos nos adornos e imagens devocionais das mais simples as mais luxuosas. (BORGES, 2001 p. 10-11)

Outros tipos de arte tumular, que não a sacra, no entanto, começam a se expandir. Para Borges (2001), a arte funerária no Brasil sofreu interferência da arquitetura europeia, sendo utilizados, através de catálogo, os modelos das marmorarias europeias (nos séculos XIX e XX), iniciando assim uma estética aliada ao caráter social do morto. O marmorista-artesão responsável pela elaboração das obras fúnebres, contudo, não se adequou às mudanças ocorridas devido à Revolução

---

<sup>10</sup>Governo Federal/Planalto. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm)> Acesso em 29 de mar. de 2014.

Industrial. “Este foi um dos motivos que desencadearam sua extinção [extinção das marmorarias] nos anos de 1940”. (BORGES, 2002, p. 54).

Segundo Carvalho (2005, p. 54), “A Arte Funerária teve seu ápice no Brasil durante o período da Primeira República, de 1890 a 1930”, o que facilita a compreensão da diminuição do emprego da arte tumular nos cemitérios e do material utilizado, percebidos atualmente. O mármore e o bronze vastamente empregados dão espaço a materiais de custo mais baixo, que passam a ser utilizados nas lápides. As novas formas de destinação<sup>11</sup> dos corpos também são fatores que interferiram na arquitetura tumular. Borges (2002, p.120) sinaliza ainda para o fato de que há um distanciamento do morto com os descendentes vivos, o que ocasiona um descuido nas sepulturas.

[...] a relação entre o morto e seus descendentes sobreviventes vai-se esvaecendo aos poucos, alcançando, quando muito, a terceira geração ascendente. Hoje os túmulos do século XIX encontram-se nas mãos dessa geração, daí estarem eles descaracterizados e/ou em estado sofrível.

Esses fatores indicam a diminuição da arte e arquitetura tumular e perda da memória do sepultado, que são os itens mais procurados pelos turistas ao se visitar o cemitério. Os novos modelos de cemitérios incluem os chamados apartamentos ou gavetas, que dificilmente incluem arte tumular, mas que geralmente carregam adornos decorativos. Por esse motivo, é possível afirmar que há uma transformação na representação tumular, uma materialidade e imaterialidade fúnebres, que se modificaram concomitantemente e que faz com que o cemitério seja um bem patrimonial. Ressalto a importância de compreender o cemitério como um bem patrimonial material e imaterial; por isso, sinalizo o entendimento do patrimônio adotado nesse trabalho.

Segundo Françoise Choay (2006), a palavra patrimônio tem origem nas estruturas jurídicas e familiares em uma sociedade. Ao longo do tempo, a palavra foi requalificada por adjetivos, formando, por exemplo, as expressões: patrimônio natural, patrimônio genético e patrimônio histórico. Para a autora, o termo está relacionado de forma direta com a vida social.

---

<sup>11</sup>Refere-se, aqui, sobre técnicas de destinação dos corpos, já que nem todas as pessoas falecidas são sepultadas de forma convencional (em um túmulo ou cova). Há a cremação, criogenia, resomação, entre outros. Todas essas formas de destinar o falecido, em geral, não incluem a necessidade de um túmulo.

A expressão se ampliou e hoje é constituída pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos. (CHOAY, 2006, p. 11)

De uma forma geral, o senso comum atribui a palavra “patrimônio” aos bens arquitetônicos edificados, bem como aos bens tangíveis. Essa interpretação de patrimônio, como algo palpável e principalmente edificado, tem como marco histórico, a Revolução Francesa. O termo patrimônio que procedia do Direito passou a ser utilizado para designar um conjunto de bens que pertencem à nação (CHOAY, 2006). Assim sendo, cabe afirmar que, por ser um bem tangível que congrega arte e expressões sociais, os cemitérios são patrimônios materiais representativos do saber fazer humano.

Já o patrimônio imaterial se refere a manifestações, a elementos de identidade de um grupo social ou de um indivíduo. Paulo Sérgio Silva (2011) entende que, no patrimônio imaterial:

[...] a(s) sua(s) base(s) física(s) e/ou prática(s) social(is) observável(is) significa(m) não por si só, mas por tratar-se de ícones do não-dito, de representações, de costumes, de tradições e/ou de saberes, vide-se o artesanato, a fabricação de instrumentos, a cultura popular, as brincadeiras, as formas de expressão, as artes visuais, as festas religiosas, as celebrações rituais e os lugares de sociabilidade. (SILVA, 2011, p.1)

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) estabelece que o patrimônio cultural brasileiro é composto de bens materiais e imateriais. O IPHAN expõe que o patrimônio material é composto “[...] por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas”. Dividem-se ainda em bens imóveis (núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos), e bens individuais (móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos). Quanto aos bens imateriais, estes dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas.

Entende-se que não é possível dissociar a materialidade da imaterialidade; no entanto, acredita-se que as definições dos autores foram feitas separadamente (mas com relação entre si) para estruturar as diretrizes que auxiliam na busca por fomentos da salvaguarda do bem e para indicar normativas que conduzam a uma adequada forma de preservação dos patrimônios.

Adotam-se esses conceitos, neste trabalho, por entender que o cemitério é um patrimônio que congrega história, arte, arquitetura e bens representativos e simbólicos, sendo múltiplas as suas formas de expressão. Nesse sentido, as construções e manifestações, sejam materiais ou imateriais que permeiam a temática do cemitério, constituem aquilo que denomina-se nesta pesquisa de patrimônio fúnebre, o qual têm uma materialidade e simbolismos indissociáveis, de modo que haja uma coexistência e sentido.

A sensibilização para entender o cemitério como um bem patrimonial material, mas também imaterial envolve um processo marcado por contradições. Os discursos sobre os bens patrimoniais condenam a destruição do bem; no entanto, as práticas são contrárias, conduzindo à degradação e descaso. Não são ignoradas aqui as medidas de tombamento, as quais, vale ressaltar, são eminentemente significativas e necessárias. O fato é a continuidade na manutenção dos bens, que dificilmente ocorre. Isso deve ser encarado como um problema, pois quando se observam os bens fúnebres, percebe-se que as políticas de preservação e conservação não acompanham a velocidade das transformações frente à morte e as mudanças de pensamento sobre os cemitérios. O pensamento sobre o patrimônio parece estar petrificado, enquanto as transformações e ideias sobre a morte sofreram alterações significativas.

Apesar da dificuldade nas ações de salvaguarda dos bens funerários, preservar os cemitérios como um patrimônio material e imaterial é uma forma, ou pelo menos, uma tentativa de conservar a pluralidade das culturas contidas nas obras tumulares e na sua disposição espacial. São múltiplas identidades de variadas origens étnicas, que fazem com que o cemitério seja um patrimônio. Apesar disso, pelo fato de a necrópole ser um patrimônio menos tradicional e de existirem ações legais para sua salvaguarda, os cemitérios ainda são alvo de preconceitos, repulsa, marginalização e estigmatização.



Ainda assim, de um modo geral, as políticas de defesa do patrimônio têm resultados positivos refletidos na atividade turística. Considerando a literatura da área e observando os pacotes turísticos, é perceptível uma procura significativamente maior pelos patrimônios edificados e, quando estes se encontram salvaguardados, a possibilidade de potencializar a atividade turística é maior. Ao abordar o cemitério como um patrimônio material e imaterial edificado, questiona-se o motivo pelo qual a atenção que lhes é dada não é a mesma, se comparada a outras edificações. Seria apenas seu caráter mórbido, atribuído pelo senso comum, que dificulta pensar o cemitério nessa perspectiva? Por qual motivo a atividade turística exercida nas necrópoles ainda causa estranhamento para a maioria dos viajantes? Quais os canais construídos de reflexão e diálogo, para pensar o cemitério como um patrimônio, a ser percebido e preservado pela atividade turística?

Essas são questões que transversalizam e se aproximam da temática central da pesquisa. Tais questões demonstram a necessidade de afetivação<sup>12</sup> dos sujeitos, quanto à importância de preservar os bens funerários, visando estimular a consciência do valor simbólico cultural existente nas necrópoles. Por ser considerado um patrimônio material e imaterial a ser preservado, cabe apontar a existência de algumas medidas legais de salvaguarda e de pesquisa para a conservação e manutenção dos cemitérios e seus bens fúnebres, através de órgãos oficiais, legislações e associações. Castro (2008) expõe que o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) realiza ações para a preservação dos artigos funerários:

[...] já existem desde a década de 1930 tombamentos específicos de cemitérios ou de partes de conjuntos funerários como, por exemplo, túmulos, estátuas funerárias e portões de entrada, realizados por este órgão. São elementos que formam o patrimônio funerário brasileiro, entendido no contexto desta análise, como conjunto de elementos materiais e imateriais presentes em locais de sepultamentos ou cemitérios. (CASTRO, 2008, p. 60)

Para que haja tombamento de todo o cemitério, é necessário que ele esteja totalmente desativado, pois o mesmo não pode sofrer alterações, fato que ocorreria caso houvesse sepultamentos. O cemitério é uma representação simbólica do mundo dos vivos, com a finalidade de perpetuar a imagem do morto. Nesse sentido o

---

<sup>12</sup>O termo “afetivação” está sendo utilizado conforme Baptista (1997), que se refere ao acionamento intenso dos afetos, a ponto de desencadear mobilizações afetivas, ou seja, ações efetivas.

cemitério é uma fonte documental e de memória, pois nele há a transmissão simbólica de informações, de diálogo e significados sobre a morte e a vida, e da transição entre ambas. Por isso, entre outros motivos, ele é considerado um patrimônio, tanto pela materialidade quanto por sua imaterialidade.

Neste trabalho, não se considera o cemitério tão somente como um espaço de representação da morte, o que, por si só, lhe confere a condição de importante patrimônio, mas pensa-se na sua condição de interação e de registro, também de vida, uma vez que a iconografia e arquitetura tumular, através de sua simbologia, parecem demonstrar, também, o anseio de vida e não apenas sinalizações de morte. Isso se verifica, ainda que, para o senso comum, o cemitério possa representar um local de finitude. Percebe-se que a iconografia e a arquitetura tumular congregam elementos que demonstram a vontade da família, ou até mesmo do morto, em permanecer vivo na memória social.

Isso significa dizer que há, sim, a morte, mas ela não se restringe ao que grande parte das pessoas considera, como o 'fim em si', mas que se trata de fenômeno complexo e de entrelaçamentos vários, ou seja, há também na morte seu duplo, sua potência de vida<sup>13</sup>. Observa-se, nesse sentido, uma transformação, uma sucessão de acontecimentos e fatos que se dispõem em camadas de memórias nas necrópoles (TEDESCO, 2014). O cemitério é uma forma de ver uma cidade, uma sociedade, pois nele estão creditados valores. É também um modo de representar a memória coletiva. As necrópoles, inicialmente implantadas como medidas sanitárias, transformaram-se em um ambiente simbólico, que exprime e interfere nos hábitos sociais e na valorização deste espaço como um bem patrimonial material e imaterial, que congregam emoções, lembranças e memórias.

E é nesse sentido que se encontra o patrimônio material e imaterial do cemitério, na construção e representação física e simbólica da vida humana existente ali, os quais são explorados pela atividade turística. Nesse espaço, é perceptível uma harmonização entre vida e morte. Vida do turista e morte dos que estão ali inumados, bem como a vida existente na materialidade imaterialidade da arte e iconografia tumular ali expressada e da vida dos sepultados. Trata-se da vida que foi e que permanece de alguma maneira. Para que o cemitério tenha sentido, é necessário que ele tenha relação com o que permaneceu vivo. Para que ele seja um patrimônio, a

---

<sup>13</sup>A discussão da complexidade dos entrelaçamentos e da potência de vida está baseada em discussões com a orientadora, conforme diário de campo (2014).

necrópole não pode ser tratada apenas como um ambiente fúnebre, mas sim, como um espaço compartilhado de interação mútua.

Por possuir valores e memórias individuais e coletivas, compreende-se que o cemitério seja tido como um patrimônio material e imaterial, protegidos através de legislações e medidas de salvaguardas. No Brasil, a Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, no seu artigo 2º expõe nas alíneas “a” e “c”:

Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos:

a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente.

c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmios", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico;

Nos arquivos do IPHAN, é possível encontrar, desde a década de 1930, medidas de preservação de cemitérios ou conjuntos funerários, como portões de entrada, túmulos, esculturas e inscrições tumulares, conforme quadro 4. Durante a década de 1930, foram tombados itens como igreja, cemitério, museu de arte sacra e inscrições tumulares nas cidades de Rio de Janeiro/RJ, Campo Maior/PI e Salvador/BA. Na década de 1940, apenas uma capela e um cemitério em Niterói/RJ. Na década de 1950, foram tombados uma igreja, capela, cemitério e uma lápide tumular. Na década de 1960, houve um número maior de tombamentos referente aos artigos fúnebres, sendo eles cemitérios, túmulos, portão de cemitério e estátua de mausoléu.

Quadro 4 - Características dos cemitérios tombados pelo IPHAN

Denominação	Década	Cidade/UF	Região	Participação no pedido	Tipo de Tombamento	Livros de Tombo
Igreja de São Francisco da Penitência, Cemitério e Museu de Arte Sacra	1930	Rio de Janeiro/RJ	Sudeste	Parte	Convencional	Histórico Belas Artes
Cemitério do Batalhão	1930	Campo Maior/PI	Nordeste	Objeto	Local	Histórico Belas Artes

Inscrições tumulares da Igreja da Vitória	1930	Salvador/BA	Nordeste	Objeto	Elementos	Belas Artes
Capela de São Pedro e Cemitério de Maruí	1940	Niterói/RJ	Sudeste	Parte	Convencional	Belas Artes
Convento e Igreja de N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> dos Anjos, Cruzeiro, Capela e Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco	1950	Cabo Frio/RJ	Sudeste	Parte	Convencional	Belas Artes

(Conclusão)

Lápide tumular de Estácio de Sá	1950	Rio de Janeiro/RJ	Sudeste	Objeto	Elementos	Histórico
Cemitério de Nossa Senhora da Soledade	1960	Belém/PA	Norte	Objeto	Convencional	Arqueológico, etnográfico e paisagístico
Túmulos do Dr. Pedro Lund e seus colaboradores	1960	Lagoa Santa/MG	Sudeste	Objeto	Local	Histórico
Portão do Cemitério de Arez	1960	Arez/RN	Nordeste	Objeto	Elementos	Histórico
Cemitério Protestante (ou do Imigrante)	1960	Joinville/SC	Sul	Objeto	Convencional	Histórico, Arqueológico, etnográfico e paisagístico
Estátua do Mausoléu da família do Barão de Cajaíba	1960	Salvador/BA	Nordeste	Objeto	Elementos	Belas Artes
Porto Seguro, conjunto arquitetônico e paisagístico	1970	Porto Seguro/BA	Nordeste	Parte	Convencional	Histórico, Arqueológico, etnográfico e paisagístico

Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da cidade de Mucugê, especialmente o Cemitério	1980	Mucugê/BA	Nordeste	Parte	Convencional	Arqueológico, etnográfico e paisagístico
Cemitério da Candelária (Estrada de Ferro Madeira Mamoré)	2000	Porto Velho/RO	Norte	Objeto	Convencional	Tombamento aprovado, mas ainda sem inscrição
Lugar de sepultamento do Guia Lopes, o Cel. Camisão e o Ten. Cel. Juvêncio	2000	Jardim/MS	Centro-oeste	Objeto	Local	Tombamento aprovado, mas ainda sem inscrição

Fonte: Adaptação do quadro feito por Castro (2008). Os tombamentos identificados na tabela como “ainda sem inscrição” permanecem nessa situação, conforme observação do último arquivo sobre os tombamentos (2012) disponibilizados pelo IPHAN.

Como pode ser observado no quadro, cinco bens fúnebres foram tombados na região sudeste, seis na região nordeste, dois no norte, um no sul e um no centro-oeste. As décadas de 1930 e 1960 são os períodos em que houve um número maior de tombamentos e, a partir dos anos 2000, nenhum tombamento foi realizado. Apenas um cemitério foi tombado na integralidade, devido à necessidade de uma necrópole estar desativada, para que ocorra o tombamento. O tombamento não permite alteração do bem; logo, um cemitério ativo, seria praticamente inviável de ser tombado pelo IPHAN.

Além do tombamento, outro fato legal se refere à resolução nº 335, de 3 de abril de 2003, do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), a qual tem sua legislação de licenciamento ambiental de cemitérios, ponderando o “respeito às práticas e valores religiosos e culturais da população” (CONAMA, 2003, p. 839). Isto significa que, apesar da relevante preocupação com a contaminação ambiental pelos cemitérios, as questões culturais, parecem se sobrepôr aos problemas ambientais. Conforme De Conto (2015), se todos os meios legais, relacionados ao meio ambiente e cemitério, fossem devidamente executados, não haveria cemitérios ou sepultamento no formato que comumente se tem hoje<sup>14</sup>.

<sup>14</sup>Algumas das considerações feitas baseiam-se também em documentação temática da disciplina de “Gestão Ambiental e Sustentabilidade”, ministrada pela prof<sup>a</sup> Suzana Maria De Conto.

Além das medidas protetivas legalmente existentes, ressalta-se, nesta pesquisa, o trabalho feito por associações e grupos que possuem interesse na preservação dos cemitérios e dos artigos que o congregam.

- **no Brasil:** A Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), criada em 2004, que envolve pessoas com interesse em “pesquisar o cemitério como um lugar de memória, de produção artística e patrimônio cultural”, a associação promove eventos sobre a temática cemiterial (ABEC, 2015); a Associação dos Cemitérios e Crematórios do Brasil (ACEMBRA) – “associação que congrega os cemitérios numa só organização de âmbito nacional que permite um intercâmbio e aproveitamento mútuo de novas ideias e conceitos entre todos os cemitérios e crematórios” (ACEMBRA, 2015); a *Chevra Kadisha*, uma associação dos cemitérios israelitas localizadas em São Paulo e Rio de Janeiro/Brasil, que presta assistência nos falecimentos conforme tradição judaica; o Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil (SINCEP), Grupo *Interditus* que promove estudos sobre cemitério e morte, e ações de preservação dos patrimônios fúnebres em Santa Catarina (Blog de Pesquisas Cemiteriais, 2015); entre outras instituições e grupos que concebem o cemitério como um patrimônio e que demonstram preocupação na assistência aos enlutados.

- **em outros países da América:** *Graveston studies* (Massachusetts/Estados Unidos), que tem a finalidade de promover estudos sobre a conservação das lápides, nas perspectivas históricas e artística, encorajando a consciência pública para o registro e preservação das lápides através, de conferências, *workshops* e exposições. Conta com 1000 membros em países como Inglaterra, Escócia, Austrália, Irlanda, Bélgica, Alemanha, Holanda, Itália, Canadá, Japão e Brasil. A *Graveston* conta ainda com a publicação de um Boletim: a *The AGS Quarterly*; *Red Testimonio-Memoria* Valparaíso/Chile, que tem como objetivo a valorização dos diversos lugares de memória – local, regional e nacional - com ênfase nos estudos sobre o patrimônio funerário, considerando para tal, os cemitérios, ritos, monumentos fúnebres e o comportamento social perante a morte, gerando redes para espaços de discussão (Fernández, Correa, Valenzuela, 2012). *Red Iberoamericana de Cementerios Patrimoniales* e *Comunidad Iberoamericana de Amigos del Patrimonio Funerario* (CIAPATU), que busca difundir a cultura funerária hispano-americana através de reportagens, artigos, entre outros, baseada no

estudo, conservação, restauração, proteção e difusão da cultura material e imaterial funerária; *Red Uruguay de Cementerios*, que tem como propósito a reflexão sobre o modo de apropriação social, gestão e recuperação dos cemitérios e a promoção, valorização e preservação do patrimônio material e imaterial de caráter funerário (*Red Uruguay de Cementerios*, 2015).

- **na Europa** menciono a *Association of Significant Cemeteries in Europe* (ASCE) que envolve 22 cidades e 175 cemitérios, que realiza um trabalho para a manutenção da memória, preservação da arte tumular e apoio à atividade turística nos cemitérios (ASCE, 2015); há também a *National Federation of Cemetery Friends* no Reino Unido, criada em 1986, para conservação do patrimônio fúnebre (limpeza, restauro), bem como da vida biológica existente no cemitério;

Queiroz (2007) comenta ainda sobre eventos relacionados às necrópoles, realizados em alguns países como: o primeiro Simpósio Internacional de Arte Cemiterial, em Wrocław Polónia (1993), e o Congresso Internacional sobre Cemitérios Contemporâneos em Sevilha (1992).

As legislações e associações indicam a intencionalidade na preservação e manutenção dos cemitérios; porém, sabemos que tais fatos não são garantia de salvaguarda dos bens fúnebres. No Brasil, apesar de existirem cemitérios com potencialidade turística e com roteiros para o turismo em cemitério, a atividade é considerada incipiente se comparada à exercida na Europa. Por isso, faz-se necessário problematizar a atividade exercida no Brasil, uma vez que a potencialidade dos cemitérios brasileiros não fica aquém dos cemitérios europeus.

Há ainda ações para pensar a morte por outras perspectivas, como por exemplo, o projeto *Befor I die...* (No Brasil, divulgado como “Antes de morrer eu quero...”) (figura 1). É um projeto de arte pública, criado pela artista taiwanesa Candy Chang, que propõe às pessoas de diversas nacionalidades, a reflexão e a escrita sobre o que desejam fazer antes da morte, compartilhando seus anseios pessoais de modo público. Já foi realizado em mais de 70 países, como, China, Brasil, Cazaquistão, Iraque e África do Sul (CHANG, 2016).

Figura 1: Folder do projeto “Antes de morrer eu quero...”

**Antes de morrer eu quero...**

Formar uma família, fazer uma viagem, comprar uma casa, trocar de carro. São muitos sonhos e somente uma certeza: todos precisam ser realizados antes de morrermos.

Foi pensando nisso que a artista plástica norte-americana Candy Chang, motivada pela perda de alguém amado e pela lembrança dos momentos que viveu ao lado

dessa pessoa, criou a campanha de construção coletiva "Before I Die", que em inglês significa "Antes de morrer eu quero".

Ela teve a ideia de pintar um muro com a frase "Antes de morrer eu quero..." Ali ela colocou também uma caixa com giz, para que qualquer um pudesse completar a frase como quisesse.

A notícia se espalhou pelo mundo e, hoje, existem mais de 5.000 muros iguais a este pintados em diversos países.

Joanesburgo, África do Sul

Paris, França

Novo Orleans, EUA

Córdoba, Argentina

Townsville, Austrália

Itaipava, Brasil

É a sua vez de se juntar a esta corrente de pensamento positivo e realizações. Vá até o mural instalado e faça a sua participação.

Poste sua foto no Facebook com o #Antesdemorrereuquero e faça parte do vídeo da ação que será postado no facebook.com/grupocartel.

Fonte: Grupo Cortel (2013)



## QUINTA BADALADA - RUMO AO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO

### 5.1 A cidade de São Paulo

Por ser uma cidade cosmopolita, de grandes fluxos, a cidade de São Paulo se destaca no cenário nacional e internacional. Ela está localizada no estado São Paulo, região sudeste do Brasil. Atualmente ela possui uma população de 11.253.503 milhões de habitantes, distribuída em uma área de 1.521.110 km<sup>2</sup>, com uma densidade demográfica de 7.398.26 hab/km<sup>2</sup>. (IBGE, 2016)

Sua história é paralela à história do país e foi palco de vários momentos históricos. A ocupação da cidade iniciou da seguinte forma: buscando um local para se instalar e catequizar os índios, os padres jesuítas José de Anchieta e Manoel de Nóbrega subiram a Serra do Mar, no ano de 1553. Alcançaram o planalto de Piratininga, e ali construíram um colégio, nas proximidades dos rios Tamanduateí e Anhangabaú, celebrando uma missa. O povoado de Piratininga transformou-se em cidade, quase cinco séculos depois. Piratininga, contudo, demorou 157 anos para se tornar a cidade de São Paulo (CIDADE DE SÃO PAULO, 2014).

A história da cidade de São Paulo não fica restrita apenas a sua ocupação, mas também corresponde as suas múltiplas formas de manifestações sociais. Repleta de atrações e opções culturais, São Paulo dispõe de uma gama de entretenimentos, dentre os quais se incluem as atividades relacionadas ao turismo. Segundo o “Observatório de Turismo” de 2015, a cidade de São Paulo recebeu, em 2014, aproximadamente 15 bilhões e 80 milhões de visitantes, gerando um gasto estimado de R\$ 11 bilhões e 300 milhões tendo respectivamente, como os principais motivos para a visita; o negócio, eventos, lazer, estudos, saúde, visita a parentes e amigos e outros. (OBSERVATÓRIO DO TURISMO, 2015)

A identidade de metrópole é atribuída à cidade de São Paulo, uma vez que ela concentra centros comerciais, grandes grupos financeiros de importância global, é sede de empresas multinacionais e congrega uma pluralidade de serviços prestados, que a condicionam como uma grande potência mundial. A cidade corresponde a uma realidade urbana que, apesar de problemas característicos de toda a metrópole, propicia uma diversidade de equipamentos e serviços de lazer, nos quais está incluso o turismo.

Muitos são os atrativos turísticos da cidade de São Paulo, como, por exemplo: o Museu de Arte Assis Chateaubriand (Masp); Parque Tenente Siqueira Campos conhecido como Trianon; a Casa das Rosas - Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura; o Conjunto Nacional (centro comercial que abriga cinema, lojas, cinema, restaurante, exposições e apresentações); Mercado Municipal; Parque Ibirapuera; Catedral da Sé; o Marco Zero (monumento de mármore que traz um mapa das estradas que partem de São Paulo para outros estados); Mosteiro São Bento; Edifício Altino Arantes, conhecido como Banespão; Estação da Luz (com seu complexo arquitetônico tombado, considerada no passado uma sala de visitas da cidade por receber personalidades e pessoas do interior que desembarcavam ali); o Museu da Língua Portuguesa; a Pinacoteca do Estado; Mosteiro da Luz; Bairro da Liberdade (reduto da cultura japonesa); Vila Madalena (com bares e botecos tradicionais); Beco do Batman (via com muros e paredes cobertos com grafites de artistas nacionais e estrangeiros); Museu do Futebol; Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu); Museu do Ipiranga e Rua 25 de março (centro de compras muito popular da cidade). A cidade possui também, outros ícones utilizados como atrativos turísticos como casas de espetáculos, restaurantes, eventos (feiras, apresentações artísticas, etc) e a gastronomia (CIDADE DE SÃO PAULO, 2014).

Além dos locais citados, os cemitérios de São Paulo também estão indicados como locais turísticos. Em uma cidade global e com grande contingente populacional, é compreensível que haja um número maior de necrópoles. Atualmente a cidade conta com 22 cemitérios: Araçá, Campo Grande, Consolação, Dom Bosco, Freguesia do Ó, Itaquera, Lageado, Lapa, Parelheiros, Penha, Quarta, Parada, Santana, Santo Amaro, São Luiz, São Paulo, São Pedro, Saudade, Tremembé, Vila Formosa I, Vila Formosa II, Vila Mariana, V. N. Cachoeira, e conta ainda com um crematório (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2015).

## 5.2 O Cemitério da Consolação

O Cemitério da Consolação, escolhido como objeto empírico deste estudo, foi o primeiro cemitério público construído em São Paulo/SP, tendo sido fundado em 1858. Reúne cerca de 300 esculturas e abriga sepultura de personalidades. Possui

um roteiro de Arte Tumular, organizado pela administração do cemitério e monitoradas pelo sepultador Francisvaldo Gomes, “que teve como “mestre” o falecido historiador Délio Freire dos Santos, responsável pelas primeiras pesquisas sobre o patrimônio artístico e histórico do local” (CIDADE SÃO PAULO, 2015).

É a mais antiga necrópole em funcionamento na cidade de São Paulo e uma das principais referências brasileiras no campo da arte tumular. [...] foi inaugurado em 15 de agosto de 1858 com o nome de Cemitério Municipal, com o objetivo de garantir a salubridade e evitar epidemias, substituindo o hábito então recorrente de sepultar os mortos nos interiores das igrejas”. (CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO, 2015).

Conforme material informativo da Secretaria de Cultura e da Secretaria de Serviços de São Paulo, apesar de o Cemitério da Consolação ter sido inaugurado em 1858, a história é mais antiga e remonta ao ano de 1829:

[...] época em que o vereador Joaquim Antônio Alves Alvim defendeu, pela primeira vez, a construção de um cemitério público na cidade. Até então, a prática vigente preconizava que os corpos deveriam ser sepultados em solo sagrado, no interior das igrejas, pois entendia-se que a proximidade dos santos poderia auxiliar a entrada da alma no Paraíso. (MARTINS, S.D.)

Os debates sobre os sepultamentos perduraram cerca de 30 anos desde a proposta de Alvim. Inicialmente o cemitério seria construído ao lado da igreja da Consolação, segundo Carlos Rath (engenheiro), Líbero Badaró e Cândido Gonçalves (médicos). Após, foi deslocado respectivamente para o Bairro da Luz (1832) e Campos Elíseos (1854). Apesar disso, “Em 1855, o mesmo Carlos Rath elabora um novo estudo e indica que o melhor local para a construção do cemitério público paulistano seria os altos da Consolação” (MARTINS, S.D.).

As construções se iniciam em 1855, em uma chácara adquirida pela Câmara Municipal e por terreno doado por Marciano Pires de Oliveira, porém a construção era feita de forma lenta, devido à falta de verbas da empreiteira. Sabendo desta situação, a Marquesa de Santos [Domitila de Castro Canto e Melo] doou, em 1857, verbas para utilização exclusiva na construção da capela. A partir disso e também em função de uma epidemia de varíola que atingiu a cidade, o cemitério da Consolação foi inaugurado em 1858 e teve sua área aumentada em 1884 e 1890 (MARTINS, S.D.).

Era o único cemitério da cidade até 1893, ano em que foi inaugurado o Cemitério do Brás, e posteriormente, o Cemitério do Araçá (1897). “A partir da construção dessas duas outras necrópoles, o cemitério da Consolação – que antes atendia a todos os extratos sociais – inicia um processo de elitização consolidado nas décadas seguintes”. Apesar do requinte, os enterros de pobres e escravos, continuavam sendo feitos em covas gratuitas. Em 1901, José Oswald Nogueira de Andrade, na época vereador, defendeu uma reforma completa nos muros e no pórtico da entrada do Cemitério da Consolação. As obras iniciaram no ano seguinte, e a capela também foi incluída na reforma (MARTINS, S.D.).

O resultado já podia ser visto em 1909, época em que o cemitério da Consolação “tornara-se a primeira necrópole de São Paulo, por todos admirada, principalmente pelos visitantes estrangeiros”, conforme as palavras do mesmo vereador José Oswald. Ou seja, há 100 anos atrás o cemitério da Consolação já era um “ponto turístico” importante na Capital. (São Paulo, [20--], p.19)

Com o surgimento de uma burguesia paulista, enriquecida devido à produção cafeeira, o Cemitério da Consolação começou a abrigar obras de arte dos escultores Bruno Giorgi, Rodolfo Bernardelli, Victor Brecheret, Aurélio Franceschi, Luigi Brizolar, Celso Antônio de Menezes, entre outros artistas. Ali estão sepultados Monteiro Lobato, Marquesa de Santos, Emilio Ribas, Washington Luís, etc. (CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO, 2015) e demais personalidades, conforme anexo C (Guia de Visitação do Cemitério da Consolação).

Os demais dados sobre o cemitério foram informados, principalmente, pelo senhor Francisvaldo Gomes, responsável pelas visitas guiadas na necrópole e estão disponíveis nos itens 6 que se refere à coleta de dados de campo.

O que se pode observar durante a coleta de dados é que o acesso que indica o trajeto até o cemitério é bem sinalizado, conforme figura 2. As placas estão em boas condições visuais e com correta indicação do trajeto, facilitando assim, a localização da necrópole.

Figura 2: Placas para orientação do trajeto ao cemitério



Fonte: A autora (2015)

O cemitério da Consolação tem como entrada principal, a frente pela rua da Consolação; lateral direita pela rua Sergipe (que também é a entrada para o Cemitérios dos Protestantes e da Ordem Terceira do Carmo), lateral esquerda pela rua Cel. José Eusébio e fundos pela rua Mato Grosso, que também possui um portão de entrada.

Figura 3: Localização do Cemitério da Consolação - São Paulo



Fonte: Google maps (2016)

Sua entrada possui duas colunas, seguida do *hall*. No *hall*, é possível observar que há uma pintura deteriorada no teto, que merece uma intervenção de restauro. Há, nas paredes, indicação sobre o roteiro realizado no cemitério, através do mapa, o mesmo contido no *folder*. Há, ainda, informações sobre o QR Code, aplicativo com sistema de código de barras, que, após ser decodificado, remete a um texto ou link para acesso a um conteúdo informativo - neste caso, a história que envolva o túmulo ou as pessoas sepultadas. Este trabalho foi inaugurado no dia em 25 de janeiro de 2015 e feito através da empresa Memoriall, em parceria com a Prefeitura e o Serviço Funerário de São Paulo (MEMORIALL, 2015). Além dos Qr Codes, as etiquetas Nier Fiel Communication (NFC) também estão afixadas nas sepulturas. Essas etiquetas permitem trocas de informações entre dispositivos compatíveis desde que esteja próximo um do outro. Segundo Ricardo Marques, co-fundador da Memoriall, a ideia é levar as pessoas ao Consolação, de tal forma que elas possam se guiar sozinhas, ao fazer a visita, tendo acesso à história do falecido, a imagens, árvore genealógica, etc. (IG, 2015).

### 5.3 O Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT)

O Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico é um órgão localizado no Estado de São Paulo, que tem como função “[...] proteger, valorizar e divulgar o patrimônio cultural no Estado de São Paulo. Nessa categoria se encaixam bens móveis, imóveis, edificações, monumentos, bairros, núcleos históricos, áreas naturais, bens imateriais, dentre outros” (CONDEPHAT, 2015). Todo cidadão ou organização pública, civil ou privada, pode requerer ao conselho a proteção dos bens que considerem ser relevantes, tanto para a memória quanto para a preservação do ambiental. Após a solicitação, inicia-se a abertura do processo para o tombamento, feito pelo colegiado do conselho, seguido da conclusão, através da homologação do secretário de cultura e da publicação sobre o tombamento no Diário Oficial do Estado de São Paulo (CONDEPHAT, 2015).

Conforme página do Conselho, desde 1968, este órgão tombou mais de 500 bens que representam a cultura e a história no Estado de São Paulo entre os séculos XVI e XX. Na cidade de São Paulo, tombou a Estação da Luz; Academia

Paulista de Letras; Acervo Arquivístico da Hospedaria dos Imigrantes; Acervo do Museu de Arte Contemporânea – USP; Acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo; Antiga sede da TV Tupi; Bairro do Pacaembu; Biblioteca e Arquivo Histórico Wanda Svevo; Capela de Santa Luzia; Casa das Rosas; Casa de Dona Yayá; Casa de Mário de Andrade; Casa do Bandeirante; Chácara Tangará; Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento; Colégio Visconde de Porto Seguro; Complexo do Gasômetro e Casa das Retortas; Conjunto da Estação Ferroviária de Jaraguá; Conjunto de Edificações da Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz; Conjunto de Edifícios da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC; Conjunto de imóveis do Bairro Campos Elíseos; Conjunto dos Grandes Moinhos Minetti Gamba; Conjunto Ferroviário de Perus; bem como locais fúnebres como o Cemitério da Consolação, dos Protestantes e da Ordem Terceira do Carmo. (SECRETARIA DE CULTURA DE SÃO PAULO, 2015).

Há ainda o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP), criado em 27 de dezembro de 1985 pela Lei nº 10.032 como um órgão de assessoramento cultural da Secretaria Municipal de Cultura (CONPRESP, 2016). Entre as atribuições do órgão, estão o tombamento de bens móveis e imóveis, orientar quanto à valorização e preservação dos bens culturais, solicitar apoio às organizações de fomento para a revitalização de bens protegidos, entre outros. No entanto, nenhum item fúnebre consta como bem tombado ou em processo de tombamento, por este órgão.

## SEXTA BADALADA – NO CAMPO SANTO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresenta-se o que tradicionalmente se chama de campo da pesquisa. Optou-se por seguir uma sequência cronológica da investigação para efeito de descrição. Nesse sentido, são apresentadas, inicialmente, as primeiras impressões sobre o campo, realizadas no dia 16 de agosto de 2015. Do dia 17 ao dia 20 de agosto, estão descritas as aproximações com funcionários, prestadores de serviço e visitantes da necrópole, onde estão incluídos alguns relatos, bem como a entrevista realizada com o condutor das visitas monitoradas, Francisvaldo Gomes.

Este procedimento está coerente com as práticas investigativas do AMORCOMTUR!, segundo as quais se considera pertinente o relato ampliado dos dados obtidos, contemplando inclusive aproximações com o objeto empírico e sujeitos da pesquisa, e não apenas as situações mais formais de investigação, que passam por registros tradicionais e autorização por escrito do sujeito envolvido. Após, está apresentado o roteiro da visita guiada orientada pelo condutor. Os nomes dos funcionários, prestadores de serviços e visitantes foram preservados e, nesta pesquisa, serão utilizados nomes de deuses da morte e da vida, segundo a mitologia de alguns países ou grupos étnicos. O significado do nome que os identifica será explicado em nota de rodapé.

### 6.1 Conversas - Funcionários, prestadores de serviços e visitantes

**No dia 16 de agosto de 2015**, em uma visita informal para as impressões iniciais, foram feitas as primeiras observações. Na administração, encontrava-se Francisvaldo Gomes e, após apresentação, ele relatou que seria possível visitar o cemitério naquele dia, para observar os primeiros dados, ainda que informalmente. Durante esta visita, três visitantes, sentados próximos ao túmulo da família Matarazzo, realizavam um “ato artístico”. O visitante Cizin<sup>15</sup> tocava violão, enquanto

---

<sup>15</sup>Cizin é o Deus Maia dos mortos e governante do submundo. Era uma divindade relatada em guerras e sacrifícios humanos. **OS DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.



Ament<sup>16</sup> e Andjey<sup>17</sup>, sentados próximos a uma sepultura, observavam esculturas e as desenhavam em seus cadernos. Após apresentação pessoal, ambos foram questionados sobre o motivo de estarem ali e a resposta foi a de que o local é tranquilo e propício para trabalhar. Dois deles estavam realizando um trabalho para um curso de desenho e escolheram as sepulturas, por afirmarem serem expressivas e pertinentes ao que buscavam em sua arte, e também, pela tranquilidade do local. A visitante Ament (de chapéu, conforme figura 4) relatou que visitou o Cemitério da Consolação e também uma necrópole na Cracóvia/Polônia e Gênova/Itália, no entanto, não soube me dizer os nomes das necrópoles. O visitante Cizin (com o violão, conforme figura 4) mencionou que também havia visitado um cemitério na Itália e também não soube dizer o nome. Ambos relataram da importância artística e histórica do local, pois, segundo eles, os cemitérios nos modelos atuais, estão se extinguindo já que a tendência é a cremação. A autorização para a publicação da imagem abaixo, foi feita por email (anexo D).

Figura 4 - Visitantes no Cemitério da Consolação



Fonte: A autora (2015)

---

<sup>16</sup>Ament é a deusa da morte egípcia, que recebe os mortos nos portões do submundo. **OS DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

<sup>17</sup>Andjey: Deus egípcio da morte, responsável pelo renascimento das almas no mundo pós-vida. **OS DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

No dia 17 de agosto de 2015, no horário das 9h as 12h, ocorreu a primeira visita ao cemitério objetivando especificamente, a coleta de dados. Ao chegar ao cemitério da Consolação, na sala da administração, a recepção foi feita pela funcionária Kala<sup>18</sup>. Até a chegada do senhor Francisvaldo Gomes, ela foi relatando que trabalhar ali era muito tranquilo, pois o local era agradável e com ar puro. Mencionou que, estando ali, ela pode ajudar as pessoas, pois, para ela, a morte do outro é diferente da morte na família. Ela expôs que existe o momento do trabalho e o da família e que estes devem ser distintos, para que não haja sofrimento ao retornar para casa.

Ao soar o sino existente na capela do cemitério, a funcionária Kala explicou que esta é a forma de comunicação entre os trabalhadores do local. É um modo de chamar, para que venham até a administração. Ela explicou que utiliza este recurso, pois os funcionários/prestadores de serviços ficam dispersos no cemitério, cuidando as sepulturas. Cada funcionário/prestador de serviço tem uma sequência de badaladas (anexo E)

Segundo ela, esses prestadores de serviços não são funcionários diretos do cemitério, mas prestam serviços para o Serviço Funerário de São Paulo e também para os familiares dos entes ali sepultados. A funcionária Kala também mencionou sobre a capela, explicando que as missas ali realizadas, ainda que raramente, são possíveis, desde que a família contrate o padre para a celebração. Sobre o turismo em cemitérios, ela relatou que entende a atividade como algo muito positivo, pois é uma forma, talvez, de manter o cemitério mais ativo e mais cuidado. Para ela, os visitantes cobram uma maior exigência quanto à conservação do cemitério. Neste dia pela manhã, não foi observado nenhum visitante no cemitério, nem de familiares, nem de possíveis turistas. Ainda neste dia, foi feita a entrevista com o senhor Francisvaldo Gomes, que será descrita a seguir.

Dando seguimento às observações no cemitério, ao visitar o túmulo de Antoninho da Rocha Marmo, conhecido como santo popular, a visitante Pesta<sup>19</sup>,

---

<sup>18</sup>Kala: “Deusa hindu da morte e da destruição”. **DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

<sup>19</sup>Pesta: É a morte na cultura da Noruega, tem esse nome por causa da Peste Negra. Usava um capuz preto carregando ancinho ou uma vassoura. Se ela apresentasse o ancinho, algumas pessoas poderiam sobreviver a praga (peste negra), caso trouxesse a vassoura todos morreriam. **DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

relatou ser devota dele há 25 anos e que parte da sua família também acredita nos milagres dele. Ela relatou que está escrevendo um livro sobre a vida de Antoninho.

A prestadora de serviço Giltiné<sup>20</sup> relatou que moraria no cemitério, expondo que “Aqui não tem fofoca nem maldade, todo mundo se gosta. Eu acho que o cemitério está meio jogado, as famílias abandonaram e a prefeitura não dá conta de tudo”. Quando questionada sobre o que pensava sobre o turismo realizado ali, ela mencionou que é favorável, pois isto estimula a manter o local limpo, e também porque os visitantes não perturbam o serviço, nem o lugar.

Na sequência da pesquisa, foi realizada uma entrevista, no dia 17 de agosto, com o senhor Francisvaldo Gomes, administrador da necrópole e responsável por realizar as visitas guiadas. As perguntas feitas e os dados coletados não estão apresentados na sequência da entrevista, mas estão distribuídos conforme os objetivos da pesquisa. Optou-se por esta estratégia, para facilitar a análise e reflexão da contribuição, para cada objetivo proposto.

#### Quadro 5: Objetivo específico 1

Apresentar características do cemitério, demonstrando a sua condição de bem patrimonial, material e imaterial;	
Existe algum arquivo histórico sobre o cemitério?	Sim. Temos os livros. Para quem vai localizar alguém enterrado aqui, nós temos os livros de concessões e os livros de óbito e que facilita ao pesquisador, quando ele quer pesquisar sobre uma pessoa sepultada. Existem registros até mil novecentos e trinta. De mil novecentos e trinta [para trás] só no arquivo histórico municipal, que fica na Praça Coronel Fernando Prestes, número 152, lá no Bairro da Luz.
O cemitério tem alguma planta de organização espacial?	O cemitério tem planta sim. Eu tenho uma planta recente que foi feita devida a vegetação que nós temos aqui e às árvores. Elas foram catalogadas, estão sendo catalogadas para saber as espécies de cada uma. Então, foi feita uma planta do local justamente para facilitar para o aluno fazer uma leitura, na pesquisa de cada espécie de árvores pontuada dentro do cemitério.
O cemitério tem organograma?	Sim. Primeiro tem a superintendência, que administra os 22 cemitérios. A superintendente que representa o serviço funerário de São Paulo é Lúcia Salles de França Pinto. Como nós temos 22 cemitérios, ela determinou um diretor para tomar conta dos cemitérios. Então nós temos uma

<sup>20</sup> “Na mitologia Báltica é uma mulher velha, feia, com nariz comprido azul e uma língua venenosa mortal”. A lenda diz que Giltiné era jovem, bonita e comunicativa, até ficar presa em um caixão durante sete anos. Giltiné era irmã de Laima, deusa da vida e do destino, simbolizando a relação entre o início e o fim. **DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

	superintendente que organiza o serviço funerário e temos o diretor que administra os vinte e dois cemitérios municipais.
Quem administra o Cemitério da Consolação?	Nós temos um administrador. Eu administro, é o Francivaldo. Até o último momento eu estou administrando, mas eu estou saindo agora de administrador do cemitério. Vou atuar mais com a questão do atrativo turístico.
Quantos funcionários o Cemitério possui?	Aqui nós temos quatro na administração. Nós temos 5 sepultadores e temos vinte e dois jardineiros, que prestam serviços para os munícipes que são donos de jazigos do cemitério.
O sepultamento é realizado e organizado pela prefeitura ou empresas privadas?	Pelo serviço funerário de São Paulo.
E como funciona? A pessoa [familiar] escolhe o cemitério?	Só podem sepultar pessoas aqui, quando os familiares são donos de jazigos.
O cemitério aqui oferece cremação?	Não, porque nós temos um crematório da Vila Alpina, que também é administrado pelo Serviço Funerário de São Paulo, ou melhor, pela Prefeitura (Crematório Dr. Jayme Augusto Lopes).
Quantas pessoas aproximadamente estão sepultadas aqui?	Tem, aproximadamente, 8.500 túmulos, que abrigam cerca de 15 mil sepultamentos. O último levantamento foi feito de 2001 para cá.
Qual o tamanho da área do cemitério?	Setenta e seis mil, trezentos e quarenta metros quadrados. Não tem mais como expandir, não tem mais área.
E não existe a possibilidade de comprar mais áreas no cemitério?	Existe possibilidade de comprar, porque, quando você adquire um terreno aqui, você vai adquirir o direito de sepultar até o último membro da família. Quando o último da família é sepultado, esse túmulo volta automaticamente para o poder público. Então, é feito todo um levantamento, uma avaliação e esses túmulos são repassados novamente para outras pessoas que pretendem adquiri-los, e assim ocorre sucessivamente. Hoje, se alguém precisar de um sepultamento e quiser comprar no Consolação, hoje eu teria um terreno para vender. Ele está em preço equivalente vinte e seis mil reais e frações, quase vinte e sete mil reais.
E como que está dividido esse cemitério? Quais são as alas?	São divididas por quadras e ruas. É um labirinto, mas organizado desta forma.
Existem áreas, por exemplo, para católicos, para protestantes?	Não. Dentro do quadrado, dentro da planta do cemitério, aparece a área do Consolação e anexo, o cemitério Protestantes e o Cemitério Ordem Terceira do Carmo. São cemitérios particulares, mas estão em anexo ao quadrado do Consolação.
As ruas, elas não são numeradas? Elas não têm especificamente nomes?	Não, não são. Eu tentei fazer uma mudança de números para nome de pessoas (em 2002), só que, na gestão da época, não vigorou. Por exemplo, a Rua Um eu ia colocar Rua Marquesa de Santos. A Rua Dezessete, eu ia colocar Rua Mario de Andrade e Quadra Tarsila do Amaral, mas isso não vigorou. Ficou no papel, e hoje é organizado como rua e quadras do cemitério.
E o senhor tem ideia de dar continuidade a esse projeto, que dá nome de pessoas às ruas do cemitério?	É um pouco difícil, mas eu comentei isso há uns três meses atrás com uma pessoa do órgão, da Prefeitura, e ele não me deu nenhuma resposta. Ele falou que ia tocar no assunto com mais alguém, era interessante este formato que eu queria fazer. Ele ficou de me dar uma resposta, mas aí creio que, para ele, ficou no esquecimento, mas era tão interessante mudar de números para nome de pessoas, das

	<p>próprias pessoas que estão enterradas aqui. Quadra Monteiro Lobato, seria então, interessante. Quadra Conde Matarazzo, Rua Basílio Jafet. Basílio Jafet foi um grande industrial, trabalhava com tecelagem aqui em São Paulo, que é descendente da Adma Jafet, fundadora do Hospital Sírio-libanês. Eu poderia colocar “Rua Adma Jafet”. Isso ficou no papel, eu fiz uma planta, um mapa, e direcionei no mapa todas as ruas, como eu queria que fosse feito. Só que a gestão não aprovou. Ela devia ter ido mais além, mas acabou e, sei lá, não sei se não gostou da ideia. Percebi aí que [com] algumas pessoas que eu toquei no assunto, elas gostaram da ideia, só que não vigorou, infelizmente, mas seria ótimo fazer deste modo.</p>
<p>E como é feita a segurança aqui? Quantas pessoas têm vigiando o cemitério?</p>	<p>Nós temos guarda. Como você viu nós, temos dois guardas da GCM que faz a vigilância durante o dia. Guarda Metropolitana de São Paulo. Temos, à noite também, quatro guardas no cemitério. O cemitério também foi vigiado por cães, nós tínhamos cães aqui, tínhamos cinco <i>rottweiler</i> e um <i>fila</i> para inibir alguma situação de furto. Furtos que já ocorreram. Hoje nós não estamos mais com os cães, e, sim, somente com a Guarda Metropolitana. Temos a companhia de guardas do próprio serviço funerário que é a GCM, que é uma guarda patrimonial administrada pelo próprio serviço funerário. O intuito com tudo isso é preservar este cemitério que, para o entendimento de muitos, é um museu histórico a céu aberto.</p>
<p>Que tipo de árvores frutíferas tem aqui Francisvaldo Gomes?</p>	<p>O cemitério, ele não atrai somente o ser humano que vem cultivar aqui, mas [também] os pássaros. A nossa fauna brasileira concentra-se aqui, através dos pássaros, nós temos algumas frutas que faz com que muitos venham para cá. Nós temos a carambola, nós temos a goiaba, nós temos a jaca, nós temos o abacate, nós temos o caqui. Nós temos muitas frutas, que acabam atraindo a presença dos pássaros ao local.</p>
<p>Quem está catalogando as árvores?</p>	<p>Eu não vou saber agora exatamente passar para você o órgão, mas é um órgão da prefeitura, da companhia do verde. Isso eu posso ver depois para você e te dar o nome dos agentes que estão fazendo essa pesquisa, que são da prefeitura. Só que para dar o nome do órgão, eu posso te dar depois.</p>
<p>Como eram feitos os sepultamentos antigamente? O senhor vê diferença?</p>	<p>Antes de a gente ter túmulos suntuosos ou simples construídos de alvenaria, os sepultamentos eram na terra e anterior à terra, eram nas igrejas. Se nós temos hoje o Cemitério da Consolação, um cemitério a céu aberto é graças a ideia pioneira de um médico e jornalista chamado Líbero Badaró. Este imigrante italiano, quando vem da Europa para o Brasil, chegando aqui em São Paulo, ele percebe que a prática de sepultamentos era dentro das igrejas, e ele via que, na década de vinte, do século XIX, esta prática, lá na Itália, já era feita de outra forma. Então, ele tem a ideia de construir o cemitério a céu aberto, ao ar livre. Por quê? Como país, Brasil, é um país super católico, as pessoas, com certeza, que iam para a igreja cultivar dentro da nave, ajoelhar-se no chão para rezar, iriam [receber] miasma aquele mau cheiro de quem era sepultado. E ele via que, se isso fosse acontecendo constantemente, a saúde da população ia ser prejudicada. Então, ele dá a ideia para a câmara municipal, de construir o cemitério ao ar livre, aqui no Brasil. Através de seus vereadores, a câmara forma comissões à procura de</p>

	lugares que sejam longe do centro. Então essa comissão veio à procura de um local bem afastado do centro e encontraram o Consolação, que era um espaço de pastos para animais. E foi aqui onde se criou o primeiro cemitério público municipal.
Existe algum item fúnebre tombado pelo IPHAN?	Não recordo.
E pelo CONDEPHAAT quais são?	Francisvaldo Gomes não soube responder e me encaminhou ao senhor Yama <sup>21</sup> , que, no momento da entrevista, estava fazendo um levantamento das sepulturas. O condutor lhe questionou se havia alguma obra tombada pelo IPHAN, e Yama respondeu que não lembra, mas pelo CONDEPHAAT, afirmou ter muitos túmulos tombados e, que no momento estavam no cemitério pesquisando sobre isto. Nem Francisvaldo Gomes, nem Yama, souberam responder se o cemitério é inventariado. Ele disse que existe um levantamento de quantos túmulos tombados e abandonados existem, mas não soube informar quantos. Os túmulos tombados estão com os cuidados sob responsabilidade do Serviço Funerário de São Paulo. Ele informou que, quando uma sepultura precisa de uma intervenção ou de restauro, a administração do cemitério comunica o CONDEPHAAT. Yama informou que o túmulo do Délio Freire dos Santos é tombado como pessoa ilustre por uma comissão <sup>22</sup> . Ele explicou que existe um decreto que faz o “tombamento”, tanto de valor histórico como de [pessoas] ilustres e que o Délio, faz parte das pessoas ilustres, porque ele foi um historiador, foi uma pessoa importante e fez parte da primeira comissão do levantamento das sepulturas. Yama explica ainda que o “tombamento” é organizado pelo CONDEPHAAT e por um decreto instituído por Jânio (Quadros) que está em vigor até hoje. Segundo ele, o único comissário que está vivo é o Carlo Gioza. O historiador Délio acrescentou outras pessoas, como Ruth Cardoso e após a morte deste, Francisvaldo Gomes acrescentou Délio Freire dos Santos no roteiro. Yama, que participou em um momento da entrevista com Francisvaldo mencionou que estava no cemitério fazendo um levantamento, para que se faça uma nova comissão com indicação de outras pessoas da secretaria de cultura, a partir de um pedido para a superintendente. A comissão é de 1986 e, Yama afirmou que se encontra defasada. Ele trabalha em uma comissão de terrenos abandonados, mas que está vinculada com a comissão que realiza o levantamento histórico do cemitério. Essa comissão de terrenos abandonados está em parceria com a PUC e conta com o auxílio de uma historiadora e também com o projeto que, segundo ele, se chama Projeto Museu Aberto, para identificar e catalogar sepulturas e familiares.
Como que é feita a manutenção dessas	O órgão tomba, como o [rapaz] explicou, mas só que a conservação é por parte da gente. Nós que fazemos a

<sup>21</sup> Yama: Deus Hindu da morte. É considerado o primeiro mortal que morreu e avistou o caminho para as moradas celestes. **DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

<sup>22</sup> Comissão de preservação de jazigos decreto nº 22593/86

sepulturas? É responsabilidade da família, do órgão que tomba ou do próprio cemitério?	conservação. E daqueles que não são tombados, quem administra a manutenção é a família.
Os túmulos tombados tem a manutenção feita pelos funcionários e servidores? Isto é uma obrigatoriedade do cemitério?	Esses que são tombados, que o serviço funerário administra dentro do cemitério, ficam sobre a nossa responsabilidade: de túmulo de ilustre ser mantido limpo, feito algum reparo, já que temos um trabalho a mostrar. Agora, quando há modificação ou [tem] que mudar arquitetura, algo assim, aí o patrimônio histórico, que é o CONDEPHAAT tem que saber, mas de manter, fazer a manutenção é por nossa conta, do serviço funerário.
Em termos de estrutura para visitantes, tem banheiro aqui?	Temos, temos dois banheiros, um feminino e um masculino para o público que visitar, e temos mais banheiros, sendo para uso de funcionário.
E estacionamento, é aqui fora?	Estacionamento tem em frente ao cemitério, para quem vem visitar. Só que ele tem que usar cartão zona azul.
E como funciona esse cartão? O que é esse cartão?	O cartão zona azul é da prefeitura que você coloca pelo determinado tempo em que você vai ficar no local. Caso o guarda chegue e veja que aquele cartão tá dentro da hora, dentro do prazo que você instalou no carro, ele não vai te multar. É um cartão que dá direito de você estacionar sem ser multado. O cartão zona azul é um cartão da prefeitura, um cartão organizado pela C.T (Companhia de transportes).
E para quantos carros tem esse estacionamento?	Olha, aqui aproximadamente uns trinta carros podem ser colocados nesse estacionamento, que não é do cemitério. Esse estacionamento na verdade não é do cemitério. É a C.T. que organiza sobre o estacionamento da frente do cemitério. É organizado pela companhia de transportes (C.T.). Isso é, a C.T. é também um órgão administrado pela prefeitura.

### Texto Síntese: Características do cemitério e condição de bem patrimonial

Depois de apresentadas as respostas relativas a cada objetivo, optou-se por fazer alguns destaques de aspectos a serem considerados, em síntese. Vale ressaltar que esses aspectos correspondem ao entrelaçamento de dados de campo, e não exclusivamente às respostas da entrevista. A proposta aqui é iniciar a reflexão, em síntese, do conteúdo de dados obtidos. No caso do objetivo específico 1, os destaques estão a seguir.

Não foi disponibilizada a **planta baixa** do cemitério que indicasse seu modo de organização sócio espacial. Os funcionários da necrópole, prestadores de serviço e o Serviço Funerário de São Paulo não souberam informar da existência de uma planta que oriente a ordenação do espaço.

Quanto à administração Francisvaldo Gomes não mencionou exatamente um **organograma**, mas, sim, uma **síntese da estrutura administrativa** do Serviço

Funerário de São Paulo, responsável pelos 22 cemitérios da cidade. Francisvaldo Gomes se diz subordinado à superintendente Lúcia Salles de França Pinto, que coordena a maior parte de tudo que envolve os cemitérios. Há um diretor responsável, que administra os cemitérios municipais. No Cemitério da Consolação, Francisvaldo Gomes é responsável por gerir o local; no entanto, sua responsabilidade nesta função ocorreu até o final do ano de 2015. A partir de 2016, o cemitério começou a ser administrado por Jair Batista. Francisvaldo Gomes atualmente está responsável por conduzir as visitas guiadas.

O condutor relatou que há **quatro funcionários** na administração, **cinco sepultadores e vinte e dois jardineiros**, que prestam serviços aos donos dos jazigos. Estes são cadastrados no Serviço Funerário para que possam realizar os serviços dentro do cemitério e são responsáveis pela manutenção e limpeza das sepulturas.

**Os sepultamentos são organizados pelo Serviço Funerário de São Paulo** e os familiares só podem realizar sepultamento no Consolação, quando são proprietários dos jazigos, visto que não há mais espaços para a construção de novas covas ou jazigos. **O cemitério não oferece cremação**, também em função do espaço e porque este serviço é realizado pela prefeitura, no crematório Dr. Jayme Augusto Lopes, situado na Vila Alpina.

Atualmente o cemitério conta **com 8.500 túmulos e 15 mil sepultamentos** dispostos em uma **área de 76 mil, 340 metros quadrados**. A contagem das sepulturas e sepultamentos no cemitério foi feita a partir do ano de 2001; porém, Francisvaldo Gomes não soube informar a data correta. Não há mais possibilidade de expandir a área que ocupa um quarteirão junto com o Cemitério da Ordem Terceira do Carmo e o dos Protestantes. Ainda assim, há a possibilidade de comprar um terreno quando o poder público, adquire direitos sobre um terreno de famílias que não existam mais membros a serem sepultados. Assim, este espaço é colocado novamente à venda.

Quanto à **organização social do cemitério**, o condutor expõe que não há este tipo de divisões dentro do Consolação, já que os sepultados estão dispersos na área do cemitério sem esse critério. O grupo de protestantes e católicos estão no Cemitério dos Protestantes e Ordem Terceira do Carmo, respectivamente. O único delineamento espacial fornecido é o desenho contido no guia turístico do cemitério.



Conforme observado, não há especificamente um local destinado ao sepultamento da burguesia, clero, entre outros.

No cemitério da Consolação, **não há sepulturas públicas**, tampouco um espaço para a construção de um crematório. Ele está dividido em quadras e ruas, que, conforme o monitor das visitas, formam um labirinto. Apesar da afirmação de que as ruas não são numeradas, as mesmas possuem numeração, conforme pode ser observado na figura 5.

Figura 5: Indicação da localização da rua com QR Code



Fonte: A autora (2015)

A ideia de Francisvaldo no sentido de colocar nome nas ruas não teve continuidade e, ainda que seja uma ação interessante, depara-se com o fato de que, a colocação de um nome seja feita em detrimento do outro. Surge, então, o questionamento: o que torna um nome mais relevante que outro, a fim de que este receba o nome de uma das ruas do cemitério?

Sobre a **existência de algum item tombado pelo IPHAN**, o monitor disse não recordar de qualquer tombamento por esse órgão. No que diz respeito ao CONDEPHAAT, também não soube responder, indicou um representante da comissão de terrenos abandonados, que se encontrava no cemitério naquele momento, para falar a respeito.

**A manutenção das sepulturas** é feita pelos funcionários e servidores do cemitério da Consolação, ainda que, conforme Francisvaldo Gomes, durante

conversa nos dias de pesquisa, estes não tenham recebido preparo técnico para a conservação das obras fúnebres.

No caso dos itens tombados, o condutor explicou que o cemitério é responsável pela manutenção delas, mas que, quando é necessária alguma intervenção física na arquitetura tumular, é comunicado ao CONDEPHAAT para que o órgão avalie e realize as intervenções. Ao ser questionado sobre alguma ação que pudesse ser realizada pelo IPHAN, o condutor não soube responder.

Quanto à **estrutura para os visitantes**, Francisvaldo Gomes menciona o estacionamento existente na rua da Consolação, junto ao cemitério. O estacionamento tem lugar para aproximadamente 30 carros. Este espaço não pertence ao Consolação, e é organizado pela Companhia de Transportes de São Paulo (C.T). O estacionamento só pode ser utilizado por quem possuir o cartão zona azul (figura 6), que dá direito de estacionamento, através de pagamento.

Figura 6: Placa de estacionamento/Cartão azul



Fonte: A autora (2015)

Quanto à **catalogação das árvores**, o condutor se refere ao projeto realizado pela Secretaria do Verde e Meio Ambiente, que subsidia o serviço de registrar a biodiversidade do cemitério. A ideia, conforme informação do Serviço Funerário, é recompor o paisagismo original, que foi feito por Ramos de Azevedo. Esse é um projeto piloto que está catalogando as primeiras árvores, mas com pretensões de dar segmento à catalogação em outros cemitérios. No momento da visita no Cemitério da Consolação, as árvores estavam apenas numeradas, conforme figura 7, não havendo nenhuma nomenclatura ou placa indicativa/explicativa das árvores

catalogadas. No cemitério da Vila Formosa, há também um projeto de recomposição do entorno o qual possui uma trilha ambiental.

Figura 7: Indicação da Catalogação de árvores



Fonte: A autora (2015)

O segundo objetivo proposto foi discutir os conceitos existentes e a prática de turismo nos cemitérios. O aspecto conceitual já foi abordado, anteriormente, nos capítulos teóricos. Na entrevista, não foram discutidos conceitos, mas evidenciam-se aspectos relativos às práticas do turismo.

#### Quadro 6: Objetivo específico 2

<b>Discutir os conceitos existentes e a prática de turismo nos cemitérios.</b>	
O roteiro inicial foi o Délio Freire dos Santos quem organizou, mas ele se mantém? É o mesmo ou o senhor fez alterações para os turistas?	Na verdade, esse mapa é novo. Eu que pontuei ele. Já foi uma elaboração a partir de mim, este mapa novo que tem.
O outro material anterior a esse, também foi organizado pelo senhor?	Foi, mas é lógico, eu dou o mérito, porque em mãos, eu estava com conteúdo e organizei. O conteúdo é do meu mestre. Eu acrescentei mais pessoas e gerou aquele primeiro mapinha. Já neste segundo, foi um mapa que foi criado, organizado pelo primeiro.
A respeito do turismo cemiterial, existe algum apoio, por parte da Secretaria de Turismo?	Não. Financeiro eu não diria, mas apoio de organizar algum evento tem tido assim: é feito entre o nosso departamento e com nossa assessoria de imprensa e através deste contato, há organização de fazer algum evento aqui no Cemitério, e esses eventos, alguns passam a ser organizados pela Secretaria de Turismo, aprimorando o local, para ele ser sempre um atrativo. Então, a gente tem tido, sim, colaboração com eventos que aconteçam no local.

Vocês fazem eventos anuais sobre o turismo em cemitérios aqui?	Como a nossa superintendente – Lúcia Salles França Pinto – tem falado, destacado, o Consolação é como se fosse um parque de memória e ela mesmo, a nossa superintendente, está procurando organizar [evento] sempre a cada momento de homenagem, por exemplo, Dia dos Pais. Dia dos Pais nós tivemos aqui o Coral Paulistano Mário de Andrade. São eventos também que nós fazemos: Da das Mães, Dia de Finados, etc. Então, é essa gestão que aprimora muito a questão da cultura, do atrativo turístico em Cemitério. Creio que dia dois de novembro, dia consagrado aos mortos, vai ter algum evento para sociedade, para alguém que visita cemitério, ver.
Tem muita procura por esse roteiro Francisvaldo Gomes?	Tem, tem muita procura. Inclusive quem tem isso concentrado é a Fátima [D'Agostino] [assessora de comunicação], porque é feito lá o pedido. A assessoria de imprensa organiza e manda pra mim [...].
Vocês tem um livro de registro de visitantes?	Não, não. De condolência, eu acho. Depois eu vou estudar o assunto para colocar, além do de condolência, também o de visitante. Quando o Délio estava vivo [...] para as visitas que vinham, tinha um livro de registro. Só que de lá pra cá não mais aconteceu isso [...]. Então, com essa organização agora, que a gente tá pontuando tudo direitinho, nós vamos criar um livro de registro. Porque é assim: [...] para o que quer se falar a respeito de uma visita, nós temos o 0800, [...] eu digo para fazer críticas e elogios. Sobre qualquer coisa [...] que se fala de cemitério, então é assim: para fazer a visita ela vai ter que [...] mandar um e-mail para assessoria [...] formalizando o pedido. Ela formula o pedido [...] da visita que ela quer fazer a qualquer cemitério, porque nós temos vinte e dois cemitérios, só que o mais famoso é o Consolação.
E quem são as pessoas que visitam esse roteiro?	São professores de arquitetura, [...] professores de história, [...] colégios da rede municipal, da rede estadual e muitos turistas que vêm de outros países visitar o Consolação.
Existem visitantes internacionais? De que países?	Os últimos que eu tenho recebido: Los Angeles – a terra do Michael Jackson. [...] México, Alemanha, ontem eu recebi da França. Os países que você imaginar. França, Itália, Japão, [...] a maioria vem com tradutores. Como eu não falo inglês [...] alguém vai traduzindo. [Ele mencionou que geralmente é alguém do grupo].
Há uma estimativa anual de quantas pessoas fazem esse roteiro? Vocês conseguem ter esse controle ou ainda não?	Nós temos por mês umas cento e cinquenta pessoas, uns cento e cinquenta pedidos por mês. Agora o número de [...] pessoas que comparecem é relativo [...] é relativo porque tem dias aqui que eu estou com oitenta pessoas em uma visita só. Então é muito relativo.
Não tem um número mínimo, [...] nem máximo de visitantes para o senhor fazer esse roteiro? Ou tem?	[...] o correto era acima de cinco pessoas. Só que se uma pessoa fizer o pedido de visita monitorada, eu vou atender. Então, diga que não. Não tem um número.
E quais os dias e horários do roteiro?	Os dias: são terças e sextas. Sendo de manhã, a partir das 09:30 [...] e à tarde a partir das [14h]. Nesses dias, terças e sexta.
E ele foi sempre assim, nesse horário?	Sempre foi nesse horário [...].
E o que mudou, ao longo do tempo na produção desse roteiro?	Não, ele não mudou. O que mudou é o seguinte: [...] no roteiro foram só acrescentados alguns nomes, por exemplo, o Délio deixou, [...] vinte números, vinte lugares onde vamos passar e nós acrescentamos para trinta. Então o roteiro mudou assim acrescentou, lugares aonde você vai cultivar [...].

E qual o tempo estimado do trajeto do roteiro?	De uma hora a uma hora e meia.
Quais as perguntas mais frequentes que eles fazem para o senhor, nesse roteiro?	As perguntas mais frequentes: “quem está de famoso enterrado aqui?”, é “qual o túmulo mais famoso aqui?”. Aí eu acrescento: o maior mausoléu da América Latina é o do Conde Francisco Matarazzo. E “a pessoa mais famosa?” Olha, têm várias pessoas, eu posso te falar: tem a Marquesa de Santos, tem o Monteiro Lobato, tem a Tarsila do Amaral. É muito relativo, porque nós temos muitas pessoas. Conforme as perguntas [vão] sendo feitas, eu vou levando ele a cada local e daí vai preenchendo com a própria visão dele, vendo o local onde está sendo [visitado].
E o senhor tem ideia de quantos trabalhos acadêmicos já foram feitos sobre cemitério, ou quantas pessoas já te procuraram com esse intuito de trabalhar academicamente, tanto para questão da história, sociologia, arquitetura ou até mesmo turismo?	Se eu for formalizar um número, eu acho que mais de oito mil pessoas já me procuraram para fazer este roteiro [desde o ano que Francisvaldo Gomes está ali]. Para fazer o roteiro, para conhecer o cemitério.
E para pesquisas, o senhor não tem ideia?	Para pesquisa é relativo, porque no meio desses pedidos, vão estar essas pessoas. [...] É importante você me perguntar isso porque eu vou grifar. Por exemplo, eu recebi cinco turistas japoneses, eu recebi de Los Angeles vinte turista no mês. Da Itália eu recebi quinze turistas. Bacana você me deu uma ideia boa para registrar, para as perguntas que [estão sendo feitas] porque aqui acaba sendo o foco para isso. Aqui acaba sendo um livro de história que você folheia e lê o que tem, o conteúdo. É interessante que você me falou isso, me abriu um leque. Eu vou grifar isso, a cada pessoa que aparece aqui, de qual país ele é, qual é o objetivo, e qual é a sua formação.
O pessoal costuma utilizar esse espaço para outras atividades que não sejam sepultamentos e visitas?	Sim. Para fazer peça de teatro.
E eu vi que tem aqui o Antoninho da Rocha Marmo, também tem a Maria Judith. Existem alguns outros santos populares aqui?	Sim, existem santos populares. A Maria Judith que é de [...] vinte e seis do onze de mil novecentos e vinte e nove (26-11-1929) se não me falha a memória. Existe também o Antoninho, que é de vinte um do doze de mil novecentos e trinta (21-12-1930). São tidos como santos populares. Existem outros santos populares enterrados aqui, só que estão no anonimato, mas os mais populares são estes. Maria Judith de Barros e o Antoninho da Rocha Marmo.
E são bastante procurados?	São bastante procurados, inclusive uma das últimas pesquisas, foi feita da Maria Judith de Barros, ela é de vinte e seis do onze de trinta e oito (26-11-38) <sup>23</sup> . Ela se tornou assim, uma espécie de protetora para os vestibulandos. Então, os vestibulandos, alunos que estão aí nos finais dos seus TCC's, comparecem aqui e vão até o túmulo da Maria Judith, para fazer um pedido para tentar entrar nas melhores faculdades. Ela se tornou auge nesta procura, como santa popular; e o Antoninho, as visitas no túmulo dele, são constantes. São ainda dois túmulos que o Vaticano não

<sup>23</sup> Há uma pequena incongruência nas datas relacionadas à sepultura de Maria Judith de Barros. Ele menciona o ano de 1929 e também 1938, no entanto, a data que consta na lápide é a de 1938.

	tem conhecimento. Isso é, da Maria Judith não, mas o do Antoninho, já tem processos em andamento para tentar beatificá-lo.
E as famílias dessas pessoas, tanto da Maria Judith quanto do Antoninho, fazem manutenção dessa sepultura? Eles comparecem?	Da Maria Judith, a gente não tem conhecimento de uma família que tão recente pudesse comparecer. Não compareceu nenhuma família da Maria Judith, no Consolação. E essa manutenção vem sendo feita por nós mesmo do cemitério ou por algum admirador que vai até o local, que limpa, deixa bonitinho, pinta até. Por parte da família não tem tido nenhum amparo de cuidado. E do Antoninho também, são mais os admiradores, e nós dos cemitérios que volta e meia passamos ao local.
Em função dessa admiração, dessa devoção, os túmulos, são alterados devido às placas que são colocadas. Essas placas, em agradecimento, são autorizadas por vocês para serem colocadas?	Como a família nunca falou sobre não colocar ou colocar, não se manifesta quanto a isso. Então, essas colocações de placas de agradecimento, a gente nunca impediu de alguém colocar. Não é organizado por nós do cemitério, esta colocação de placas, porque fica a critério de quem recebe uma graça. Quem recebe uma graça, educadamente vem até a administração só para avisar: "Olha, eu vou colocar uma placa de agradecimento por uma graça recebida no túmulo de Antoninho ou de Maria Judith". Então a gente tem controle desta forma, quando assim, é avisado pelo devoto.
E tem algum conto popular no cemitério, algo folclórico sobre o local, ou alguém que relata ter visto uma assombração?	Folclórica não. Nada que eu possa lembrar no momento, mas voltando atrás, como você tinha perguntado sobre o que acontece no Consolação: se acontece eventos, atrativo além das visitas monitoradas, nós temos eventos em comemoração na cidade de São Paulo. Comemoração de Dia dos Pais, tanto os pais vivos quanto os falecidos, se tornando com isso, o local, um parque de memória, memória e vida. Então, são esses momentos que a gente usa para homenagear. Atrativos turísticos que acontece no local além da visita: Dia dos Pais, Dia das Mães, Dia de Finados – dia consagrado aos mortos - fora os teatros que estão acontecendo à noite. O Teatro tem espaço para cinquenta acentos, costuma chegar a cem, cento e vinte e ficam pessoas sem poder entrar. Esse evento que acontece à noite no Cemitério da Consolação tem tido um grande número de visitantes. É diferente aqui no Brasil acontecer isso, existe em outros cemitérios europeus, visitas quase que constantes.
E as temáticas que são desenvolvidas nesse teatro são sobre o quê? É referente a alguma pessoa que está sepultada aqui ou são diversos temas?	São diversos temas. A que aconteceu era é uma ficção, do autor de nome Edgar Allan Poe.
E em que espaço que é utilizado, que é feito essa encenação? Eles percorrem o cemitério ou algum ponto?	Não, não é percorrido o cemitério e sim dentro da capela. Na capela que nós temos – a única capela do cemitério -. É concentrado ali dentro, cinquenta cadeiras para cinquenta pessoas e a armação do teatro, ali dentro também.
E essa capela é utilizada de forma frequente ou apenas em datas comemorativas? Na realização de missas, por exemplo?	Ela é utilizada constantemente para o féretro que vai ser sepultado aqui. Passa pela capela, recebe ali uma oração de corpo presente com a família, ou, senão, a família contrata padre para celebrar uma missa no local. O tempo que a família vai ter para ficar com seu féretro, com seu falecido na capela, é de vinte a vinte e cinco minutos, porque aqui no cemitério nós não temos velório. As pessoas velam em outro lugar e a capela tem serventia só pra fazer a última despedida do ente querido. [...] E então é isso, quando você falou se percorrem o cemitério, o cemitério acaba sendo um atrativo turístico para muitas eventualidades. Por exemplo, para curta-metragem, para longa,

	para cenário de novela, para filmes. Há pessoas que vem em grupos fazer orações, pessoas de religião, igreja católica, têm vindo quase que constante aos domingos, fazendo prece, uma oração [...] é um espaço amplo. Acabam com isso, com esse passeio, fazendo orações em homenagem aos mortos aqui sepultados. Que são da igreja católica.
De outras religiões não?	Outras religiões ultimamente eu não tenho visto para uma apresentação não. Só quando há um sepultamento de pai de santo. Aí vêm todos os irmãos, que são irmãos de santo ligados a candomblé. Outras culturas aparecem, quando é enterrado um líder dessa cultura.
Fora isso, o pessoal não vem aqui? Não tem oferendas colocadas aqui? Existe?	Existe. O Cemitério Consolação recebe culturas. Por que desta forma? Porque nós temos aquele espaço que se chama Cruzeiro das Almas, aonde são colocadas ali, velas. São feitos despachos, então é um espaço que foi construído para ser conhecido como um cruzeiro. O lugar serve para alguém acender [para aqueles que] são enterrados aqui ou que são enterrados em outros lugares, outros cemitérios. Só que, como nós temos várias religiões aqui em São Paulo, então, esse espaço chamado de Cruzeiro das Almas, muitas religiões passam por ali e cultuam das suas formas. Muitos ligados à Umbanda, Candomblé.
E as pessoas que visitam os familiares, o senhor percebe que elas são mais jovens ou mais idosas?	Mais jovens, mais jovens [Em outro momento, fora da entrevista, Francisvaldo Gomes expôs que os turistas também são de público mais jovem, de aproximadamente até 40 anos].
Quando as pessoas vêm visitar, elas são autorizadas a fotografar ou não?	É muito relativo. Tem pessoas que pedem só para fotografar, tem pessoas que pedem só pra fazer a visita guiada, mas é lógico, em uma visita guiada obviamente você vai se deparar com alguma obra e vai lhe chamar a atenção. Você vai querer levar uma foto, então fica muito relativa essa questão do pedido, de visitar o local. [É possível] só para visitar sem fotografar, ou você formula um pedido só pra fotografar sem ter a visita monitorada.
O senhor já visitou outros cemitérios?	Não, não. Cemitérios, só aqui em São Paulo. Já vi muitos cemitérios aqui em São Paulo.
E quais outros que o senhor acha que podem ser atrativos turísticos, além do Consolação?	O Cemitério São Paulo também, que fica aqui na Rua Cardeal Arco Verde, é um cemitério que foi fundado em mil novecentos e vinte e seis (1926). Temos também o Cemitério do Araçá que é na Dr. Arnaldo, que é de mil oitocentos e oitenta e sete (1887). Esses dois cemitérios, fora o Consolação, é bom que o pesquisador passe por esses dois porque ele vai ter um super conteúdo histórico.
Quando começou a ideia de se desenvolver o turismo cemiterial? O senhor lembra o período? O senhor já estava trabalhando aqui?	Eu não vou lembrar, porque isso já vem de muito tempo, porque o começo dessa história foi o meu professor Délio Freire dos Santos. Tenho conhecimento que, desde oitenta e seis (ano de 1986) pra cá, ele já vinha fazendo pesquisas de cemitérios paulistanos, cemitérios fora do Brasil. Ele acumulou muita história dos cemitérios, pesquisas e tal. Cemitérios brasileiros e cemitérios também europeus. Então ele junta tudo isso e aí, em dois mil e um (2001) para dois mil e dois (2002), na administração ainda que era do PT, que era a Martha [Suplicy] que administrava como prefeita teve um auge dessa história. O Consolação apareceu diferente, por causa das pesquisas desse meu professor Délio Freire. O que ele fez? Foi formado painéis, tínhamos dez painéis com uma foto da escultura e com a biografia do autor da escultura. Eram painéis grandes, tinha a foto e a leitura da biografia do escultor, com painéis formados, organizados por esse professor, isso em 2001. Em 2001, ele fez

	<p>a primeira exposição itinerante que foi no <i>shopping Light</i> de São Paulo aqui no centro, ao lado do Teatro Municipal e foi a partir daí que foi o auge melhor dessa história.</p>
<p>Ele fez uma exposição fotográfica sobre o cemitério?</p>	<p>Sobre o cemitério e com a obra de arte do cemitério, a biografia do escultor e, com isso, ele fez uma exposição itinerante. Após aquela exposição que ele fez no <i>shopping Light</i>, ele foi convidando o pessoal para fazer uma visita guiada. Quando terminou a exposição, o pessoal que compareceu constantemente nos dias da exposição, foi marcado outro dia para essas pessoas comparecerem aqui e ter uma visita guiada por ele. Então, assim, já vinham acontecendo visitas guiadas há muito tempo, só que mais oficializada surgiu em dois mil e um (2001), organizado pelo professor Délio. Desta forma, teve primeiro a exposição itinerante, que passou primeiro no <i>shopping Light</i>. Depois ela passou pelo <i>Hall</i> ali do Metrô da Sé, depois ela foi para Biblioteca Mário de Andrade. Depois, foi para Faculdade Paulista de Medicina e isso em dois mil e um (2001). Em dois mil e dois (2002) ele adoece e falece no dia doze de abril de dois mil e dois (12-04-2002), e, para não ficar isso parado, Francisvaldo Gomes “Popó” – eu -, peguei esses painéis e fiz algumas exposições itinerantes pela cidade também. Eu participei de uma exposição com esses painéis na FUNEXPO (2003). É uma feira, é uma exposição com atrativos na feira funerária, de vários países: China, Canadá. Tinham várias pessoas de muitos lugares, então lá eu apresentei com a ausência do professor, porque ele já tinha falecido, mas mesmo assim eu caminhei um pouco com essa exposição. Quando termina a feira, eu faço na Associação Atlética Banco do Brasil, na estrada de Itapeirica de Santo Amaro. Depois, entra outra gestão, que seria o PSDB, aí quando entra a outra gestão, eu não mais passei a fazer a visita itinerante com esses painéis. Eu passei a fazer somente dentro do cemitério.</p>
<p>E quando o senhor fazia essas exposições itinerantes, acontecia paralelamente a visita aqui no da Consolação ou não?</p>	<p>Constantemente, porque isso fez com que fizesse um marketing, uma propaganda. Eu estou fazendo uma propaganda e as pessoas vão ir ao local. Então com isso, com essa exposição que eu fiz, eu vou te falar em um ditado bem popular: eu na verdade eu vendia o peixe e dava certo, como continua dando certo até hoje. Eu fazia exposição, mesmo através dos painéis, eu fazia uma exposição ali falada, eu fazia um <i>tour</i> falado. Eu ia em cada quadro e ia acrescentando mais, além do que tinha naqueles painéis. Nisso eu ia criando expectativa para o público que comparecia e eu ia só aumentando o número de visitantes aqui no cemitério.</p>
<p>E o senhor tem ideia de retomar essas exposições?</p>	<p>Tenho, tenho ideia, porque é uma forma melhor de você mostrar um conteúdo “cemitério”, para que as pessoas que participam dessa exposição, tenham uma visão diferente. O cemitério não vai transmitir somente o medo. E eu ali representando os cemitérios, eu vou estar passando para elas uma outra forma, uma outra visão de quem vai ao local, para que eles não tenham medo, Eu vou estar passando que cemitério é um atrativo turístico, que cemitério é cultura, por isso, que eu deixo sempre uma frase quando eu sou entrevistado, eu falo mais ou menos assim: “Olha pessoal, hoje <b>eu estudo a morte para melhor compreender a vida</b>”, e é isso. Pretendo sim retomar, eu estou vendo, nós temos uma superintendente muito criativa em assuntos de cultura em cemitérios. Hoje ela representa o Cemitério da Consolação como um parque de memória e vida, que é a Lucia Salles França Pinto, a nossa superintendente. Eu pretendo conversar sim com ela, para gente retomar a questão de uma nova exposição itinerante para manter viva esta ideia de</p>



	<p>que o cemitério é cultura. Ele não vai ser mostrado somente quando alguém vem dentro do cemitério para visitar, não, mas lá fora. Através de painéis, através de fotografias, eu posso também fazer um trabalho lá bacana, mostrando a história de nossos cemitérios. [...] isso ajuda porque você está mostrando o Cemitério Consolação, e acaba abrindo um leque maior para pessoas de outros estados porque a gente, em uma exposição, não colhe somente o paulistano, somente o paulista, não. A gente recebe turista, pessoas de outros países, pessoas de outros estados e isso, [...] dá ideia para levar para outros cemitérios fora do Brasil, para que possam ser também atrativos turísticos iguais ao Cemitério da Consolação.</p>
<p>O senhor disse que esse roteiro, essas visitas, iniciou com o professor Délio. E ele se mantém? É o mesmo roteiro?</p>	<p>É o mesmo.</p>
<p>E desde que o senhor trabalha aqui, percebe que teve um aumento na procura pela visita ao cemitério ou diminuição?</p>	<p>Não, não. Muito pelo contrário, eu percebo que aumentou. Aumentou porque, conforme eu vou dando marketing às visitas - porque a coisa para aparecer tem que ter marketing - vai acontecendo, vai fazendo propaganda. Eu já fui entrevistado. Inclusive ia passar ontem no Domingo Espetacular e talvez no próximo domingo passe alguma [matéria], eu mostrando o cemitério. Quando dá para mostrar, a gente vai fazendo esse marketing e isso tem atraído um grande número [de visitantes]. Posso te falar que tem aumentado constantemente, por conta também dos nossos atrativos que nós temos no local, não somente as visitas, mas por conta de teatro, os eventos que a gente faz nos dias de festa, que acontecem nos dias comemorativos. Isso fez com que o Consolação recebesse um grande número de pessoas e continua [recebendo], um grande número de pessoas. Se você vê uma ou duas pessoas andando, vai ver que aquela pessoa ela não é daqui de São Paulo, ela é uma turista e ela está observando o cemitério. Em outros lugares, em outros países, o cemitério ele é tido como um atrativo super turístico e eu aqui no Brasil, por ser um brasileiro, eu mantenho o Consolação [como] uma espécie de um cemitério europeu. Eu chamo o Consolação de "Père-Lachaise Paulistano". Você vê na Europa, tem na França, o Père-Lachaise de Paris que é muito conhecido. E eu faço com que o Consolação tenha essa mesma aparência, tenha este mesmo atrativo turístico, não constante quanto à Europa, mas o marketing feito pela gente vai fazer com que - se já temos um número grande de procura - isto vai fazer com que aumente mais. A cada momento você vai percebendo: é um aluno que vem terminar um TCC, muito jornalismo, de história. E fora as apresentações, como eu já te falei, que se tornou o cenário para muitas marcas de curta, longa, filmes, novela, enfim. Documentário, enfim. Então, com isso tem tido um aumento na procura do local, desse espaço que é público. Atrai diversas pessoas de vários países com seus diversos ofícios.</p>

## Texto síntese: Práticas do turismo

A seguir, em síntese, são apresentados aspectos relativos às práticas de turismo no cemitério da Consolação.

**A ideia de se desenvolver o turismo cemiterial no Consolação**, conforme conhecimento de Francisvaldo Gomes, **iniciou em 1986**, devido a pesquisas realizadas por Délio Freire, em diversos cemitérios paulistanos e também fora do país. A partir de 2001, Délio organizou, no shopping Light em São Paulo, uma exposição sobre o Cemitério da Consolação, através de painéis que continham fotos das esculturas tumulares e da biografia do escultor. Durante a exposição, o historiador convidou os participantes da exposição para visitar o Cemitério da Consolação.

A partir daí, (2001) o cemitério passa a receber mais visitantes devido à visibilidade dada por esta exposição, que também ocorreu no *hall* do Metrô da Sé, Biblioteca Mário de Andrade e Faculdade Paulista de Medicina.

**Após o falecimento de Délio Freire** em 14 de abril de 2002, Francisvaldo Gomes assumiu a responsabilidade das visitas guiadas. Com os painéis organizados por Délio, o condutor Francisvaldo Gomes, participa da Feira Internacional de Produtos, Serviços e Equipamentos para o Setor Funerário e de Cemitérios - FUNEXPO (2003), que contou com a participação de diversos países.

Depois da FUNEXPO, o condutor expôs os painéis na Associação Atlética do Banco do Brasil – AABB. Na apresentação dos painéis, Francisvaldo Gomes relatou que foi acrescentando oralmente dados sobre o cemitério, uma “**exposição falada**” para criar expectativa ao visitante que fosse ao Cemitério da Consolação. A ideia era de transmitir outras interpretações, para que as pessoas não sentissem apenas medo do cemitério, ou seja, passava-se a propor o cemitério como cultura, e também um atrativo turístico. O condutor pretende retomar as exposições, em parceria com a Lúcia Salles França Pinto, superintendente do Serviço Funerário de São Paulo, para mostrar o cemitério fora de seu espaço.

Quanto à **elaboração do mapa**, Francisvaldo Gomes menciona que elaborou o primeiro guia turístico do cemitério, a partir do material do professor Délio. O segundo foi organizado pelo condutor, a partir do primeiro mapa, sendo

acrescentadas algumas sepulturas. Francisvaldo Gomes não disponibilizou o primeiro material organizado pelo Délio, pois não o encontrou.

Segundo Francisvaldo Gomes, há muita procura pelo roteiro do Cemitério da Consolação; no entanto, os pedidos para a realização da visita guiada não são feitos diretamente no cemitério. Estes são solicitados, por *e-mail* ou telefone, através da Assessoria de Comunicação, que está localizada no Serviço Funerário de São Paulo. Esta por sua vez, organiza os pedidos e os envia para o Francisvaldo Gomes, que trabalha no Cemitério da Consolação. Não há livros de registros de visitantes, apenas de condolência. Quando o professor Délio Freire organizava as visitas, havia um livro de registro dos visitantes, ideia que o condutor pretende retomar.

Até mesmo o **registro de sugestões e reclamações**, precisa ser feito através da Assessoria de Comunicação, para, só então, serem encaminhados ao Francisvaldo Gomes. Por mês, o condutor menciona que há, em média, cento e cinquenta pedidos, porém, não soube dizer o número estimado de visitantes por mês. Contudo, o condutor acredita que mais de oito mil pessoas fizeram o roteiro desde o ano de 2002, período em que ficou responsável por conduzir as visitas. Para a visita guiada, o ideal é que seja realizada com o mínimo de cinco visitantes; porém, Francisvaldo Gomes fez questão de dizer que realiza a visita para uma pessoa, se assim for solicitado.

Do roteiro original, organizado pelo professor Délio, Francisvaldo Gomes expôs que acrescentou algumas sepulturas, mas que nenhuma foi retirada para a realização do trajeto. Anteriormente, havia vinte sepulturas a serem visitadas e atualmente, são trinta. O horário de visita sempre foi o mesmo: terças e sexta das 9h e 30 min. às 12h, e das 14h as 18h. O percurso tem duração de uma hora e 30 minutos. Sobre as perguntas mais frequentes, Francisvaldo Gomes diz que são relativas aos famosos e não à história ou à arte tumular.

**Os santos populares também são muito procurados**, como, por exemplo, o de Maria Judith de Barros e Antoninho da Rocha Marmo (figuras 8 e 9 respectivamente). Na sepultura de Antoninho, foi observada, durante a visita, que há um cartaz com e-mail e telefone de um primo e de um padre de uma paróquia de São Paulo. No cartaz anexo à sepultura há um pedido para que, as pessoas que tenham recebido uma graça de Antoninho, que deem seu testemunho. O objetivo é agrupar documentos que possam auxiliar na beatificação do menino Antoninho.

Figura 8: Túmulo de Maria Judith de Barros



Fonte: A autora (2015)

Figura 9: Túmulo de Antoninho da Rocha Marmo



Fonte: A autora (2015)

Quanto ao da Maria Judith não há até o momento, familiares que possam se responsabilizar pela manutenção da sepultura, por isso, quando algum devoto deseja homenagear a santa popular, é solicitado à administração do cemitério para a colocação de flores ou placas de agradecimento.

Referente aos **eventos realizados no cemitério**, Francisvaldo Gomes relatou que as datas comemorativas são os principais períodos em que são organizadas

cerimônias dentro do cemitério, como por exemplo, dia dos pais, dia das mães, finados, aniversários, etc. Além destes eventos, grupos de orações e intervenções teatrais de diversos temas, são realizados dentro da capela. Além disto, o Cemitério da Consolação foi cenário para filmes, novelas e minisséries.

**Sobre a capela**, Gomes explicou que não é realizado velórios ali, mas sim uma cerimônia para oração em tempo máximo de vinte minutos. Em sua maioria são pessoas de religião católica. Quanto às outras religiões, o condutor disse que o espaço Cruzeiro das Almas (figura 10), é o local indicado para a colocação de velas e cultuar ritos de outras religiões como Umbanda e Candomblé.

Figura 10: Cruzeiro das Almas



Fonte: A autora (2015)

**A procura pelo roteiro** é de pessoas mais jovens, que vão ao Consolação para cultuar a vida do familiar, além da beleza do local que é bastante arborizado e que possui muitas árvores frutíferas (carambola, goiaba, jaca, abacate, caqui, etc.) atraindo com isto, diversas espécies de pássaros. O interesse maior para a realização do percurso no cemitério é de professores, estudantes e turistas, principalmente de outros países: França, Alemanha, Itália, México, entre outros, que geralmente estão acompanhados de um tradutor. Quanto aos **pedidos para as pesquisas** que envolvam o cemitério, os mesmos também devem ser feitos via Assessoria de Comunicação do Serviço Funerário de São Paulo, porém o condutor não soube mencionar quantos pedidos foram feitos até hoje, pois segundo ele, não

há um registro separado entre pedidos de visitação e pedidos de pesquisa. Esses dados não estão registrados de forma distinta.

Em relação ao **número de visitantes**, Francisvaldo Gomes percebe que aumentou devido à “propaganda” que ele faz às visitas, e também em função das entrevistas que ele já concedeu às mídias. Ele relatou que o aumento ocorre não somente pelo cemitério em si, mas pelos eventos que acontecem na necrópole, pois as outras atividades desenvolvidas ali despertam o interesse para a visitação do cemitério. O condutor expõe que o cemitério da Consolação é uma “espécie de cemitério europeu” e fez uma comparação com o Père Lachaise, assim Francisvaldo Gomes denomina o cemitério da Consolação como o “Père-Lachaise paulistano”. A ideia do condutor é a de que o Cemitério da Consolação tenha a mesma importância que os cemitérios europeus, apesar de Francisvaldo Gomes nunca ter visitado cemitérios fora do país. Ele visitou apenas cemitérios em São Paulo e menciona o Cemitério São Paulo e o Araçá como locais que também possui potencialidade para atrair turismo em função da história.

Referente às **fotografias**, Francisvaldo Gomes explicou que é necessário realizar uma solicitação, junto ao Serviço Funerário de São Paulo, para fotografar. Durante o passeio, os visitantes solicitam a ele permissão para fotografar, momento em que ele explica o motivo pelo qual, não é permitido. Ele atribui a proibição, ao fato de preservar a intimidade da família do sepultado e no caso de pessoas famosas, é atribuído também ao direito autoral.

Francisvaldo Gomes expôs que não recebe apoio financeiro da **Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo (SPTuris)**, mas sim, para organizar algum evento que ocorra dentro da necrópole. Os eventos organizados no cemitério contam principalmente, com o apoio da superintendente Lúcia Salles França Pinto que considera o cemitério como um parque de memória. A superintendente é responsável pelo projeto “Memória e Vida”, desenvolvido pela atual gestão do serviço Funerário. O projeto tem como objetivo celebrar a memória e vida nos cemitérios públicos em São Paulo, objetivando oferecer atividades culturais para a população (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2015).

Durante a entrevista, Francisvaldo Gomes explicou que estava participando na organização de um evento em homenagem a Luiz Gonzaga Pinto da Gama, falecido em vinte e quatro de agosto de mil oitocentos e oitenta e dois (24-08-1882).

A homenagem ocorreu dia 24 de agosto de 2015, com saída da câmara e prosseguimento até o Largo do Arouche, onde se encontra um busto de Luiz Gama. Após, direcionam-se à sepultura no Cemitério da Consolação. Francisvaldo Gomes menciona que ficou responsável pela organização, limpeza e iluminação em torno da sepultura.

### Quadro 7: Objetivo específico 3

Apresentar a discussão relativa aos dispositivos de potencialização do turismo em cemitério, considerando a trama morte-vida.	
Quem é o Francisvaldo Gomes?	<p>O meu auge, o começo, foi em dois mil (2000), e de lá pra cá a história minha, foi mudando. Comecei a trabalhar como sepultador, depois monitor de cemitério, muitos me chamavam de guia de cemitério, mas guia tem que ser oficializado, ter formação e eu não tenho. Passei a ser também administrador do cemitério que era o papel do professor. Além de guia, o professor Délio era também administrador do cemitério, então eu acabei pontuando os passos que ele fez. Além de pesquisador do local, monitor do local, monitor-guia, ele administrava o cemitério e eu passei também a administrar o cemitério. Portanto, a história de vida minha no princípio do meu ingresso neste cemitério, foi assim, um ex-sepultador, hoje guia de cemitério.</p> <p>Eu sou de uma cidade chamada Crateús. Se você perguntar: e tu conheces a capital [do teu estado]? Eu vou falar para você que não conheço. Acabei conhecendo mais, tendo mais conhecimento pela capital, mega metrópole que é São Paulo, e a capital do meu próprio estado, que é Fortaleza, eu não conheço. Então foi assim, vim de Crateús na década de oitenta, ajudei a construir a cidade de São Paulo e hoje estou dentro de um cemitério, cultuando a história dele. Aqui eu casei, aqui eu tive filhos. A minha esposa é da Bahia e os meus filhos nasceram aqui. Eu tenho três filhos. Nasceram aqui.</p>
O senhor trabalha bastante tempo aqui. Qual é sua relação com a morte? O que o senhor pensa sobre a morte?	<p>Olha, trabalhar no Cemitério da Consolação fez com que eu mantivesse, isso não quer dizer que eu não tenho, mas que eu mantivesse mais respeito com as pessoas, que eu tivesse mais respeito com a minha própria vida. Olhasse mais para mim e passasse a ser um educador para poder passar palavras de conforto para quem perde seu ente querido, então, trabalhar no Consolação fez com que eu tivesse um grande ensinamento. E isso eu posso falar para você que é em poucas palavras, porque esta que eu vou citar já fala tudo: “Eu hoje estudo a morte pra melhor compreender a vida”.</p>
O que as pessoas buscam no Consolação?	<p>Acredito que buscam uma paz, uma</p>

[Pergunta do diário de campo, sem áudio gravado]	tranquilidade que este ambiente transmite, aqui dá para ficar horas conversando, sem que ninguém atrapalhe. Tem árvores, sombra. Aqui o tempo passa sem pressa.
Por que buscar isto em um lugar que é considerado sombrio? [Pergunta do diário de campo, sem áudio gravado]	Não vejo aqui como um lugar sombrio e acho que as pessoas não buscam isto. Eu penso que buscam um lugar sereno para fugir da correria do dia a dia e, para isto, este lugar de morte é bom. Serve para refletir, para descansar a mente, sem que os vivos interfiram no seu momento, no seu pensamento.
Você acha que, nos cemitérios, as pessoas buscam mais a morte ou a vida? [Pergunta do diário de campo, sem áudio gravado]	Creio que os dois. Não se busca diretamente a morte, mas a gente olha para ela para afirmar que eu ainda estou vivo e posso fazer muita coisa.
Quando as pessoas vêm visitar aqui, o senhor acha que elas vêm buscar a morte ou elas buscam as lembranças?	Muitos dos que comparecem aqui vêm, na verdade, cultuar a lembrança de um ente querido, o passado dele em vida no meio familiar, eles vêm ver muito isso e muitos dos que vêm ao Consolação, vem também cultuar a beleza do local. O lugar que passa uma paz, um local tranquilo onde você não é perturbado por ninguém. E também olhar para natureza. São árvores frutíferas que tem no local; e também ouvir o canto dos pássaros. Isso traz uma super tranquilidade para o visitante, porque além de vir visitar o seu ente querido falecido aqui, acaba se deparando com um local muito agradável para ele.

### **Texto Síntese: Dispositivos de potencialização do turismo e trama morte e vida.**

Francisvaldo Gomes conta sua **história de vida** dando ênfase à sua **relação com o cemitério**, contando-a a partir de sua chegada à necrópole. Na necrópole, trabalhou como sepultador, monitor e administrador, função que desenvolveu até o final do ano de 2015 e que seguiu os passos do professor Délio, quanto ao cargo de administrador. Informou que conhece mais a cidade de São Paulo do que sua terra natal, Crateús, na Bahia, e que ajudou a construir a cidade de São Paulo. Por este motivo, está cultuando a história do cemitério. Em São Paulo, constituiu família

Para ele, trabalhar com a morte é entender melhor a vida, pois trabalhar no cemitério da Consolação, como um educador, fez com que ele tivesse ainda mais respeito pela própria vida e com as pessoas, transmitindo boas mensagens para quem perdeu alguém. Francisvaldo Gomes afirma que **“Eu hoje estudo a morte pra melhor compreender a vida”**. Isto diz muito sobre a trama morte e vida, a



dualidade que existe em um mesmo espaço. Ao mesmo tempo, pode-se ressaltar que o condutor tem um papel decisivo na produção de dispositivos de potencialização no turismo no cemitério da Consolação de São Paulo, dando sequência às práticas iniciadas pelo historiador Délio Freire e que seguem sendo ampliadas na necrópole.

Ele acredita que as pessoas que visitam um cemitério buscam paz e tranquilidade, pois, segundo ele, a necrópole é um lugar adequado para isto. Ele não vê o cemitério como um lugar triste e acredita que não é a tristeza que as pessoas buscam lá, mas sim um lugar que seja diferente do ambiente diário, um local em que se possa pensar, sem ser interrompido. Segundo ele, em um lugar como o cemitério, é possível perceber que ainda há muito para ser feito. Um dos motivos de visitar o Consolação, conforme o monitor, é o de lembrar o passado de vida entre os familiares. Outro motivo é a tranquilidade que há por estar em meio à natureza, o que dá uma característica aprazível ao local.

**No dia 18 de agosto de 2015**, foi realizada uma conversa com o prestador de serviço Yanluo<sup>24</sup>. Ele mencionou que, quando se trata de cemitério, é coisa antiga pensar em morte, pois quando se está perto de uma atividade destas, não tem nada de “imaginação ruim”. Ele expôs que “cemitério para mim é vida também”, pois tem pessoas que ali trabalham e que dependem do espaço para manter sustentar e manter a vida de suas famílias. Relatou que procura não pensar nos familiares quando está sepultando algum falecido, pois, senão, ele sofre e não consegue desenvolver seu trabalho. Segundo ele, “terminou o sepultamento, a gente volta a sorrir”. Mencionou que, nos primeiros meses, tinha medo de quase tudo, principalmente quando falavam a ele sobre assombração. “Se a gente fixar a visão em algum túmulo, procurando assombração você vai ver, mas senão, não vê nada. Ano que vem, me aposento e não queria trabalhar em outro lugar, porque aqui é sossegado, ninguém enche o saco”.

Quanto ao local de trabalho, Yanluo diz que o espaço é tranquilo, o que possibilita melhor realização das atividades; no entanto, explicou que o local do cemitério em que se deve ter mais cuidado para trabalhar é o Cruzeiro das Almas.

---

<sup>24</sup>Yanluo: Na mitologia Chinesa, é o deus da morte e o governante de Di Yu (submundo, inferno). **OS DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

“Um dia um casal quebrou uma garrafa e eu falei que estavam colocando a vida do funcionário em risco. Não sou contra, mas falei: ‘por favor, não quebre mais garrafa aqui’” (Yanluo). Segundo ele, o material deixado no espaço Cruzeiro das Almas é retirado às segundas e às sextas-feiras. Este prestador de serviços mencionou que, mesmo diante da morte, as pessoas demonstram um apego muito grande à materialidade: “Uma família muito rica brigou, com discussão e agressão física, durante o sepultamento, em função de uma herança”. Um dos familiares do sepultado disse: ‘quando estava doente não cuidou, agora quer herança’. Yanluo relatou a ocorrência de outras brigas, como, por exemplo, no cemitério Jardim São Luiz, onde aconteceram brigas entre gangues, com a ocorrência de tiros e pedradas.

Sobre o turismo, disse que a atividade traz uma ideia mais nítida sobre o que é o cemitério, mostrando que o final é ali, pois considera que essa é uma forma de mostrar vida, mostrar o cemitério de outra forma. Relatou ainda que o número de visitantes aumentou e que, desse modo, vê mais pessoas circulando no local. “Ver gente é bom, não fica um lugar isolado”. Segundo ele, os visitantes dão sugestões sobre o cuidado com o local, referente às placas e aos demais sepultados, que poderiam ser lembrados, ao serem incluídos no guia de visitação.

Apesar de ele ser favorável ao turismo que ocorre ali, explicou que muitas pessoas são contra, pois consideram que o cemitério é um local que deve ser reservado à igreja. Segundo ele, as sepulturas históricas recebem uma atenção maior, sendo mais cuidadas e limpas. Relatou que muitos estrangeiros visitam o local e que o espaço já foi utilizado para muitas pesquisas escolares. Expôs também que falta mais atenção, por parte da família, no cuidado com o túmulo, pois muitos estão em estado de abandono. Quanto à responsabilidade da prefeitura, observa a falta de segurança: “Deveria ter cabine com guarda, porque aí as pessoas se obrigam a passar por ele”. Conforme ele, havia câmeras que monitoravam o local, mas que foram retiradas. Sobre os furtos, relatou que, além de ser difícil de controlar essa situação, torna-se difícil identificar e prender os ladrões, pois os mesmos não têm endereço fixo e muitos não possuem identidade. Os mesmos roubam para manter o vício das drogas.

A prestadora Perséfone<sup>25</sup>, que trabalha no cemitério há mais de 20 anos, explicou um pouco da história do compositor e acordeonista Mario Zan, pois ela é responsável pela manutenção da sepultura do artista. Afirmou que o mesmo era devoto da Marquesa de Santos e que, por esse motivo, a filha do compositor contratou os serviços para a manutenção das sepulturas de ambos. Em contraponto a isso, a sepultura do Brigadeiro Tobias de Aguiar, esposo da Marquesa de Santos, está abandonada, pois a família não quer pagar impostos. Ainda sobre a Marquesa, Perséfone mencionou sobre as promessas feitas a ela (figura 11).

As pessoas vêm aqui, fazem o pedido amoroso e dão três voltas no túmulo dela, para confirmar o pedido. Não entendo como que alguém que traiu o marido recebe pedidos para conseguir resolver problema amoroso. As pessoas não pensam que podem estar pedindo para a pessoa errada, já que ela não foi fiel ao marido, mas as pessoas visitam ela. (PERSÉFONE, 2015).

Relatou também sobre o modo de os jardineiros se comunicarem, que envolve as badaladas (de uma a seis badaladas), caso alguém precise chamá-los, já que eles ficam dispersos nos cemitério executando seus serviços. Os familiares dos sepultados também sabem o número de badaladas das pessoas contratadas. Ela explicou que, para realizar esse serviço, é necessário estar credenciado junto ao Serviço Funerário, pagando para ter a licença de serviço.

Figura 11: Placa em agradecimento à Marquesa de Santos



Fonte: A autora (2015)

<sup>25</sup> Perséfone: É a deusa grega da morte, filha de Zeus e Deméter que se tornou esposa de Hades e rainha dos infernos. **OS DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

Mencionou que o sepultamento da antropóloga Ruth Cardoso foi o mais bonito que já presenciou: “Tinha coroas de flores por todo o cemitério, vindas de diversos lugares do mundo: França, Itália, Portugal”. Ela relatou que realiza o trabalho de jardinagem e construção, e que, quando as sepulturas estão muito descuidadas e as famílias têm interesse em manter uma boa aparência do túmulo, as mesmas pagam a ela, o que denominou de restauros e também consertos. Relatou que existem marmorarias que entregam os moldes e ela os coloca e, caso seja necessário, também preenche alguns espaços que faltaram. Ao ser questionada se ela havia feito algum curso sobre restauro ou manutenção de sepulturas, a mesma respondeu que não. Aprendeu tudo que sabe com seu pai, que trabalha no cemitério há 50 anos. Sobre os produtos utilizados para a limpeza (material e quantidade), ela disse que essa informação não poderia dizer, pois é segredo entre pai e filha. Então, não se deve contar.

Acredita que a atividade turística ajuda a manter o cemitério mais limpo e bonito e que a atividade tem aumentado, porque ali tem cada vez mais gente importante sendo sepultada. Ela apontou que o turismo talvez faça com que os órgãos públicos deem mais atenção ao cemitério, pois atualmente, quem tem mais cuidado com o local é o Francisvaldo Gomes e os trabalhadores do lugar. Segundo ela, o Serviço Funerário de São Paulo ajuda muito na conservação do cemitério, mas, como o órgão trabalha com outras necrópoles, o cemitério da Consolação não recebe atenção integral, dificultando o cuidado com aquele espaço fúnebre. Conforme ela, houve uma procura maior para a aquisição de sepulturas, em função da divulgação do turismo ali existente, fato que ela vê como positivo, pois aumenta a oportunidade de trabalho.

Quanto às sepulturas, Perséfone diz que, se não cuidar o que existe delas, não existirá mais visitas, pois hoje essas sepulturas com arquitetura antiga não são mais produzidas e o pouco que resta, os ladrões estão furtando. Ela mencionou que é difícil o controle dos roubos e vandalismo existentes ali, pois a responsabilidade é de todos (funcionários e familiares) e, no entanto, não há conversa entre ambos para resolver efetivamente o problema. O custo para cuidar e manter é muito alto e ninguém quer pagar. Quando ocorrem esses furtos, principalmente de materiais em bronze, as famílias dos sepultados substituem a parte faltante por vidro, mármore e

granito. Os cães, antes existentes, coíbiam os vandalismos; no entanto, segundo ela, esses cães foram colocados em outros cemitérios.

Sobre a morte, Perséfone diz que “é uma coisa linda”.

A gente deve fazer o bem para receber o bem, e quando morre a pessoa descansa e aí vai para outro estágio, vai ter uma balança entre o céu e o inferno. Tem que amar até os “inimigos”. Eu não me vingo, a justiça pertence a Deus. Depois da morte vem a balança. É um descanso, a pessoa não vai trabalhar mais. A terra é uma passagem, e é uma boa por que ninguém sabe dessa história (PERSÉFONE, 2015).

Para ela, toda morte é uma surpresa, mesmo sabendo que ela está próxima de ocorrer, “não sei se choro ou se me conformo”, relata. No entanto quando algum familiar perde um ente: “Sou meio psicóloga, eu não desamparo a família, eu dou um conselho espiritual para a pessoa ficar tranquila. Se você ficou sozinha, faça uma obra assistencial e continue com a obra dessa pessoa”.

A prestadora de serviços Perséfone expôs que hoje existem mulheres trabalhando no cemitério, o que torna o espaço mais bonito, pois, para ela, as mulheres tem mais sensibilidade para decorar e para conversar com os familiares dos falecidos.

O prestador de serviços Anúbis<sup>26</sup>, trabalha no cemitério da Consolação há 20 anos, e explicou que, às vezes, o visitante acaba encontrando a 3ª, 4ª geração, da própria família que até o momento, era desconhecida. Ele acredita que aproximadamente 70% do cemitério esteja abandonado pelos familiares e relatou, também, que há muitos conflitos familiares comentados durante o sepultamento e sobre o direito de uso dos jazigos. Certa vez, ouviu: “tu nunca ajudou a pagar jardineiro nem o IPTU do túmulo, então tu não vai enterrar ninguém aqui” (ANÚBIS, 2015). No cemitério da Consolação, segundo ele, existem até 4 gerações de familiares, que, muitas vezes, não possuem relações, mas que possuem direitos sobre o uso do espaço.

Referente à estrutura organizacional do cemitério, expôs que durante o governo da Marta Suplicy, a administração da necrópole funcionava de modo mais fluído. Ainda sobre a administração, ele explica que, se algum familiar reclamar para

<sup>26</sup> Anúbis: Deus egípcio da mumificação, funerais, da vida após a morte, protetor dos mortos e de suas tumbas. **OS DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

os gestores sobre o serviço prestado, o jardineiro recebe advertência. Segundo ele, os familiares pagam em torno de R\$ 50,00 por mês, pelo cuidado de cada túmulo e que o material utilizado para a limpeza dos jazigos depende do material com que estes foram construídos. O conhecimento que possui sobre isto foi transmitido por outro funcionário. Ele mencionou também que os primeiros construtores e jardineiros eram portugueses e que quase ninguém queria realizar este serviço, por ser anteriormente considerado como um serviço “baixo”, “renegado”.

Sobre a construção das sepulturas e dos materiais utilizados, o prestador de serviço Anúbis explica que, antigamente (não soube mencionar o período), os espanhóis tinham marmoraria e que estes montavam túmulos em granitos. Já os italianos construíam em mármore e fundiam o bronze. Segundo ele, no que tange à arte e arquitetura tumular, até o final da década de 1960, havia muita arte tumular, hoje, nem tanto. Mencionou que conhece muito sobre a história dos personagens sepultados ali como, por exemplo: Walter Forster, ator que deu o primeiro beijo na televisão brasileira; Ademar Pereira de Barros, dono da empresa Lacta; Família Jafet (sírio-libanesa); irmãos industriários, entre outros.

Referente aos roubos, relatou que há uma rede de ladrões, um grupo ilegal: os ladrões roubam, o ferro velho compra, e este, por sua vez, vende a uma siderúrgica, já que o ferro velho não realiza o trabalho de fundição/derretimento. Para ele, o artigo funerário é muito específico, fácil de ser identificado como uma obra que é oriunda de um cemitério; por isto, ressalta que o ferro velho e a siderúrgica são conscientes de que o material é furtado. Sendo assim, ele acredita que exista uma rede de corrupção, principalmente em relação às obras de maior porte, pois tem maior valor comercial.

Quanto ao turismo, expôs que a atividade ajuda a manter o cuidado com as sepulturas, pois os familiares se sentem envergonhados em ver o jazigo de seus familiares abandonados, sem manutenção e sendo visitados por terceiros. Para ele, os visitantes estrangeiros ficam mais impressionados com o cemitério do que os visitantes nacionais. Mencionou as visitas feitas à Marquesa de Santos, explicando que não entende o motivo pelo qual as pessoas fazem promessas a ela.

As pessoas vão pedir amor para a Marquesa de Santos, mas ela foi uma traidora, ela traiu o marido, ela era uma concubina. O que as pessoas vão pedir então? Amor? Namorado? Mas se ela não respeitou o marido, eles vão pedir o quê? Traição não é amor. Por que a Marquesa ficou junto com o

Imperador? Por que não com um pobre”? (PRESTADOR DE SERVIÇO ANÚBIS, 2015).

Anúbis expôs ainda que a aceitação quanto ao “turismo cemiterial” vai depender da educação que a pessoa teve, mas acredita que, se houver uma divulgação ainda maior do espaço, as pessoas passarão a deixar de ter preconceitos e receios de utilizar o lugar para fazer turismo. Para isto, ele relatou que é preciso preparar melhor o local, para receber mais pessoas. Algumas ruas do cemitério não estão devidamente conservadas, o que dificulta o acesso com pessoas que possuam limitações físicas. Ele também expôs que é necessário ter placas nas sepulturas, pois nem todos os visitantes são acompanhados pelo monitor Francisvaldo Gomes e nem todos sabem utilizar o QR Code, que está sendo colocados nas sepulturas.

**No dia 19 de agosto de 2015** foi realizada uma visita ao Serviço Funerário de São Paulo, para uma conversa com um representante deste órgão. O representante, denominado aqui como funcionário Azrael<sup>27</sup>, informou que o Serviço Funerário de São Paulo é uma autarquia, que faz parte da Secretaria Municipal de Serviços, e é responsável pela administração dos 22 cemitérios e dos velórios públicos, bem como fiscalização dos, aproximadamente, 18 cemitérios particulares.

Expôs a catalogação das árvores dos cemitérios, mencionada anteriormente por Francisvaldo, e disse que, no cemitério da Consolação, são aproximadamente 400 árvores catalogadas. O funcionário Azrael acrescentou que todos os cemitérios municipais formam, juntos, a segunda maior área verde<sup>28</sup> da cidade de São Paulo e que há ações, nesses espaços naturais, como, por exemplo, a elaboração da Trilha Ecológica no cemitério da Vila Formosa<sup>29</sup>, conforme figuras 12, 13 e 14

---

<sup>27</sup>Azrael: É o arcanjo islâmico da morte. Ele também é o anjo da morte na tradição e folclore Judaico-Cristã. **OS DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

<sup>28</sup>A primeira maior área verde é formada pelos parques existentes na cidade de São Paulo.

<sup>29</sup>É a 4ª maior área verde da cidade de São Paulo, sendo superada pelos parques Anhanguera, Ibirapuera e Parque do Carmo, respectivamente. **Prefeitura de São Paulo**. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico\\_funerario/noticias/?p=203205](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico_funerario/noticias/?p=203205)> Acesso em 28 out. 2015.

Figura 12: Mapa interno da trilha



Fonte: Serviço Funerário (2015)

Figura 13: Biodiversidade da trilha



Fonte: Serviço Funerário (2015)

Figura 14: Biodiversidade da Trilha



Fonte: Serviço Funerário (2015)

A trilha de aproximadamente 1,5 km contém cinco estações: o piscinão, para a reserva de água da chuva; a nascente, que libera a água armazenada anteriormente nos lençóis freáticos; o recanto dos pássaros, com a presença de Gavião-Carcará, Anu-branco, Coruja buraqueira, etc.; o bosque, com vegetação e serapilheira, que atua no desenvolvimento arbóreo; e a compostagem, com a ciclagem dos nutrientes existentes naquele sistema (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2015). Este fato demonstra a relevância do cemitério, não somente pela sua arte histórica, mas também pela importância na preservação ambiental, ocorrida dentro dos cemitérios, em uma cidade que possui pouca área verde e que apresenta carência de recursos hídricos. Trata-se de um espaço destinado para a manutenção da vida, em uma área que costuma ser pensada, pelo senso comum, como um espaço unicamente de morte.



A funcionária Naemia<sup>30</sup> expôs que o projeto referente às áreas verdes dos cemitérios está sendo feito em colaboração com o Sistema de Gerenciamento de Arborização Urbana (SISGAU), Secretaria do Verde e Meio Ambiente, Subprefeitura de São Paulo, Serviço Funerário, entre outros. O SISGAU trabalha com questões ambientais na área urbana; porém, uma funcionária deste órgão teve a ideia de adequar o serviço para os cemitérios. Até o mês de agosto de 2015, estava sendo realizada a catalogação e o cadastramento da área verde, e a fase seguinte corresponde à recomposição original que foi feita por Ramos de Azevedo.

O funcionário Ankou<sup>31</sup> mencionou, também, sobre a ocorrência de diversos eventos na necrópole, como apresentações musicais; mostra de cinema brasileiro como o “Cinetério”, que exibiu filmes de terror dentro do Consolação; bem como eventos em homenagens a personalidades, como o Luiz Gama, patrono do escravo brasileiro. Segundo ele, além do período de atividades culturais e datas comemorativas, a maior procura costuma ocorrer no mês de setembro com pedidos oriundos das escolas.

Sobre o turismo, ele explicou que a atividade é de extrema importância para que o cemitério se mantenha ativo e para despertar a atenção dos grupos que promovem a salvaguarda dos bens patrimoniais. Segundo ele, os visitantes estimulam maior investimento para a manutenção do espaço e valorização do local. Muitas pessoas buscam adquirir espaços para sepultamentos no cemitério da Consolação, em função de ser um lugar com muitas personalidades, por ser uma área com obras artísticas valorizadas e por estarem em um espaço que conta fatos importantes da história do país. Outro fato apontado por ele é o de que o turismo auxilia a manter a ocupação do cemitério, coibindo, assim, furtos das sepulturas, diminuição da permanência de usuários de crack no local e evitando que o cemitério seja utilizado como esconderijo de furtos.

Quando questionado sobre o roteiro, Ankou expôs que este está oficializado a aproximadamente dois anos junto à SPTuris, mas que este órgão nunca teve vínculo direto sobre o roteiro. A colaboração da SPTuris para a divulgação do turismo, no

---

<sup>30</sup> Naemia: Deusa romana que atende e cuida dos funerais. **OS DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

<sup>31</sup> Ankou: É a personificação da morte na mitologia Bretã. Ankou é o capanga de Morte e também é conhecido como o observador do cemitério. Protege o cemitério e recolhe as almas perdidas. **OS DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

cemitério da Consolação, ocorreu a partir do pedido feito pelo Serviço Funerário dentro do Programa Memória e Vida, coordenado pela superintendente Lúcia Salles de França Pinto. O funcionário Ankou explicou ainda que foi solicitado que o órgão, junto aos guias de turismo, montasse roteiros temáticos dentro do cemitério, como, por exemplo, roteiro apenas com artistas, escultores, políticos, etc. Ele mencionou que outros cemitérios, como o São Paulo, realizam visitação autoguiada (com QRCode); no entanto, acredita que o cemitério da Consolação é o único com QR Code e monitor das visitas.

A SPTuris ou São Paulo Turismo S/A é a empresa de turismo e eventos da cidade de São Paulo/SP que tem a Prefeitura Municipal como sócia majoritária. Desenvolve atividades de administração e a “estruturação de mecanismo que reafirmem o município como polo de turismo de negócios, entretenimento e lazer”. (SPTURIS, 2016).

Durante os dias em campo, o único contato conseguido com a SPTuris foi por telefone. Apesar das tentativas para realização de uma conversa com este órgão, foi exposto que, para ao momento, não teria alguém que pudesse colaborar, em função da demanda de atividades que estes possuíam e que, qualquer assunto sobre o cemitério poderia ser tratado diretamente com o Francisvaldo Gomes. Frente à indisponibilidade para uma conversa durante a coleta de dados, a busca para informações sobre como a entidade desenvolve o turismo em cemitério foi feita através da página da SPTuris.

Na página oficial, reportagens com títulos “E que tal um passeio um pouco mais mórbido, como uma visita guiada pelo Cemitério da Consolação? [...]” (SPTuris, 2015), “Roteiro do terror em São Paulo [...]”(SPTuris,2015), “Conheça 10 passeios inusitados em São Paulo” (SPTuris, 2014), foram observadas como forma de divulgar o turismo na necrópole. Ainda assim, foi ressaltada a importância histórica do local, das obras de arte e do cemitério como um espaço cultural.

Sobre o folder do cemitério da Consolação, foi mencionada, pelo funcionário Ankou, a dificuldade em viabilizá-lo, pois o Serviço Funerário, em função da contenção de gastos, não pode custear o material. Para a destinação de verbas dos materiais de divulgação, é necessária a realização de licitação, o que dificulta a elaboração de material gráfico e que, por consequência, influencia na promoção do turismo no Cemitério da Consolação.

Também no dia 19 de agosto, foi realizada uma conversa com o prestador de serviço Hades<sup>32</sup>. Ele explicou que o cemitério é um ótimo local de trabalho, pois ninguém se envolve no serviço alheio, a não ser quando solicitada alguma ajuda. Quanto ao turismo, ele acredita que é uma ação pertinente para o lugar, pois é um espaço para cultuar memórias e é isto que o turismo proporciona, bons momentos e memórias. Segundo ele, a memória é algo que pode ser direcionado, ou seja, no sentido de se estabelecer o que se deseja ou não recordar e cultuar.

Ele utiliza a expressão “coerência” para explicar que assim devem ser conduzidas as ações dentro de um cemitério. No entanto, mencionou que o teatro ou cinema realizado em cemitérios, é inapropriado, em função da não aceitação desses eventos pelas pessoas idosas. O espaço, para ele, deve ser destinado para atividades que sejam tranquilas, que provoquem contemplação e não euforia, como pode ocorrer com o teatro e cinema. Hades, explica que o cemitério é encantador, pois possui particulares que a ‘selva de pedras’ não tem. Segundo ele, gatos dão crias dentro dos cemitérios, há tem ninhos de pássaros e a vegetação existente serve de inspiração a qualquer artista.

Ele expôs que não observa o cemitério como algo ruim. Ele percebe o espaço através da natureza e arte. “Eu tenho clientes que estão comigo desde os 17 anos e eu também tive que enterrar clientes. É triste, e aí, não tem como você não entrar na dor” (PRESTADOR DE SERVIÇOS HADES, 2015).

O prestador de serviços Dis Pater explicou que o cemitério da Consolação é um bom local para se trabalhar e para fazer outras atividades, inclusive turismo. Para ele, os turistas “dão cor” ao cemitério, devolvem o movimento que existia na década de 1940, época em que era criança, visitava os cemitérios e que, segundo ele, possuía muita movimentação nas necrópoles. Aponta como fator negativo, para o turismo, os assaltos que eventualmente ocorrem, as poucas flores nas sepulturas, necessárias para embelezar o local e o pouco cuidado dos familiares com as sepulturas. Comentou também que a maior procura pelo cemitério ocorre devido aos santos populares que existem. Além de Antoninho da Rocha Marmo, Maria Judith de Barros e as promessas feitas à Marquesa de Santos, a sepultura do padre Gregório

---

<sup>32</sup> Hades: Filho de Cronos (tempo) e Reia (maternidade) é o Deus Grego que governa o submundo ou o mundo dos mortos. **OS DEUSES ANTIGOS**. Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

também é bastante visitada por devotos, apesar de não haver em seu túmulo, placas de agradecimento por graças alcançadas.

Já os visitantes Mania e Mors<sup>33</sup>, moradores da cidade de São Paulo, explicaram que o lugar é agradável, tranquilo, mas que faz sentir medo em função da pouca segurança do local. Eles nunca haviam visitado uma necrópole para o lazer, apenas para sepultamento, mas expuseram que concordam com turismo no cemitério, pois a atividade mantém outra ocupação, já que, segundo eles, o lugar fica ocioso depois do sepultamento. No entanto, relataram que, para ele ser turístico, a acessibilidade do local deve ser levada em consideração. “É preciso repensar o espaço, pois algumas ruas do interior do cemitério são estreitas ou com a pavimentação ruim e isto compromete a visita de pessoas com acessibilidade limitadas” (VISITANTE MANIA, 2015). A figura 15 demonstra a fala do visitante, porém não são todas as ruas do cemitério que se encontram nessas condições. Conforme figura 15, as ruas estão em boas condições para o trânsito de pedestres. Para esses visitantes, o lugar também precisa ser mais divulgado.

Figura 15: Rua interna do Cemitério da Consolação



Fonte: A autora (2015)

---

<sup>33</sup> Mania: Deusa romana dos mortos. É a mãe dos fantasmas. Mors: na mitologia romana é a personificação da morte. É filho de Nox (noite), e irmão do Somnus (sono). **OS DEUSES ANTIGOS.** Disponível em: <<http://osdeusesantigos.blogspot.com.br/2012/03/deuses-e-deusas-da-morte.html>> Acesso em: 11 mar. 2016.

No dia 20 de agosto de 2015, último dia programado de coleta de dados em campo, foi realizada a visita guiada com o monitor Francisvaldo Gomes<sup>34</sup>. Estava previsto o acompanhamento de uma visita ao cemitério, que seria feita com um grupo de estudantes; no entanto, a mesma foi cancelada e foi realizada uma visita somente com o condutor.

A narrativa do roteiro conduzido por Francisvaldo Gomes e aqui descrita é uma tentativa de permitir que o leitor, ao submergir no texto, trilhe, imaginariamente, o caminho percorrido no momento da pesquisa, através dos fatos históricos explanados por ele durante a visita. A figura 16 corresponde à imagem interna do atual guia turístico do Cemitério da Consolação. Após a figura 16 encontra-se a narrativa na sequência do percurso realizado.

Figura 16: Mapa de visitação do Cemitério da Consolação



Fonte: Prefeitura de São Paulo S/D

O roteiro inicia pela entrada do cemitério, mas o condutor ressaltou que sua preferência é iniciar o passeio pela capela. Com isso, pode-se presumir que ele tem uma narrativa prevista, em função do que considera relevante contar. Observou-se por exemplo, que não foram mencionadas personalidades sepultadas, nem houve nenhum destaque especial durante o trajeto, entre entrada principal e a capela.

<sup>34</sup>Todas as informações mencionadas neste subcapítulo foram transmitidas pelo senhor Francisvaldo Gomes em sua fala durante o trajeto realizado na visita. Alguns trechos das falas não se confirmam em registros históricos. É o caso, por exemplo, da mãe do abolicionista Luis Gama que, segundo Francisvaldo, foi filha de uma rainha africana.

Apesar de o senhor Francisvaldo Gomes costumeiramente iniciar a visita guiada pela capela, no dia desta visita, houve a realização de uma missa na mesma. Por isso, em respeito aos familiares, ele optou por começar pela entrada do cemitério. Ele iniciou explanando que o Cemitério da Consolação foi o primeiro cemitério construído no estilo europeu com inauguração em de 15 de agosto de 1858. Mencionou que o arco do Cemitério da Consolação lembra muito o arco do triunfo em Paris, pois a ideia de construir este cemitério vinha da Europa. Por isto, ele é conhecido como o primeiro cemitério público municipal no estilo europeu.

O arco de entrada do Cemitério, que, conforme Francisvaldo, lembra o Arco do Triunfo de Paris, foi construído pelo arquiteto brasileiro, formado na Bélgica, Francisco de Paula Ramos de Azevedo. O arquiteto, além da construção do arco de entrada do cemitério, fez a construção da capela, comparada por Francisvaldo Gomes, a um templo grego, cercada por colunas no estilo dórico. Foi projetada em 1902 e é a segunda capela construída pelo cemitério.

Além das obras no Cemitério da Consolação, o arquiteto construiu, para sua filha, a Casa das Rosas na Avenida Paulista, que hoje funciona como um museu. Construiu ainda, o prédio do Correio Central da Cidade de São Paulo, o prédio do Palácio da Justiça e também, o Teatro Municipal de São Paulo. Francisvaldo Gomes explicou que o arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo faleceu em 1928 e está sepultado no Cemitério da Consolação, porém em função do tempo curto para a realização do roteiro, não foi possível visitar sua sepultura.

Ao chegar à capela, Francisvaldo Gomes mencionou que “logo na entrada” havia um túmulo muito simples. Observa-se que a referência à capela como ‘entrada do cemitério’ atribui uma relevância ao local, presumida pelo funcionário. Para ele, ali é o ponto de partida, talvez exatamente pela importância histórica, reconhecidas dos que foram sepultadas nas proximidades. A sepultura demonstrada por ele é a do Marquês de Monte Alegre, conforme figura 17, construída em 1860. O Marquês de Monte Alegre foi regente do império, enquanto Dom Pedro II era menor de idade. Francisvaldo Gomes explicou que seu nome era José da Costa Carvalho e que foi ele, o Marquês, o criador do primeiro jornal a circular na cidade de São Paulo no ano de 1827, denominado “Farol Paulistano”. O condutor comentou que estávamos “na frente do túmulo do pai da imprensa paulistana”, um dos primeiros túmulos

construídos no Cemitério da Consolação, pois o cemitério foi inaugurado em 1858 e o túmulo é de 1860.

Figura 17: Túmulo do Marquês de Monte Alegre



Fonte: A autora (2015)

Observa-se, na figura 18, o pouco cuidado com esta sepultura que está sendo encoberta pela vegetação e que tem suas inscrições cobertas por tinta, dificultando a leitura da única placa indicativa existente sob o túmulo.

Figura 18: Inscrição tumular na lápide do Marquês de Monte Alegre



Fonte: A autora (2015)

Ao questionar se este era o primeiro túmulo, o condutor respondeu prontamente que não. Segundo ele, o primeiro a ser enterrado no cemitério da consolação foi um escravo, no dia 15 de agosto de 1858. A sepultura do escravo, no entanto, não existe mais, pois, na época mencionada, não havia construções de sepulturas, mas, sim, enterramentos realizados diretamente no solo através de concessões. Francisvaldo Gomes não soube dizer o local exato onde se encontrava o primeiro túmulo<sup>35</sup>.

Dando prosseguimento à visita, Francisvaldo Gomes se aproxima do túmulo do Capitão Jaime da Silva Telles (figura 19), que, conforme ele, é o mais antigo do cemitério. A data do falecimento é de 14 de abril de 1858, e a fundação do cemitério é de 15 de agosto de 1858. Apesar de parecer incoerente, um sepultamento antes da fundação do cemitério, o fato tem sentido devido ao que foi exposto anteriormente. Os sepultamentos eram feitos nas concessões de uso da terra, antes de existir ali, propriamente, um cemitério. Há ainda outro fato curioso, referente ao período: na sepultura do Capitão Telles, está inscrita a data de 4 de novembro de 1858. Quanto a esse fato, o condutor não soube informar se isto se refere a alguma data de reforma de sepultura, ou, ainda, à transferência do local de sepultamento dentro do cemitério. Se considerar a data mencionada pelo Francisvaldo Gomes, o sepultamento foi feito antes da construção do cemitério, se considerar a data inscrita na sepultura, o sepultamento, foi realizado após a inauguração da necrópole.

Figura 19: Túmulo do Capitão Jaime da Silva Telles



Fonte: A autora (2015)

---

<sup>35</sup>Não há registros do primeiro túmulo, ou do primeiro sepultamento realizado no cemitério, mas sim sepulturas com datas de falecimentos que se aproximam da data de inauguração.



Ao ser questionado se a família ainda visita a sepultura, o condutor explica que é muito raro, pois geralmente as famílias vêm na ocasião de sepultamento e não para visitas posteriores. Segundo ele, é pouco comum as pessoas irem aos cemitérios no Brasil, com exceção de sepultamento e datas comemorativas (finados, dia dos pais, dia das mães, aniversários, etc.).

Seguindo o curso da visita, o condutor dirige-se até o túmulo de Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos (figura 20). “É um túmulo do ano de 1867 e aqui esta enterrada a Domitila de Castro Canto e Melo”. Ela ficou conhecida na história do país, por ter sido amante do imperador Dom Pedro I.

Figura 20: Sepultura da Marquesa de Santos



Fonte: A autora (2015)

A Marquesa de Santos como ficou conhecida, na época do império, foi uma benemérita do cemitério, pois a mesma doou quatro contos de réis, logo que a necrópole foi inaugurada, no ano de 1858. “Ela não doou as terras, guarda bem isso. [...] Ela doou quatro contos de réis para serem empregados na construção da primeira capela que ia ser construído aqui nesse Cemitério” (GOMES, 2015).

Segundo ele, tal afirmação sobre a doação consta na ata da Câmara Municipal de São Paulo. Ele explica que a primeira capela não existe mais, pois, foi destruída em função da pretensão de aumentar o terreno do cemitério, ocorrendo

assim a preocupação em construir uma outra capela de forma centralizada. Tal projeto de construção foi feito pelo arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo.

O condutor explica que a ata da Câmara Municipal de São Paulo é o único documento existente, que confirma a doação da Marquesa para a construção. No entanto, observa-se na figura 21, que em uma das placas no túmulo da Marquesa, está mencionado que a mesma doou o terreno para a construção do cemitério.

Figura 21: Placa indicativa sobre a doação de terras



Fonte: A autora (2015)

Dando seguimento ao trajeto da visita, Francisvaldo Gomes direcionou-se ao túmulo localizado ao lado da sepultura da Marquesa de Santos, o do Major Francisco de Castro Canto e Melo. O condutor explica que o irmão da Marquesa a apresentou ao imperador, em uma festa que ocorreu em agosto de 1822, período da independência, na cidade de São Paulo.

[...] o Major foi um dos primeiros a escrever sobre a Independência do Brasil. O Major Francisco de Castro Canto e Melo foi o responsável em apresentar a sua irmã, Marquesa de Santos, para o imperador e a partir daí, ela foi para história como amante do imperador [...] (GOMES, 2015).

Após, visitou-se a sepultura de Mário Zandomeneghi, conhecido como Mário Zan, compositor e solista de acordeom. O condutor explicou que o artista compôs as músicas 'Caminhos da Roça' e 'Chalana', esta última, composta em 1944, às margens do Rio Araguaia, em Mato Grosso, e interpretada por Sérgio Reis e Almir

Sater. Segundo Francisvaldo Gomes, há outras músicas de Mário Zan no estilo forró e que são muito tocadas no período de festas juninas no Brasil. Sobre a sepultura de Mario Zan, o condutor explica que:

[...] O seu túmulo é aparentemente um túmulo simples, mas ele procurou fazer na construção do seu túmulo, como se fosse o fole do acordeom dele aberto. Aquela parte maior do frontão representa o fole do acordeom dele aberto, e as partes divididas em cima do túmulo representam as teclas [...]  
(GOMES, 2015).

Conforme Francisvaldo Gomes, Mario Zan solicitou que sua sepultura fosse construída em frente ao túmulo da Marquesa de Santos, por ser admirador de sua história. Em 2006, o artista faleceu e já havia sido construída sua sepultura. A mesma história foi contada por uma das prestadoras de serviço do cemitério, a qual explicou que a filha de Mário Zan é quem mantém o pagamento para a manutenção da sepultura da Marquesa de Santos, em função da admiração deste por ela. ” [...] ele sempre arcava com despesas para pagar a manutenção do túmulo e, após a morte dele, a filha é que mantém o pagamento da manutenção para conservar o túmulo da Marquesa de Santos. É verdade, é verídico isso [...]” (GOMES, 2015).

Na capela de João da Silva Machado, Barão de Antonina (figura 22), Gomes expôs que o barão era gaúcho e que vinha do Rio Grande do Sul como tropeiro, tangendo animais até Sorocoba/SP. Contou que, em 1830/1835, havia feiras de animais nesta cidade e que o animal mais negociado era a mula, por ser um animal potente: “[...] naquela época uma mata virgem, mata fechada, ele vinha desbravando, toda aquela mata e vinha fundando povoações” (GOMES, 2015).

Figura 22: Jazigo do Barão de Antonina



Fonte: A autora (2015)

De Rio Grande do Sul para Sorocaba, o Barão se deparava com muitos índios, muitos deles bravos e que eram catequisados. O condutor explanou que o Brasão da família, exposto na sepultura, tem formato de leão, representando o Barão de Antonina que catequisava para a igreja católica, o índio bravo.

O brasão mostra um pouquinho dessa história, [...] significa um símbolo heráldico. Na mão do leão nós temos um missal, o missal que significa livro da bíblia, é como se fosse um livro da bíblia. E temos um terço na mão do leão e do outro lado, em sinal de submissão, está o índio, depondo as suas armas (GOMES, 2015).

Francisvaldo Gomes explica que a capela em mármore carrara italiano mede mais de quatro metros de altura e foi construída em 1860, tendo sido uma das primeiras construções do cemitério naquele estilo (sepultura no formato de capela).

Após a sepultura do Barão, Francisvaldo Gomes se direcionou à sepultura do abolicionista Luiz Gonzaga Pinto da Gama, com sepultamento ocorrido em 24 de agosto de 1882. Ele afirma que o abolicionista era filho de uma rainha africana<sup>36</sup> e de um português, homem branco viciado em jogos. Seu pai o vendeu como escravo (Gama tinha 10 anos à época) para um fazendeiro da cidade de Lorena/SP. Na vida adulta, tornou-se intelectual por ser um escravo doméstico (ele não ficava na senzala, mas, sim, trabalhando na casa de seus donos). Estar dentro da casa foi que possibilitou que ele tivesse mais facilidade para aprender como autodidata: “se tornou um rábula no conhecimento de lei. Estou falando de Luís Gonzaga Pinto da Gama” (GOMES, 2015).

Nesse instante, Francisvaldo Gomes mencionou que, em memória ao aniversário de falecimento, foi programada uma homenagem ao abolicionista com início na câmara de vereadores e caminhada até o Largo do Arouche, onde há um busto de Gama. Após a homenagem no Largo do Arouche, a caminhada percorre o Cemitério da Consolação, em frente ao túmulo, despedindo-se. O condutor seguiu sua fala sobre o abolicionista, dizendo que Luís Gama foi muito discriminado, por ser negro e não ter frequentado a faculdade. Participou de uma loja maçônica de nome América, atingindo o grau máximo da maçonaria que é o 33. Após sua morte, a loja

---

<sup>36</sup>Esta informação é divergente dos dados veiculados com registros históricos. Não foram encontradas informações de que a mãe do abolicionista fosse uma rainha africana.

mandou erigir o túmulo, em homenagem ao abolicionista. O condutor explica as iconografias tumulares existentes na sepultura do abolicionista.

Veja no túmulo as figuras em relevo, o compasso e o esquadro, símbolo da loja maçônica, e embaixo o nome: “tributo fraternal da loja de nome ‘Loja América’”. No seu túmulo, o artista procurou fazer em um bloco de pedras, o artista dá forma a uma cruz, veja que ao lado de uma lateral da cruz, tem uma coroa de rosas. As rosas no cemitério, fazendo um estudo da arte tumular, as rosas, as flores, significam símbolo da pureza, purifica a vida, purifica a morte. E ao lado da cruz também aqui no túmulo tem um manto jogado, o manto jogado tem um significado na arte tumular, ele significa a perda e a dor, o manto jogado sobre a [cruz] tem o significado da perda e da dor. (GOMES, 2015)

Com a fala pausada, Francisvaldo Gomes segue até outra sepultura, a do escritor Afonso Arinos de Melo Franco (figura 23). Segundo o condutor, Melo Franco escreveu muito sobre o Minério em Ouro Preto/MG, também representou o Brasil na Espanha como embaixador e faleceu em Barcelona, no ano de 1916. O corpo veio para o Brasil e foi enterrado no Cemitério da Consolação, tendo seu túmulo sido construído em 1917. O governo do estado à época contratou J. Magrou (escultor francês) para erigir a sepultura. O condutor expõe que o túmulo é feito em mármore de carrara italiano, com detalhes em bronze, o qual, segundo ele, encontra-se bem envelhecido. Conforme Francisvaldo Gomes, o túmulo foi feito em Paris (GOMES, 2015).

Figura 23: Túmulo de Afonso Arino de Melo Franco



Fonte: A autora (2015)

Esse escultor aí, [...] tem várias obras no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro. Na Praça de Petrópolis sentado, [...] lendo um jornal tem Dom Pedro II e Dona Izabel Cristina [...] obra em mármore de carrara assinado por ele. J. Magrou, como era conhecido assinava “Jota ponto Magrou”. Ele tem várias obras [...] no Cemitério São João Batista. (GOMES, 2015)

Além das informações históricas dos sepultados, Francisvaldo Gomes faz, durante as explanações do roteiro, reflexões sobre outras temáticas relacionadas ao cemitério, enquanto conduz os visitantes de uma sepultura à outra. Ele relata a importância de se perceber o cemitério como museu, como um local de arte.

A aparência do cemitério, ser conhecido como um museu histórico a céu aberto é porque muitas obras existem nesse local que deixa ele com aparência de museu histórico a céu aberto. Por quê? Se você vai numa pinacoteca que é um museu, se você vai no MASP [...], você vai ver muitas obras de arte [...] em cima de pedestais. Andando no Cemitério da Consolação não é tão diferente, porque muitos desses túmulos acompanham uma obra de arte, [...] é como se fosse uma obra de arte em cima de um pedestal, o túmulo da família (GOMES, 2016).

Seguindo o roteiro, o monitor direciona-se à sepultura da família Padula. Para ele, esta família tradicional de São Paulo, contratou um dos melhores escultores existentes à época, para fazer uma obra que representasse o sofrimento (figura 24).

Uma obra religiosa, uma obra sacra, e ela pediu para o escultor uma cena que associasse com o sofrimento, e o escultor fez uma demonstração do seu trabalho, uma cena da piedade. Uma cena da piedade é aquela cena em que Cristo quando sai da cruz [...] é acolhido no colo de sua mãe. Então esta cena, a cena da piedade, ela ficou mais conhecida como uma Pietá, portanto, esta obra é uma cena da Pietá, feita pelo um artista brasileiro de nome Roque de Mingo. Roque de Mingo tinha uma pequena fundição aqui em São Paulo. Roque de Mingo faleceu em 1973 este escultor, e é enterrado aqui no Consolação (GOMES, 2016).

Figura 24: Cena da Pietá de Roque de Mingo



Fonte: A autora (2015)

Enquanto o condutor segue o curso do roteiro, o mesmo comenta assuntos transversais ao cemitério até chegar ao próximo túmulo que faz parte do roteiro. Muitas de suas falas são relacionadas à arte, ao artista que produziu a obra, ou ao cemitério como sendo um museu.

É interessante observar quando você olha para obra, obra de arte, ou ela é em mármore de carrara, ou em bronze, ou em granito. O que é interessante é você observar se a obra está assinada. Por quê? Quando a obra não está assinada é porque ela é uma cópia, ela não é original, e sim a original é assinada. Veja que na lateral, bem embaixo da base da obra, tem assinatura de onde a obra foi feita. Esta obra, a cena da Pietá foi feita para família Padula, na fundição do escultor Roque de Mingo. Na lateral da obra, a obra está assinada (GOMES, 2015).

Francisvaldo Gomes expôs que Roque de Mingo era um escultor brasileiro, faleceu em 1973 e está enterrado no Cemitério da Consolação.

Dando sequência, outra sepultura visitada foi a de Líbero Badaró (figura 25). Segundo o guia, na década de 1920, Badaró, imigrante italiano, veio para o Brasil e tinha o ofício de jornalista e médico sanitário. No Brasil, Badaró observa que a prática de sepultamento ainda era realizada dentro das igrejas, e que, se continuasse sendo realizada no adro, no altar ou na rua principal, a saúde da população estaria prejudicada, já que a população frequentava o espaço para orações e cultos (Gomes, 2015).

Figura 25: Sepultura de Libero Badaró



Fonte: A autora (2015)

Por esse motivo, o médico propôs à câmara municipal a ideia de criar cemitérios ao ar livre. A câmara formou uma comissão e procurou um local no subúrbio da cidade, longe do centro de São Paulo, para construir um cemitério ao ar livre. Encontram o terreno onde está localizado o cemitério da Consolação, que, anteriormente, era pasto para animais, local que era denominado de “caminho dos pinheiros”, pois ia em direção a Pinheiros. Conforme Francisvaldo Gomes (2015), muitas famílias criticaram a escolha do local:

Nossa, o meu parente vai ser enterrado em um lugar onde é pastos para animais, sendo que podia ser enterrado na igreja, no altar. Eles imaginavam que se fossem enterrados no altar, seria ali enterrado mais próximo de Deus, por isso, houve muitas críticas ao se construir este cemitério ao ar livre [...] (GOMES,2015).

O condutor ressalta, inúmeras vezes, a importância de Giovanni Battista Libero Badaró, afirmando que se hoje há o cemitério da Consolação é em função da ideia pioneira do jornalista/médico sanitaria. Ele informa que Badaró faleceu em vinte e um de novembro de mil oitocentos e trinta (21-11-1830) e que há uma rua na cidade de São Paulo com seu nome, rua onde Libero Badaró foi assassinado. As informações sobre o jornalista/médico sanitaria seguem sendo explanadas pelo condutor.

[...] ele criou o segundo jornal a circular na cidade de São Paulo. Havia muitos jornalistas italianos que eram donos de jornais aqui em São Paulo, mas o segundo jornal a circular na cidade de São Paulo, era deste jornalista, Líbero Badaró. Líbero Badaró, criou o segundo jornal que tinha por nome ‘O Observador Constitucional’, [...] (GOMES,2015).

Ao ser questionado se os familiares ainda procuram por essa sepultura, o condutor respondeu negativamente, pois não há mais familiares.

Logo que ele faleceu ele foi enterrado em uma igreja, a igreja Nossa Senhora do Carmo. Porque vinte e um de novembro de mil oitocentos e trinta (21-11-1830) não tinha ainda o Cemitério inaugurado. Aí só após a inauguração do cemitério, no ano de mil oitocentos e cinquenta e oito (1858), bem depois, já o Cemitério criado, é que foram trasladados os restos mortais de Líbero Badaró para o Cemitério da Consolação. Cemitério da Consolação foi fundado no dia quinze de agosto de mil oitocentos e cinquenta e oito (15-08-1858) e os restos mortais de Líbero Badaró vieram da Igreja do Carmo, na região do Braz, aqui em São Paulo. Os restos mortais vieram para o Consolação, no dia vinte e um de novembro de mil oitocentos e oitenta e nove (21-11-1889), [...] (GOMES, 2015).



A sepultura seguinte a ser mostrada foi a de Mário de Andrade. Francisvaldo Gomes começa explanando a história do sepultado e só então menciona o nome.

Aqui também tem um dos túmulos super visitados que é o túmulo de uma pessoa que nasceu na cidade de São Paulo. Ele nasceu em mil oitocentos e noventa e três (1893), no centro da cidade, na Rua Aurora e foi a partir dele e outros amigos dele, que se criou uma das maiores semanas [...] aqui em São Paulo, a 'Semana de Arte Moderna de 22'. Deve-se muito a ele, um dos criadores da Semana de Arte Moderna de 22, porque antes desta semana criada, os artistas que mais apareciam com as suas obras de arte, com pinturas, eram artistas europeus. E foi belo ser organizado esta semana porque, a partir [de então] é que se pode conhecer os nossos artistas brasileiros, como escultores, pintores, artesãos, criadores de belas obras aqui no Brasil que estavam no anonimato [...]. Mário de Andrade está sepultado aqui na Rua Dezesete (17), lado esquerdo terreno um (1), onde está em um simples túmulo. Por quê? Os modernistas, seus túmulos não eram tão suntuosos.

O condutor, ao explicar, apontou para a sepultura e mencionou que a mesma é em granito polido com formas retas, sem suntuosidade. “Simplesmente tem um anjo em mármore de carrara italiano, que ornamenta o seu túmulo. Ao lado do anjo, dois vasos em resina fazem a decoração [...]” (GOMES, 2015). Francisvaldo Gomes explicou ainda que o autor foi o escritor de *Macunaíma*, obra adaptada ao cinema, e *Pauliceia Desvairada*, forma como ele denominava a cidade de São Paulo.

*Paulicéia Desvairada*<sup>37</sup> era o modo como Mario de Andrade chamava a cidade de São Paulo. Francisvaldo explica que, em um de seus poemas, o autor narra “quando eu morrer... quando eu morrer afundem o meu coração no pátio do colégio” (GOMES, 2015). Segundo Francisvaldo Gomes, isto é uma demonstração de amor pela cidade de São Paulo: “[...] em mil novecentos e quarenta e cinco (1945) ele veio a falecer e foi enterrado [...] no Cemitério da Consolação”. (GOMES, 2015). Dando continuidade ao roteiro, Francisvaldo Gomes seguiu em direção ao túmulo de Luís Gama, abolicionista e explicou que este faleceu em vinte e quatro de agosto de mil oitocentos e oitenta e dois (24-08-1882). Após a morte, outro abolicionista, Coronel Antônio Bento, juiz de direito em Botucatu, deu continuidade aos trabalhos iniciados pelo seu amigo Luiz Gama na defesa dos escravos. O condutor explicou que, no seu túmulo, tem uma figura em bronze e em relevo, feita pelo escultor italiano Ricardo Fanucchi.

---

<sup>37</sup> O condutor se refere ao poema “Pauliceia desvairada – quando morrer quero ficar”, de Mário de Andrade.

Na figura é possível visualizar uma mulher apontando o sol. Em cima do sol tem a data treze de maio de mil oitocentos e oitenta e oito (13-05-1888). O sol, ele faz uma homenagem ao resplandecer, a uma data que nasce: treze de maio de mil oitocentos e oitenta e oito (13-05-1888), é a data em que princesa Isabel assinou a Lei Áurea. Veja que tem também uma figura de um escravo, o escravo com os pés acorrentados. Só que a corrente já quebrada – significa a liberdade -. Ali tem também uma locomotiva que representa o [progresso] (GOMES, 2015).

Sobre o trajeto Gomes (2015), afirmou ainda que pode fazer vários roteiros dentro do cemitério, como, por exemplo: só com pessoas do império, só com políticos, só com artistas, etc. Em conversa com a Assessoria de Comunicação, o órgão informou que a SPturis tem interesse em fazer roteiros temáticos dentro do cemitério. Francisvaldo Gomes afirmou que a ideia não partiu dele, mas que ele costuma ser consultado sobre as ações referentes ao turismo, no Cemitério da Consolação. Ele mencionou que concorda com tudo que aconteça, para que seja divulgada a ‘nossa história’, não importando se será através de outras pessoas ou agências de turismo.

É como se eu estivesse passando um bastão para ser dado continuidade. Então se alguém [...] contar a nossa história adormecida dentro de um cemitério, eu tenho mais é que coroar aquele trabalho a ser feito. Portanto, quando acontece algum trabalho assim, que eles querem divulgar o Consolação, ou fazer algo no Cemitério da Consolação, eles me consultam: “olha, nós vamos fazer um trabalho. Que tal? Você gosta? Você concorda?”. Tudo que for divulgar o Cemitério da [Consolação], eu vou concordar plenamente. Porque eu quero que a história do nosso Brasil, a história da cidade de São Paulo, concentrada dentro de um cemitério, seja divulgada, [que] ela não fique só adormecida dentro de um cemitério, mas que ela vá avante no linguajar nosso que amamos a história (GOMES, 2015).

Ao ser questionado sobre o modo como o cemitério consegue conter os furtos, o condutor menciona que há guardas no cemitério e qualquer acontecimento fora do habitual. Cabe aos guardas atuarem para inibir os furtos. Francisvaldo Gomes mencionou ainda que, em um cemitério, local público, pode sim acontecer furtos pois ele pode ser acessado por qualquer tipo de pessoa, por ser um local aberto.

Sobre quais são as perguntas mais frequentes, feitas pelos visitantes, o condutor informou que é sobre as obras de arte e sobre pessoas famosas ali sepultadas.

[...] nas minhas visitas eu sempre pergunto se alguém lembra algum nome de uma pessoa famosa, nome de ruas da cidade de São Paulo, nomes de bairro. Eu já li muito sobre cemitério e muito dessas informações estão contidas, na minha cabeça, na minha ideia. Então quando alguém pergunta “rua que tem nome da pessoa tal”, eu vejo se está aqui, já falo imediatamente até a biografia. E um escritor tal que você queria conhecer e teve oportunidade de estar no cemitério. Então, é só falar quem que você acha que deve estar enterrado aqui, que você gostaria de conhecer o túmulo. Quando ele cita, eu vou falando em um raciocínio bem rápido, se tiver aqui. (GOMES, 2015).

Francisvaldo Gomes expôs que deixa os visitantes bem à vontade para visitar o cemitério e realizar perguntas durante o trajeto. Segundo ele, as perguntas são feitas constantemente, pois é novidade visitar um cemitério e ter um monitor para informar os visitantes.

Eu deixo para que todos que visitem o cemitério tenham a sua liberdade de fazer uma pergunta, por que eu sou bem realista. Uma pergunta feita eu vou ter uma resposta de que sim quando sei, ou não quando eu não souber responder, sendo bem realista com as perguntas feitas. Portanto, eu deixo em liberdade. Por quê? Aqui o Cemitério da Consolação é como se você estivesse visitando um Museu Histórico a céu aberto. Eu quero que o aluno, o pesquisador, a pessoa que está fazendo uma visita sintam-se à vontade para fazer alguma pergunta no ato da visita (GOMES, 2015).

Após, Francisvaldo Gomes menciona características do túmulo da família Calfat, feita pelo escultor Antônio Del Debbio.

Aqui, nós temos um escultórico em bronze. Neste escultórico em bronze, nós temos a figura de um homem. Entre os pés do homem, tem o chapéu do Deus Mercúrio, na mão dele, a mão cruzada direcionada ao coração, está um símbolo como se fosse duas cobras entrelaçadas, é o símbolo farmacêutico ou o símbolo da medicina. Aquele símbolo ele tem um nome, chama-se “Caduceu”. Neste escultórico, a família procurou mostrar um ofício, o ofício da Medicina. Na frente, vai ter uma mulher com duas guirlandas na mão e, na frente da mulher, vai ter uma engrenagem, engrenagem esta que associa com a indústria. Na frente da engrenagem, vai ter um tecido, olha só, um tecido enrolado no madeiro, mas o que é interessante que este tecido ele está entre os pés da figura de um homem. A figura deste homem no escultórico, [...] vai representar o escravo – trabalhador -, entre os pés do homem tem um tecido. O tecido é interessante observar, porque [...] ao desenrolar ele vai envolver toda a família [...] então, ao lado do homem que representa o escravo – o trabalhador - tem uma mulher. A mulher está com uma criança menor, uma criança pequena no colo, esta obra representa a maternidade. Existe a figura da última mulher, a última mulher já está amparando uma criança maior, [...] aquela obra vai representar a caridade amparando a pobreza. Veja que, na escultura, a mulher está lhe dando um pão, dando um pão para criança, a criança que está faminta. Portanto, esta obra tem a representação da caridade amparando a pobreza. Em cima do escultórico, dá pra observar que existe um anjo em cima de todos, como se estivesse protegendo toda família. Como anjo não tem sexo, esta figura de um anjo, é

um anjo representado pela mulher, uma anja. Ela representa o anjo protetor, o anjo que protege toda a [família] e neste escultórico que é em bronze, um bronze envelhecido, [...] que foi feito pelo um escultor italiano. Este escultor autor desta obra é o escultor que mais trabalhou aqui em São Paulo para Cemitérios. O escultor de nome Antero Del Debbio foi um dos que mais construiu jazigos para cemitérios paulistanos e, aqui, para a família de sobrenome Calfat. Calfat é um sobrenome que vem da Síria, o escultor Antero Del Debbio – escultor italiano – ele fez este escultórico para homenagear esta família que tinha ofício aqui no Brasil, ofício ligado à [tecelagem] (GOMES, 2015).

Prosseguindo a visitação, o condutor, mencionou que “[...] aqui nós temos uma outra bela obra” (GOMES, 2015). Ele se refere à figura 26

É a obra de um anjo, veja que o anjo está em cima de um globo. O globo representa o universo e em cima do globo há um anjo com uma trombeta na mão. Este anjo é o anjo que anuncia os fins dos tempos, este anjo é conhecido como um anjo do juízo final. “Anjo do juízo final” é o nome da obra, veja que na construção do túmulo tem ornatos em bronze – são flores -, as flores significam o símbolo da pureza. O anjo, o anjo do juízo final, a representação que o anjo tem na arte de cemitério, ele representa ser o mensageiro de Deus, é o anjo que leva a mensagem em direção ao céu. Esta obra “O anjo do juízo final” é do ano de 1911, [...] está assinada pelo escultor italiano de nome Aurélio Franceschi. Aurélio Franceschi, este escultor italiano, nasceu em Luca (Itália) e foi lá de Luca (Itália) que veio esta obra [...] (GOMES, 2015).

Figura 26: Anjo do juízo final



Fonte: A autora (2015)

Ao chegar perto da área direita do cemitério, separada por um muro, ele explicou que ali é o Cemitério Presbiteriano Protestante (figura 27). Ele também apontou para outra parte, onde se localiza o Cemitério Ordem Terceira do Carmo, em que são enterrados os religiosos católicos.

Figura 27: Fachada do Cemitério dos Protestantes



Fonte: A autora (2015)

Já no Cemitério da Consolação, pessoas de outra religião podem ser enterradas ali (Gomes, 2015). Nesse instante, dois visitantes se aproximaram e comentam sobre o local onde está sepultado Charles Miller, esportista, considerado por alguns como o propagador do futebol no Brasil, bem como Anita Catarina Malfatti, modernista; ambos sepultados no Cemitério dos Protestantes. Francisvaldo Gomes conversou com os visitantes, fornecendo essas informações, à medida que eles foram questionando. Ele explicou que o cemitério em que estavam (Consolação) é de mil oitocentos e cinquenta e oito (1858), e o outro é de mil oitocentos e sessenta e oito (1868), referindo-se ao Cemitério da Ordem Terceira do Carmo: “Naquele Cemitério, Ordem Terceira, está enterrado o Barão de Itapetininga” (GOMES, 2015).

Após despedir-se dos dois visitantes e seguindo o trajeto, o condutor afirmou que, para a pesquisa e fotografia desses cemitérios, anexos ao Cemitério da Consolação, é necessária a solicitação para outra administração, já que esses espaços são separados fisicamente e com gestões administrativas independentes.

Na continuidade do percurso, chegamos à sepultura do maestro Luigi Chiaffarelli, onde está a obra “Euterpe”, do ano de mil novecentos e vinte e três

(1923). Esta obra que está na capa do atual guia turístico do Cemitério da Consolação. Francisvaldo Gomes mencionou que o maestro veio da Itália na década de 1880, trazendo a arte da música para o Brasil, e, como professor, ele formou o músico Francisco Mignone, sepultado no Rio de Janeiro, e a pianista Guiomar Novaes falecida em 1979. Sobre o maestro Luigi Chiaffarelli de origem italiana, Francisvaldo Gomes explicou:

O maestro faleceu em mil novecentos e vinte e três (1923), a Euterpe foi feita três anos após – mil novecentos e vinte e seis (1926). E aqui nós temos como se fosse uma escultura inclinada como se fosse uma mulher chorando, com o apoio das mãos aos olhos, direcionado a um instrumento musical, a arpa. A arpa no túmulo, ela faz uma homenagem ao maestro aqui sepultado, o nome do maestro: Luigi Chiaffarelli (GOMES, 2015).

Referente a essa obra, o monitor havia mencionado em outro momento sobre a história do restauro. A obra foi vítima de vandalismo, tendo sido roubada uma das tranças e arrancada outra, O historiador Délio Freire chegou a mencionar a vontade de restaurar a Euterpe e entregou a trança restante ao Francisvaldo Gomes, para que este a guardasse e para que um dia pudessem restaurá-la. Francisvaldo guardou a trança durante 12 anos e, em uma visita monitorada, enquanto explanava sobre a sepultura, um participante da visita monitorada se apresentou como o neto do dono do túmulo (família Chiaffarelli)<sup>38</sup> e se propôs a restaurar a obra. A escultura, então, foi removida da sepultura e ficou quinze dias em uma fundição no interior de São Paulo para que fosse recomposta uma das tranças e refeita outra. Conforme Francisvaldo, o neto participou das diversas etapas do restauro, estando presente no dia em que a obra foi recolocada na sepultura. Segundo o monitor, a obra foi grafitada (recebeu um produto que se chama 'grafite'). A Euterpe foi originalmente esculpida por Nicola Rollo, professor no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (Gomes, 2015).

Francisvaldo Gomes dirige-se para a última sepultura do roteiro feito naquele dia. A sepultura é a do historiador Délio Freire dos Santos a quem ele chama de “meu professor” (figura 28 e 29).

[...] um dos pioneiros das visitas monitoradas em cemitérios paulistanos foi meu professor, Délio Freire dos Santos. A placa que existe no túmulo dele, eu que mandei fazer, mas eu não quis dedicar esse trabalho somente a

---

<sup>38</sup>Francisvaldo não soube mencionar o nome do familiar do maestro Luigi Chiaffarelli, responsável pela restauração da obra.

mim. Eu mandei fazer, mas achei melhor colocar como se fosse uma homenagem dos funcionários do serviço funerário, para não ficar unicamente eu, seu aluno. Ele faleceu [...] dia quatorze de abril de dois mil e dois (14-04-2002), mas pode passar o bastão pra mim, se dando com isso, a continuidade de seus trabalhos. E hoje, eu procuro amar a história da cidade de São Paulo concentrada dentro de um cemitério, após o recebimento do bastão que ele me passou, [...] e com esta visita você pode ver a demonstração de amor que eu tenho pela história deste cemitério e pela história da cidade de São Paulo, pois estou na frente do túmulo de meu professor, Délio Freire dos Santos (GOMES, 2015).

Figura 28 Sepultura de Délio Freire



Fonte: A autora (2015)

Figura 29: Placa em homenagem a Délio Freire



Fonte: A autora (2015)

O condutor finalizou o roteiro mencionando: “Eu gostaria de te dizer que hoje eu estudo a morte pra melhor compreender a vida” (GOMES, 2015).

Em diversos momentos durante todo o roteiro percorrido, Francisvaldo Gomes, além de expor fatos históricos dos sepultados, de falar um pouco sobre a arte, a iconografia e os escultores, também comentou assuntos que transversalizam o turismo em cemitérios. Ele comentou, por exemplo, que recebe por mês, aproximadamente, cento e cinquenta pedidos e que, às vezes, em cada pedido, tem oitenta pessoas, por esse motivo, o número de visitantes varia muito. Conforme ele, já monitorou mais de oito mil pessoas, desde que começou a trabalhar no Cemitério da Consolação. Mencionou que é raro os familiares visitarem o Cemitério da Consolação, a não ser para sepultamentos ou datas comemorativas, pois, para ele, no Brasil, as pessoas não têm o hábito de ir aos cemitérios. Explanou, ainda, sobre a tranquilidade de se trabalhar com o turismo no Cemitério da Consolação e da dificuldade em permitir as fotografias no Cemitério, em função de preservar

intimidade dos familiares e também em função dos direitos autorais, no caso de pessoas públicas/famosas.

Durante os relatos na pesquisa em campo, os funcionários e prestadores de serviços expuseram, também, sobre a história dos sepultados. Eles demonstram possuir muito conhecimento sobre o local, além de ter uma 'intimidade' com o espaço cemiterial e bom relacionamento de trabalho. Afirmaram que, quando solicitados por algum visitante, dão informações sobre as sepulturas, a história do cemitério e orientações sobre as visitas, mas sempre remetendo ao Francisvaldo Gomes. Os ensinamentos destes foram transmitidos de pai para filho ou ainda pelos próprios colegas de trabalho. Os prestadores de serviços têm, em média, 20 anos de serviço e o ambiente descrito como "tranquilo e agradável" faz com que o trabalho diário e a atividade turística seja desenvolvida da melhor forma possível. No entanto, no que tange ao patrimônio ou atividade turística, estes não recebem uma qualificação ou ainda, uma orientação profissional.

## 6.2 Materiais gráficos

O primeiro material para as visitas guiadas no cemitério, organizado por Délio Freire, tinha um trajeto que percorria 20 sepulturas para a visitação. Esse material não foi disponibilizado, pois Francisvaldo Gomes não soube informar, no momento da coleta de dados, onde se encontravam as anotações do historiador Délio.

Apesar disso, o primeiro guia de visitação (anexo F) foi organizado por Francisvaldo Gomes e Délio Freire, a partir das anotações do historiador, que faleceu antes do guia de visitação ficar pronto. A organização contou com o apoio da Secretaria de Cultura de São Paulo e do Serviço Funerário; porém, Délio Freire faleceu sem ter visto o material gráfico finalizado.

O guia de visitação contém fundo laranja, dando destaque em sua capa para obra em granito, feita por Celso Antônio de Menezes, no túmulo de Lidia Piza Rangel Moreira (1927). Na contracapa, está a obra "Solidão", de Francisco Leopoldo e Silva; no entanto, o nome da obra e do autor não está identificado no material.

Há registros de que a obra "Solidão" (1926) tenha sido o primeiro nu do cemitério. Talhada em granito apicoado, a escultura que representa a



solidão traz uma mulher sentada, recoberta por um véu translúcido que deixa entrever suas formas voluptuosas (FOLHA, 2008).

No interior do folder, na parte central, está o mapa com sinalização das sepulturas a serem visitadas. Todas estas estão numeradas e separadas por cores; no entanto, não há indicação no mapa sobre as ruas e as quadras, ou seja, onde os túmulos estão localizados. Na parte interna do folder, nas numerações de cor azul, está a lista de escultores; contudo, esta indicação se refere às obras que foram realizadas por eles e não suas sepulturas. Há ainda, na parte interna, ilustrações relativas às obras do roteiro, com a identificação do escultor e/ou nome da obra.

O segundo guia de visitação impresso (anexo C) possui características mais simples. Tem o papel com gramatura menor que o primeiro e também possui um tamanho menor. No entanto, o mapa, localizado na parte interna do folder, apresenta maiores detalhes que facilitam a localização dos visitantes. Há a indicação da entrada, capela, setor de administração e indicação dos Cemitérios dos Protestantes e Cemitério da Ordem Terceira do Carmo. Há, também, a indicação de quadras e ruas dentro das necrópoles, o que facilita a busca pelos locais a serem visitados.

Apesar disso, há uma área relativamente extensa, demonstrando o QR Code, mas não há uma explicação detalhada sobre seu modo de utilização. O apoiador, patrocinador e o realizador do folder estão descritos na parte interna do guia de visitação. Há um espaço sem preenchimento, que poderia ter sido utilizado para maiores informações sobre o histórico ou sobre a visita. Na parte externa do folder, a numeração de cor verde indica as sepulturas dos intelectuais, artistas e homens públicos; e a cor bordô indica os políticos sepultados, igualmente ao primeiro folder.

Nenhum dos mapas contém a data em que eles foram produzidos, o que dificulta a utilização destes materiais para pesquisas futuras, no que se refere à temporalidade e à evolução das informações sobre o turismo realizado no Cemitério da Consolação. Há a falta de localização espacial do Cemitério da Consolação, ou seja, uma indicação sobre o modo como chegar à necrópole. Também não há telefone ou email de contato, para agendamento das visitas. O material parece ter sido elaborado para quem já se encontra dentro do cemitério, mas é pouco convidativo para quem ainda não foi até a necrópole. As obras utilizadas na capa estão isoladas e sobrepostas a um fundo na cor laranja. O que se destaca, neste

sentido, é a necessidade de ambientação nas obras, ou seja, o fundo original, com imagens do cemitério (outras sepulturas e área verde), o que contribui para deixar o folder mais atrativo e contextualizado com o seu local de exposição, que é o cemitério.

### 6.3 Fotografias

As reflexões aqui feitas não são especificamente sobre as imagens em si, mas elas servem como um exemplo ilustrativo do texto. Nesse sentido, as fotografias selecionadas foram utilizadas para “ancorar” a escrita, com a intenção de complementar as interpretações textuais feitas neste trabalho.

As fotografias selecionadas levaram em consideração, além do respeito à intimidade dos sepultados e de seus familiares, a pertinência aos dados coletados na pesquisa, ou seja, a contextualização da escrita com a imagem. Isto permite que o texto e a fotografia possam ser explorados, sem que haja interpretações dúbias. Buscou-se com isto uma leitura transversal, sem uma interpretação isolada das fotografias, mas sim que se possa construir uma relação de sentidos entre escrita e imagem. A imagem não se trata de uma representação fiel ao texto, mas serve para guiar a leitura e, também, pode contribuir para acrescentar outras interpretações que não tenham sido feitas aqui.

### 6.4 Análise dos dados

No momento de iniciar a análise, percebe-se o grande número de dados de campo e se tem nítida a proporção do desafio desses dados, com a reflexão teórica proporcionada pelos autores. O cemitério está constituído de uma estrutura administrativa que busca manter a organização e operacionalização dos serviços fornecidos como os sepultamentos e as visitas guiadas. Não foi encontrada durante a coleta de dados, uma planta baixa original, que guiasse desde a abertura da necrópole, um mapeamento para orientar a construção de ruas e quadras, bem como a colocação das sepulturas. O único desenho que orienta espacialmente a necrópole é o mapa que consta no guia de visitação.

O fato de não ter planta baixa, é algo que merece destaque, porque essa inscrição, o registro da planta baixa, valida a existência, discriminada e corresponde a um item fundamental em termos de planejamento para sepultamentos, de orientações para a preservação do patrimônio, de reforma ou restauro e até mesmo o planejamento para o turismo.

Carvalho (2010) não menciona uma divisão com territórios demarcados, mas sim uma certa organização, um local para destinar os corpos e, por consequência, uma divisão social com a separação entre protestantes e escravos. Nogueira (2011) expôs que os sepultamentos em igrejas eram feitos por concessões, fato que ocorria no cemitério da Consolação. Esta informação pode indicar que o modo de organização dos sepultamentos dentro das igrejas refletiu também na forma como o cemitério se organizou, indicando que a sociedade dos mortos, reflete a dos vivos.

No que se refere à segurança, nem mesmo a Guarda Civil Metropolitana (GCM) consegue manter o cemitério sob proteção constante contra o vandalismo. Por ser um espaço público com acesso permitido a todas as pessoas e por não ter portaria que controle os visitantes e familiares dos sepultados, torna-se difícil proteger, de modo integral a necrópole. Não há um controle mais rigoroso sobre o trânsito dentro do cemitério, tal fato dificultaria os roubos, vandalismos e facilitaria o fluxo de informações sobre as visitas. O que se sugere é que haja uma portaria com identificação dos visitantes e dos pesquisadores.

Os poucos guardas existentes não conseguem cuidar os diferentes pontos dos cemitérios, já que este ocupa quase um quarteirão. Os funcionários e servidores intervêm, sempre que podem, quando observam atitude suspeita relacionada a roubo ou vandalismo, ainda que isto não seja função deles.

Na era medieval, conforme exposto por Vissière (2013 s/d), o cemitério era um espaço com maior sociabilidade. A sociedade usufruía do local com maior propriedade e o espaço cemiterial era um ambiente comum e talvez por isto, o vandalismo não fosse tão presente como é hoje.

O Serviço Funerário de São Paulo, além de ser responsável pelas questões burocráticas relativas aos falecimentos e sepultamentos, também é responsável pela administração das visitas guiadas. Os pedidos para a visita não são feitos diretamente na administração do cemitério, ou seja, não são feitos diretamente com o senhor Francisvaldo Gomes, que conduz as visitas. Tal fato pode dificultar a

dinamização do roteiro, e do fluxo de visitante, uma vez que o condutor fica dependente das informações transmitidas pelo Serviço Funerário.

O cemitério não oferece cremação já que existe um crematório no cemitério da Vila Alpina e também, porque não há espaço físico para uma estrutura adequada na montagem de um crematório. A necrópole não demonstra uma segregação social aparente com definições de espaços para religiosos, elite intelectual ou políticos. Ambas camadas estão dispersas no cemitério formando assim uma aparente linearidade social. Vale ressaltar que, poucas são as famílias pobres ali inumadas.

Até o final do século XIX, a igreja era responsável por administrar os cemitérios já que ela era a religião oficial do Estado, conforme expôs Borges (2001). Como o Estado ampliou a liberdade religiosa, a necrópole começou a ter uma independência cada vez maior das questões religiosas no âmbito administrativo, o que pode ser percebido nos cemitérios públicos e neste caso, no Cemitério da Consolação, atualmente gerido pelo Serviço Funerário de São Paulo.

A estrutura administrativa aparentemente reduzida para administrar os 22 cemitérios da cidade pode interferir no serviço de sepultamento e nas visitas guiadas. O maior número de trabalhadores do cemitério da Consolação é o de prestadores de serviços também denominados jardineiros, totalizando 22 trabalhadores. Estes, são responsáveis por manter a organização e limpeza das sepulturas, no entanto, não são responsáveis pelas higienizações das mais de 8.000 sepulturas, mas sim, apenas por aquelas em que os familiares custeiam a manutenção diária. Por este motivo, é inviável a limpeza das múltiplas sepulturas com um número reduzido de jardineiros. Isto dificulta a ação de preservação do patrimônio, no entanto, há de se pensar no modo como ela é feita.

Conforme relatado por alguns funcionários, eles nunca receberam instrução sobre como conservar os jazigos, ou ainda, algum curso que os instruisse sobre o modo de limpar objetivando assim, um menor desgaste dos materiais utilizados. Durante a pesquisa, os funcionários/prestadores de serviço relataram que não receberam preparo técnico sobre o modo como realizar a manutenção das sepulturas e lápides. Alguns prestadores de serviço mencionaram que realizam “restauração” e conservação das sepulturas; no entanto, o entendimento para estes, sobre o significado de restauração e de conservação, parece corresponder a reconstrução e limpeza, pois, segundo eles, o trabalho envolve a utilização de

produtos para manter as sepulturas limpas e conservadas. Os bens fúnebres requerem cuidados específicos devido à diversidade de materiais utilizados para a construção das sepulturas/jazigos (mármore, granito, bronze, ferro, etc.).

Ressalta-se, contudo, que é de extrema importância o cuidado dos funcionários e dos prestadores de serviços, na tentativa de proteger o cemitério, mas é importante oficializar essa condição de bem patrimonial, ou seja, é preciso que as entidades responsáveis assumam a responsabilidade de orientar os funcionários. A medida que se ganha oficialidade, os órgãos responsáveis precisam orientar e assumir a condução dessa preservação.

As formas legais de inscrição dos bens fúnebres, expostas neste trabalho (constituição e IPHAN), demonstram que o patrimônio fúnebre está registrado de maneira oficial, legitimada e que essa autenticidade confere aos cemitérios e tudo que o envolve, uma garantia judicial de proteção/preservação. Ainda assim, o que se percebe é que, na atualidade, esses registros legalizados, apesar de importantes e necessários, pouco auxiliam para conceber o cemitério em uma nova concepção social.

Os debates sobre o patrimônio e o que ele representa não parece ocorrerem de modo transversal, ficando reduzido às instituições como o CONDEPHAAT e Serviço Funerário de São Paulo. Há ainda o fato da pouca fiscalização do CONDEPHAAT e das poucas ações realizadas quanto às instruções dos funcionários das necrópoles.

Também não há instrução eficaz referente às visitas guiadas. O que os funcionários e prestadores de serviços informam, está baseado no conhecimento empírico, nas práticas diárias de trabalho e nas observações feitas. O turismo em cemitério iniciou pela ação de um historiador e até o momento não houve uma interferência/instrução por parte de um órgão do turismo, neste caso SPTuris, ou por algum profissional da área. A estrutura fornecida para os visitantes que vão realizar a visita guiada é a mesma oferecida no serviço de sepultamentos e para as funções diárias dos trabalhadores.

A procura pelo roteiro aumentou após as divulgações realizadas pelo Francisvaldo Gomes e também pelas exposições e eventos que ali ocorrem o que demonstra uma potencialização da atividade turística através de outras ações. Isto

quer dizer que os eventos e intervenções realizadas na necrópole podem servir para atrair visitantes e dar visibilidade ao cemitério enquanto atrativo turístico.

Não foi mencionado sobre a capacidade de carga, e tampouco encontrada na literatura trabalhos que se relacionassem a isto. O número de visitantes é registrado no Serviço Funerário de São Paulo, e repassado para a administração do Cemitério da Consolação para o conhecimento do condutor Francisvaldo Gomes. Este fato pode dificultar a organização e a tomada de decisão pelo Francisvaldo, já que este não tem as informações imediatas sobre a quantidade de visitantes, fazendo com que a organização para a visita seja feita em um curto período de tempo. Isto pode comprometer a própria visita e também o serviço da necrópole. Não há um registro formal do número de pedidos para a realização de pesquisa da necrópole, o que poderia servir como referências para investigações futuras.

As visitas realizadas são feitas em função da fé (santos populares) ou ainda pelo contexto artístico e histórico, no entanto, a arte e a história, poderiam ser mais exploradas a medida em houvesse placas interpretativas e informativas sobre o local, já que nem todos os visitantes conseguem utilizar o aplicativo QRCode. O guia de visita atual, apresenta pouca atração visual em virtude de não ter as obras expostas, e há também, uma grande área dedicada aos apoiadores e um espaço em branco que poderia ser utilizado para informações sobre o local.

A capela poderia ser mais explorada durante a visita, pois, tanto a área da primeira capela (já desfeita), quanto a segunda (ainda em funcionamento), marcam as primeiras construções do cemitério e as novas formas de uso, respectivamente. É o caso da realização de teatro e cinema no interior na capela existente.

Como demonstra a literatura até aqui destacada, os cemitérios são patrimônios por construção histórica, imposição política e por força de lei (Conforme Revolução Francesa, IPHAN e Constituição Federal mencionados no referencial teórico). No entanto, depois de instituídos como bens, não há uma continuidade para que este patrimônio seja mantido da mesma forma em que foi tombado. O que se observa na literatura também é a necessidade de ampliar a discussão sobre o que o patrimônio representa na atualidade, no sentido de elucidar, por exemplo, para que serve manter uma necrópole hoje, bem como os modos de lidar com as demandas desse patrimônio, no sentido de preservação e manutenção.

No que concerne às expressões que definem a prática do turismo em cemitério, estas são contrárias à proposta do trabalho que é a de pensar a dimensão de vida existente no cemitério, sem com isso negar a morte, afinal um cemitério só existe em função inicialmente e majoritariamente devido à finitude. Porém, as nomenclaturas utilizadas para definir o turismo em cemitérios pouco ajudam a pensar a atividade turística no espaço fúnebre. Considera-se que, apesar do esforço dos autores em conceituar os temas, a contribuição para incentivar o turismo nos espaços cemiteriais, é incipiente, em função das atribuições funestas que o turismo em cemitério recebe. Dizer que o turismo em cemitério é “*dark turismo*”, *fait divers*, turismo mórbido, entre outros, não demonstra toda sua potência para fazer com que esta atividade cresça e se desenvolva, por este motivo, nesta pesquisa utilizou-se a expressão “turismo em cemitério” para não entrar no debate da segmentação de mercado e também para propor outra ideia sobre o espaço fúnebre.

Outro aspecto a ser ressaltado é que os desafios pertencentes à conservação dos bens no país são pouco conhecidos pela população, já que estas questões nem sempre são debatidas publicamente. Percebe-se que as discussões ficam instituídas entre as organizações que trabalham com patrimônio, e mesmo assim, não há uma relação direta entre elas. Há um trabalho que acontece em paralelo, mas que não está ‘tramado’. Um exemplo disto é o IPHAN e o CONDEPHAAT.

Parece ser uma incongruência que não haja nenhum bem funerário tombado pelo IPHAN, órgão federal que subsidia os demais órgãos que defendem os patrimônios, como é o caso do CONDEPHAAT. Em uma cidade como São Paulo, com relevância histórica para o país inteiro e de importância mundial, questiona-se por qual motivo o cemitério da Consolação não está entre os bens protegidos pelo IPHAN? Ressalta-se que os itens fúnebres não são bens patrimoniais, apenas por serem tombados, mas vale lembrar que, o respaldo de uma instituição de preservação e conservação torna mais provável a salvaguarda.

O CONDEPHAAT junto com as ações do Serviço Funerário de São Paulo contribui para a permanência dos bens funerários, mas há muito por fazer. Entende-se a dificuldade do CONDEPHAAT em dar atenção especial aos bens fúnebres, já que este órgão é responsável por diversos bens patrimoniais da cidade de São Paulo. Nesse sentido destaca-se aqui, como importante fator para a continuação dos bens fúnebres, a existência de um grupo ou comissão específica para tratar de

assuntos que envolvam o patrimônio cemiterial, mas que trabalhe de forma regular e com fiscalização permanente.

Parece não haver nenhuma ação por parte dos órgãos mencionados que produza um debate sobre as questões patrimoniais com os funcionários/prestadores de serviços, bem como dos familiares, a fim de que se possa conservar e restaurar o cemitério, o qual está com a segurança comprometida. Para os funcionários e visitantes, o patrimônio parece ser algo que fica no discurso, não competindo a estes, questionar como, e o que deve ser feito sobre o cemitério. O patrimônio imaterial do cemitério além das formas de expressão contidas na arte, diz respeito à subjetividade, aos diferentes sentidos e por consequência, diferentes interpretações sobre qual incide no significado do cemitério ser um bem patrimonial tanto material quanto imaterial. No entanto, a condição de bem material e imaterial está no discurso, mas muito pouco nas ações.

Referente aos que se denomina de dispositivo potencializador do turismo destaca-se os eventos ocorridos no cemitério (homenagens em datas comemorativas, peças de teatro, missas, filmagens, etc.), bem como as exposições sobre o cemitério realizadas fora da área pertencente à necrópole, e a fé. Os dispositivos de potencialização podem ser pensados fora do espaço e não apenas no destino em si, mas sim algo que o “lance”.

Nesse sentido, acionar os afetos, conforme as ideias de Baptista (2014) podem ser determinantes para entender as movimentações. São os afetos que provocam os deslocamentos, afetos que são acionados pelos dispositivos potencializadores, ou seja, a fé, os eventos, as exposições e demais ações que envolvem o cemitério. Esses são acionadores de sentimento, de desejo, que fazem com que as pessoas se direcionem às necrópoles. Conforme a autora, os dispositivos aqui compreendidos estão voltados para as sensações; no entanto é necessário uma racionalidade que propicie que esses agenciamentos frente aos cemitérios tenham sentido de vivências, interações que envolvam a trama morte e vida. Os inúmeros sentidos que a autora expõe são necessários para partilhar a vida, a morte, o presente e o passado.

Essas ações estimulam, ainda que indiretamente, a conhecer o local, a despertar o interesse. Instigam os visitantes a entenderem o cemitério como um espaço necessário para se pensar a história, o deslocamento. Despertam os afetos,



ainda que por estranhamento, para uma desterritorialização até as necrópoles, e isto afasta de certo modo, o sentimento de indiferença frente aos espaços relacionados à morte. Esses dispositivos possibilitam a afetivação frente a vida que foi e vida que está presente em função da rememoração inscrita nas sepulturas. Nesse sentido, entende-se o cemitério como campo de resignificação da vida. A vida que foi divulgada nas exposições e na visita guiada comunica que elas ainda estão presentes para serem sentidas, revisitadas, através das sepulturas, já que estas são a forma mais próxima de ser ter a “presença” de quem morreu. Entende-se ainda que a morte do outro é necessária para manter a vida, nesse caso, a vida dos funcionários, e prestadores de serviços. Estes dependem deste fato para sustentar suas famílias. Há que se pensar na dimensão de vida circulante e produtiva que há na necrópole, seja pelo trabalho funerário ali desenvolvido ou pelas visitas feitas. Aí, também se encontra a trama morte e vida defendida neste trabalho e que é existente no cemitério da Consolação, como um ciclo, uma vida que se desfaz seguida de uma morte que impulsiona o deslocamento de novas vidas.

Potencializar a atividade turística em cemitério requer pensar em toda estrutura complexa que a envolve: os conceitos, que orientam pensamentos e que atualmente estão cercados de ideias funestas; os sujeitos que compreendem os funcionários e visitantes e que precisam estar mobilizados para se deslocar e sensibilizados para compreender a necrópole como um campo de significações humanas, o qual envolve materialidade e imaterialidade; sua estrutura física e seu modo de organização e utilização.

Se a sensibilização, ou seja, os sentimentos são mobilizadores das ações, como acontecem no caso das homenagens, propor ações que desenvolvam a sensibilidade pode fazer com que a atividade turística cresça, se desenvolva e seja resignificada a ponto de provocar um deslocamento causado por afetos e não apenas pelo mercado, ou seja, é uma acionamento que mobiliza internamente acarretando uma mobilização externa. É algo interno que promove as viagens, as visitas e é nesse sentido que o turismo pode ser potencializado, conforme defende Baptista (2001).

O que potencializa o turismo e conseqüentemente o turismo em cemitérios é a dimensão da vida que jaz. Há alguma identificação ou um vínculo pessoal por uma vida que me constitui como sujeito, se alguém vai visitar o túmulo de um falecido,

significa que ela está indo atrás de uma vida que a constitui ou que promove uma identificação de algum modo. É uma busca pela imaterialidade, pelas intensidades abstratas que estão associadas nas obras tumulares, nas iconografias carregadas de história e de subjetividades. São outras vidas inscritas de distintas formas, e seus feitos, foram importantes para provocar hoje, a desterritorialização, neste caso, o turismo em cemitérios, a circulação nesse lugar.

No que se refere ao material de divulgação, “guia de visitação”, o primeiro folder apresenta uma imagem com mais informações sobre o local em função da arte funerária. O segundo guia de visitação, possui um espaço muito grande dedicado à divulgação dos patrocinadores e apoiadores. Ambos parecem ser produzidos como um guia de visitação para quem já está no local, pois não há indicação de como chegar até o Cemitério da Consolação. O primeiro guia de visitação continua disponível no site o que pode demonstrar que não houve um planejamento para a divulgação das novas ações sobre o novo roteiro como o QR Code e o novo material gráfico.

Quanto ao fato de nomear as ruas, entende-se que a identificação com nome e não com número, facilita a localização, mas corre-se o risco de reproduzir uma nova hierarquização de valores que existe na sociedade dos vivos dentro dos cemitérios, por isto a numeração das ruas e quadras, parece ser mais adequada.

Percebe-se que os funcionários e prestadores de serviço, sabem muito sobre o roteiro e a história do cemitério. Pelo fato dos prestadores informarem os visitantes sobre a visita e o histórico do local, eles também são “monitores”, assim vê-se a necessidade de instruir os mesmos.

O turismo em cemitério, bem como os eventos, parece ser uma retomada de atividades existentes em necrópoles que aconteciam no período medieval. Há uma releitura deste espaço fúnebre que foi apropriado pela atividade turística e demais ações sócio culturais. Assim sendo, a necrópole aliada à atividade turística reitera e complementa as relações simbólicas existentes entre a arte fúnebre e trama morte e vida no sentido de ressignificar o espaço, os itens, as ações e as vivências ali existentes.

No que se refere à questão ambiental, observa-se aqui outra dimensão de vida. Os cemitérios da cidade de São Paulo representam a 2ª maior área verde, demonstrando assim, a potência e a importância das necrópoles para a manutenção

da vida humana e ambiental. As reservas hídricas no cemitério da Vila Alpina, e a catalogação de animais e das árvores nos cemitérios, dão ainda mais visibilidade e importância às necrópoles.

Há também o relato de roubos, uso de drogas, brigas familiares, etc, porém, isto não é apenas uma questão que tange ao patrimônio, mas sim uma questão de segurança e saúde pública, existentes e sinalizadas dentro do cemitério. Isto remete à frase exposta por Francisvaldo **“Eu hoje estudo a morte pra melhor compreender a vida”**. Talvez o espaço cemiterial, não exerça com mesma força a função de espaço de memória em comparação com épocas anteriores, mas sirva para potencializar a vida em suas múltiplas dimensões: a vida que perpassa pelo morto, percorre o visitante e chega a alcançar outras perspectivas como as ambientais, por exemplo.

No que concerne à atividade turística em si, com suas peculiaridades e características, tem-se a necessidade de maior participação e envolvimento da população nas atividades desenvolvidas no cemitério da consolação, já que este órgão é uma das instâncias máximas para se pensar e planejar o turismo.

Já o material gráfico que orienta a visita no local por trazer informações sobre as materialidades do cemitério, este também pode ser considerado um dispositivo de comunicação potencializador do turismo e deve ser pensado com cuidado para que essas orientações sejam mobilizadoras para que as pessoas se desloquem e se orientem no cemitério.

## SÉTIMA BADALADA - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vem sendo defendido neste trabalho, o final não é um fim definitivo. O final é uma passagem de condição, de um modo de estar em vida. Termina-se a etapa, ficam as lembranças, a vida que existiu. De certa forma, é assim também com a pesquisa. Nesse sentido, resgata-se, aqui, minimamente, aspectos relativos aos objetivos, em síntese, sem pretensão de esgotar ou concluir. A vida da pesquisa também permanece em potência, ainda que, como etapa de um processo, ela se encerre aqui. Então, em síntese, considerando os objetivos desta pesquisa, pode-se trazer algumas afirmações. Vamos a elas.

A estrutura do cemitério comporta um local possível para a atividade turística, ainda que necessite de muitas intervenções, para que o turismo aconteça da forma mais ordenada possível. Placas indicativas, placas interpretativas, maior capacitação dos funcionários e melhor atenção aos bens funerários, são necessárias nesse sentido.

À medida que os cemitérios são utilizados sob novas perspectivas, o turismo pode potencializar o espaço fúnebre, assim como os eventos que ocorrem dentro de uma necrópole. Essa dualidade é importante, tanto para o cemitério quanto para o turismo. É notório que o uso do espaço não fica restrito aos sepultamentos. Seria o turismo em cemitério uma forma de “mediar” nossa relação com a morte?

É fato a relevância histórica do cemitério da Consolação, para se pensar a sociedade paulistana e brasileira; no entanto, os túmulos, a arte e os diversos signos ali existentes que, em determinado momento, representavam um comportamento social frente à morte, hoje são ressignificados. Ainda que haja um pensamento preconceituoso frente ao cemitério, por remeter à morte, o mesmo é entendido, na contemporaneidade como patrimônio, local de trabalho, espaços de lazer e cultura, área de pesquisa, entre outros.

O que provoca essas ações, no cemitério da Consolação são alguns dos dispositivos que potencializam o turismo, logo, o turismo em cemitérios. Os eventos, as exposições, as ações de cultura, a fé, pesquisa, etc., acionam a mobilização do sujeito para o deslocamento até esses locais, bem como acionam os sujeitos que dali vivem e que dali mantêm suas lembranças. Não são apenas as ações externas que fazem com que o cemitério seja um espaço turístico, mas todo o trabalho

desempenhado pelos funcionários, servidores e visitantes para a divulgação e cuidado do espaço. Os dispositivos são importantes para pensar a trama que envolve patrimônio, turismo em cemitério e trama vida e morte, através dos sujeitos que acionam e que são acionados para dar outros sentidos ao local, que não seja apenas o sentido da morte. É interessante atentar a esse fato, para pensar o turismo em cemitérios, buscando se beneficiar destes “potencializadores”, em um planejamento futuro para o roteiro.

No que tange ao patrimônio, é inegável a relevância que os órgãos de proteção possuem para a conservação das necrópoles; no entanto, há que se ressaltar, a necessidade de articulação entre gestores das instituições de São Paulo, mencionadas na pesquisa. É necessário também que esses órgãos possibilitem, aos sujeitos, a participação, a integração para a discussão sobre o que o patrimônio significa na atualidade, bem como o modo de uso dos bens patrimoniais. Apesar de existirem muitas contribuições conceituais sobre patrimônio, elas não são considerações suficientes para o uso dos bens patrimoniais na atualidade. Perguntas como: “qual sua função na era contemporânea?”, “como desenvolver uma rede de sujeitos envolvendo o patrimônio de modo integral?” e ainda, “como usufruir destes bens?”, parecem ser algumas questões orientadoras, que possam vir a colaborar com novas perspectivas patrimoniais. No que tange ao patrimônio fúnebre, os conceitos e debates ainda são insipientes, e mesmo que haja grupos e ações em favor dos bens funerários, não está bem elucidada, publicamente, a função ou motivo de mantê-los e preservá-los. Todo o cemitério da Consolação, juntamente ao Cemitério Ordem Terceira do Carmo Ordem Terceira do Carmo e dos Protestantes, é tombados pelo CONDEPHAAT, mas o que isto implica? Para que e para quem se preserva? Entende-se, assim, que as discussões precisam ser ampliadas, para que as ações sejam efetivas e constantes, considerando o que significa, em essência, o tombamento.

O cemitério é um atrativo e isso tem a ver, principalmente, com seu patrimônio e a trama morte e vida das necrópoles. Esse conhecimento pode valorizar o cemitério, seu patrimônio, a dimensão de vida do destino e o próprio turismo. Então, na prática a pesquisa sinaliza para a sobrevivência do cemitério, pelo reconhecimento do valor do seu patrimônio e da vida que existe ali, guardada, o que se relaciona com a potencialização do turismo. A potencialização do turismo passa

pelos sujeitos envolvidos, como o condutor Francisvaldo Gomes, os demais funcionários e prestadores de serviços. Eles são exemplos que fazem do cemitério um campo de morte e produção de vida ao mesmo tempo, da própria vida, da vida de seus familiares e da vida do local.

Assim, nesses locais, há uma demonstração de continuidade nos processos de vida. O que indica morte de alguém dá início a outros ciclos de vidas expressas nos signos existentes e nas práticas de visitação, realizadas pelos familiares ou turistas. Trata-se de uma conexão entre mortos e vivos, uma rela o intrínseca entre ambos, inicialmente colocados como opostos, mas que, na realidade, é interpretada neste trabalho como um ciclo, uma sequência intermitente, que d  origens a outras vivências. São estes os aspectos que relacionam o cemitério ao patrimônio, a trama morte e vida e que potencializam a necrópole como um atrativo turístico.

Para encerrar o trabalho, mas não finalizá-lo, resgata-se aqui a lembrança da pessoa a quem este trabalho foi dedicado: o morador de rua sentado à direita do Cemitério (rua Sergipe). Um ser humano, uma potência de vida, sentado ao lado de um patrimônio, um espaço aparentemente de morte, que parecia ter mais sentido social, mais vida, mais relevância do que o ser humano. Ali a morte estava sendo reverenciada, enquanto uma potência de vida parecia ter sido esquecida. De certa forma, este é um sinalizador central deste trabalho, considerando que há muita vida implícita e investida aqui, ainda que se relacione também   temática da morte.

## REFERÊNCIAS

ACEMBRA, **Site da Associação de cemitérios e Crematórios do Brasil.**

Disponível em:

<<http://www.acembra.com.br/site/>> Acesso em > 10 de novembro de 2014

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim.** Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

AFONSO, Liliane Rosa Gomes. Turismo Cemiterial: O cemitério como espaço de lazer. Monografia (Curso de Turismo). Instituto de Geociências, **Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 2010.

ASCE - **Association of Significant Cemeteries in Europe.** Disponível em:

<<http://www.significantcemeteries.org/>> Acesso em: 10 mar.2015

Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, **Blog da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais.** Disponível em: <<http://abecbrasil.blogspot.com.br/>> Acesso em: 06 de novembro de 2014.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. A Subjetividade nos Estudos de Recepção. In: IV Encontro Iberoamericano de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. **IV Encontro Iberoamericano de Ciências da Comunicação**, 1997.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Rosa dos Ventos**, v. 6, p. 342-355, 2014b.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Comunicação, Amorosidade e Autopoiese. In: **VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - ALAIC**, 2004, La Plata. Comunicação dos Sindicatos: Pai Metáfora Lei. São Paulo: ANGELLARA, 2004. p. 351-372.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Interfaces teóricas em la constitución de una investigación transdisciplinar, 1999. **Revista Latina de Comunicación Social**, 16. Disponível em < <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999iab/109luiza.htm>> Acesso em 8 de mar. 2015.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Psicocomunicação: A Trama de Subjetividade. In: **II Colóquio Brasil- Itália de Ciências da Comunicação**, 2001, Firenze. II Colóquio Brasil- Itália de Ciências da Comunicação, 2001.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. *Psicomunicación y Trama de Subjetividades. Interfaces Teóricas en la Constitución de una Investigación Transdisciplinar.* **Revista Latina de Comunicación Social**, Revista On line, v. 01, n.16, p. 01, 1999.

BARBOSA, Maria de Lurdes de Azevedo. Turismo de Excentricidades. In: PANOSSO NETO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Segmentação**

**de Mercado Turístico:** Estudos, Produtos e Perspectivas. Barueri: Manole, 2009. Cap. 20. p. 329-348.

BENI, Mário Carlos. “**Turismo: Planejamento Estratégico e Capacidade de Gestão**”. Documentação temática. Caxias do sul, 12, 13 de novembro de 2014.

Blog Pesquisas Cemiteriais. **Interditus**. Disponível em: <<https://elisianacastro.wordpress.com/interditus/>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

BOITEUX, Bayard do Couto; WERNER, Maurício. **Introdução ao Estudo do Turismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

BORGES, Maria Elizia. Imagens Devocionais nos Cemitérios do Brasil. In: **XI Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 2001, São Paulo. *ANPAP na Travessia das Artes* - São Paulo: ANPAP, 2001. v.01. p. 10-15.

\_\_\_\_\_. **Arte funerária no Brasil (1890-1930):** ofício de marmoraristas Italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/ARTE, 2002.

BRASIL, I. B. G. E. **Instituto Brasileiro de geografia e Estatística**. Cidades: Cidade de São Paulo, 2016 Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=355030&search=sao-paulo|sao-paulo>> Acesso em: 1/04/2016.

BRASIL. INSTITUTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 27 fev. 2015.

BRASIL. Portal Brasil. **Colônia**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2010/01/colonia>>. Acesso em: 25 out. 2014.

**CAMINO SANTIAGO**. Disponível em: <<http://www.caminosantiagoencadiz.org/index/CodexCalixtinus/GuiadelPeregrino.html>>. Acesso em 12 de dez. de 2014.

CAMUS, Albert. **A queda**. 3. Ed. Rio de Janeiro, Record, c1960. 144p.

**Candy Chang**. Disponível em <<http://candychang.com/work/before-i-die-in-nola/>> Acesso em 12 fev. 2016

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. ENTRE A LEMBRANÇA E O ESQUECIMENTO: implicações do descaso patrimonial para arte funerária do Rio Grande do Sul. in: **Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas** “entre territórios”, 19, 2010, Cachoeira. Anais do Encontro da ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Cachoeira, BA, 20 a 25 de setembro de 2010. Salvador: Edufba, 2010. p. 540 - 553.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **O CEMITÉRIO DA SANTA CASA:** contribuições para história da arte funerária em Pelotas. 2005. 81 f. Monografia



(Especialização) - Curso de Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008).** 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura & Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CASTRO, Elisiana Trilha. Um chão para cair morto: os cemitérios de imigrantes protestantes em Santa Catarina no século XIX. In: II SIEPEA, 2009, Santiago. **II Seminário Internacional de Estudantes de Pós graduação em Estudos Americanos.** Santiago, 2009.

CHARÃO, Egiselda Brum. Representações do mundo do trabalho nos cemitérios: Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre/RS. **Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS**, Porto Alegre, v. 2, n. 4, Novembro de 2009.

CHEVRAKADISHA. **Site da Associação Cemitério Israelita de São Paulo.** Disponível em: <<http://chevrakadisha.org.br/>> Acesso em: 13 de novembro de 2014

CHEVRAKADISHA. **Site da Associação Cemitério Israelita do Rio de Janeiro.** Disponível em <<http://www.chevrakadisha.com.br/>> Acesso em nov. de 2014

**Comunidad Iberoamericana de Amigos del Patrimonio Funerario (CIAPAFU).** Disponível em: <<http://ciapafu.blogspot.com.br/>> Acesso em: 16/03/2015

Conama. **RESOLUÇÃO CONAMA nº 335, de 3 de abril de 2003 Publicada no DOU no 101.** 2003. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=359>>. Acesso em: 2 abr. 2014.

COELHO, Liliane. Cristina. Desvendando a Tumba 10A: formas de enterramento e enxoval funerário no início do Reino Médio. In: **I Encontro Internacional e II Nacional de Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo e IX Jornada de História Antiga**, 2010, Rio de Janeiro. Anais do I Encontro Internacional e II Nacional de Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo e IX Jornada de História Antiga. Rio de Janeiro: NEA-UERJ, 2010. v. 1.

**Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico - CONDEPHAAT.** Disponível em: <[http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.9e39945746bf4ddef71bc345e2308ca0/?vgnnextoid=300d6ed1306b0210VgnVCM1000002e03c80aRCRD&IdCidade=ca54e181d893c010VgnVCM1000001c01a8c0\\_\\_\\_\\_&Busca=Busca](http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.9e39945746bf4ddef71bc345e2308ca0/?vgnnextoid=300d6ed1306b0210VgnVCM1000002e03c80aRCRD&IdCidade=ca54e181d893c010VgnVCM1000001c01a8c0____&Busca=Busca)> Acesso em: 8 fev. 2016.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente**. Belo Horizonte: Vozes, 1994. 373p.

DUARTE, Nathália. **Ex-coveiro se torna 'guia' no Cemitério da Consolação**, em SP. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/01/ex-coveiro-se-torna-guia-no-cemiterio-da-consolacao-em-sp.html>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

FARIA, Sheila de Castro. **Viver e morrer no Brasil Colônia**. São Paulo: Moderna, 1999.

FERREIRA, Liciane Rossetto. Turismo de Fait Divers: Morbidez ou Nekrophilia. In: PANOSSO NETO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Segmentação de Mercado Turístico: Estudos, Produtos e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2009. Cap. 21. p. 349-364.

GARCIA, Glaucia. **Os Santos populares paulistanos**. Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/santos-populares/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini. **Turismo, Políticas Públicas e Cidadania**. São Paulo, Aleph, 2007.

**GOOGLE MAPS** Disponível em <<https://www.google.com.br/maps/@-23.5508615,-46.6578519,674m/data=!3m1!1e3>> Acesso em 07 de março de 2016.

**Guia Folha**. Disponível em <<http://guia.folha.uol.com.br/passeios/ult10050u470383.shtml>> Acesso em 12 mar. 2016.

HIPÓLITO, Paulo. **Uma breve história dos cemitérios**. 2011. Disponível em: <[http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=148#\\_ftn8](http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=148#_ftn8)>. Acessado em Junho de 2013.

ISMÉRIO, Clarisse. Preservando o patrimônio cultural dos cemitérios: estudo sobre os cemitérios de Porto Alegre e Bagé. **Revista Memória em Rede**, v. 3, p. 1-15, 2013.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88 p.

LA ROCHEFOUCAULD, François. **Máximas e reflexões: texto integral**. São Paulo: Escala, 2007.

MARQUETTI, Flávia; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Ritos e representações do paleolítico: uma leitura semiótica. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 1, n. 16, p.154-180, jan. 2011.

MARTINS, José de Souza. Serviço funerário de São Paulo. **História e Arte no Cemitério da Consolação**. São Paulo, s/d. Folder para divulgação da história e arte do Cemitério da Consolação.

MATOS, Alderi Souza de. O Cemitério dos protestantes de São Paulo. Instituto Presbiteriano Mackenzie, São Paulo, 2011. Portal Mackenzie. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/10221.html>>. Acesso em 09 maio 2015.

**Memoriall**. Disponível em <<http://www.memoriall.com.br/post.asp?post=1>> Acesso em 12 nov. 2015

MOESCH, Marutschka Martini (2002). **A produção do saber turístico** (2. ed.) . São Paulo: Contexto

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. Cap. 17. p. 369-379.

MORIN, Edgar. (2002) **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. 4 ed. São Paulo: 1998. M. Fontes. 741p.

NATAL, Lillian. Top 10 Pontos Turísticos. 2014. Disponível em: <<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/noticias/3847-top-10-pontos-turisticos>>. Acesso em: 26 mar. 2015. **Top 10 Pontos Turísticos**

NOGUEIRA, Luiz Fernando Veloso. **EXPECTATIVA DE VIDA E MORTALIDADE DE ESCRAVOS: Uma análise da Freguesia do Divino Espírito Santo do Lamim – MG (1859-1888)**. 2011. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao51/materia01/>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

NOGUEIRA, Renata de Souza. **Quando um cemitério é patrimônio cultural**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Memória Social e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Observatório do Turismo da Cidade de São Paulo, **Site do Observatório do Turismo**. Disponível em: <<http://www.observatoriodoturismo.com.br/>> Acesso em: 19 de março 2015

OTOBELI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. **Benedictus: Os Cemitérios de Flores da Cunha: Arte, História e Ideologia**. Flores da Cunha: Seculum, 2007. 288 p.

PANOSSO NETTO, Alexandre. O que é turismo. São Paulo: Brasiliense, 2010.

**PREFEITURA DE SÃO PAULO**: Disponível em <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico\\_funerario/noticias/?p=203205](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico_funerario/noticias/?p=203205)> Acesso em 12 out. 2015.

**PREFEITURA DE SÃO PAULO.** Disponível em  
<[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico\\_funerario/noticias/?p=208078](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico_funerario/noticias/?p=208078)> Acesso em 12 jan. 2016.

QUEIROZ, Francisco. **Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal.** 2007. Disponível em: <<http://21gramas.pt/Uploads/17480711200709.pdf>>. Acesso em Maio de 2012.

**Red Iberoamericana de Cementerios Patrimoniales.** Disponível em:  
<<http://redcementeriospatrimoniales.blogspot.com.br/>> Acesso em: 12/03/2015

**Red Testimonio-Memoria Valparaíso.** Disponível em:  
<<https://redmemoriavalpo.wordpress.com/about/>> Acesso: 10/03/2015

REIS, Lucas. **Rabino morto em 1910 atrai devotos católicos em Manaus.** Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/174263-rabino-morto-em-1910-atrai-devotos-catolicos-em-manaus.shtml#\\_=\\_](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/174263-rabino-morto-em-1910-atrai-devotos-catolicos-em-manaus.shtml#_=_)>. Acesso em: 03 mar. 2015.

REIS, João José. **A morte é uma festa:** ritos fúnebre e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Cia das Letras, 1991. 357p.

ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. **Transformações nas Práticas de Enterramento** – Cuiabá, 1850-1889. Mato Grosso: Central de Texto, 2005.

SÃO PAULO. CLARA LOBO. (Comp.). **Historia e Arte no Cemitério da Consolação.** São Paulo: Secretaria de Cultura, Secretaria de Serviços, Serviços Funerário, [20--], 20 Folder, color, 105mmX210mm

SÃO PAULO. PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Cemitérios Municipais.** Disponível em:  
<[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico\\_funerario/enderecos/index.php?p=3572](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico_funerario/enderecos/index.php?p=3572)>. Acesso em: 13 mar. 2015.

SCHIMITT, Jean Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval.** São Paulo: Cia. Das Letras, 1999. 300p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304p.

SINCEP, **Site do Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil.** Disponível em: <<http://www.sincep.com.br/portalpt/>> Acesso em: 7 de novembro de 2014

TEDESCO, Mariane. **TURISMO E LUGAR DE MEMÓRIA: O CEMITÉRIO COMO EXPRESSÃO CULTURAL.** 2014. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Turismo, Universidade Caxias do Sul, Bento Gonçalves, 2014.

**The Association for Gravestone Studies.** Disponível em:  
<<https://www.gravestonestudies.org/>> Acesso em: 11/03/2015

**Universidade de Caxias do Sul.** Disponível em: <<http://www.ucs.br/site/pos-graduacao/formacao-stricto-sensu/turismo-e-hospitalidade/linhas-de-pesquisa/>> Acesso em: 03 de novembro de 2014.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura / Departamento de Imprensa Nacional, 1971.

**VISITE SÃO PAULO.** Disponível em: <http://www.visitesaopaulo.com/dados-da-cidade.asp>. Acesso em: 20 de março de 2014.

VISSIÈRE, Séverine Fargette. **Os animados cemitérios medievais**, 2013.  
Disponível em:  
<[http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os\\_animados\\_cemiterios\\_medievais.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os_animados_cemiterios_medievais.html) >. Acessado em Julho de 2013.

VOVELLE, Michel. **Imagens e Imaginários na História: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX.** São Paulo/SP: Editora Ática, 1997

## APÊNDICE A – GUIA DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO



Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade



### Termo de consentimento livre e informado

EU FRANCAVALCO Almeida Gomes  
RG \_\_\_\_\_ CPF \_\_\_\_\_ declaro para os devidos fins que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa intitulada provisoriamente como "Turismo Cemiterial: um estudo sobre o cemitério como patrimônio e dispositivo potencializador do turismo, considerando a ambivalência morte e vida das necrópoles", realizada pela mestranda Charlene Brum Del Puerto sob orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Maria Luiza Cardinale Baptista. Autorizo que as informações por mim fornecidas sejam utilizadas para fins acadêmicos com identificação nominal.

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'Almeida', is written over a horizontal line.

17 de Agosto de 2015.

**ANEXO A - EMAIL AUTORIZANDO A PESQUISA**

  **RES: Cemitério da Consolação - Solicitação p/ autorização de visita guiada**  
**mestranda PPGTURH/UCS**

[Esconder detalhes](#)

De: [assessoriaimprensa@PREFEITURA.SP.GOV.BR](mailto:assessoriaimprensa@PREFEITURA.SP.GOV.BR)

Para: [charlenedelpuerto@bol.com.br](mailto:charlenedelpuerto@bol.com.br)


Cópia: [cemitconsolacao@PREFEITURA.SP.GOV.BR](mailto:cemitconsolacao@PREFEITURA.SP.GOV.BR)


Cópia oculta:

Assunto: RES: Cemitério da Consolação - Solicitação p/ autorização de visita guiada mestranda PPGTURH/UCS

Data: 27/07/2015 14:56

 image001.jpg 2.66 KB

 image002.jpg 3.09 KB

 Autorização... pdf 43.65 KB

[Baixar todos os anexos](#)

[Ver miniaturas](#)

As imagens externas estão sendo exibidas. [Não mostrar as imagens](#)

Boa tarde, Charlene.

Agradecemos o elogio pelo trabalho que temos realizado nessa gestão dentro do programa Memória & Vida.

Envio aqui a autorização para a pesquisa. Já adianto que você deverá entregar à administração do local no dia da visita. Creio que você conseguirá, neste intervalo de tempo, acompanhar a visita guiada da terça no período matutino (9h às 11h30).

Do mais, deseje-lhe uma boa visita e uma boa pesquisa. Qualquer dúvida, entre em contato.


Atenciosamente,

Assessoria de Comunicação

Serviço Funerário do Município de São Paulo

(11) 3396-3814 /

## ANEXO B - EMAIL AUTORIZANDO A PUBLICAÇÃO DE FOTOGRAFIAS

 **RES: Autorização de imagens do Cemitério da Consolação - Pesquisa acadêmica** [Esconder detalhes](#)

De: [assessoriaimprensa@PREFEITURA.SP.GOV.BR](mailto:assessoriaimprensa@PREFEITURA.SP.GOV.BR) 

Para: [charnedelpuerto@bol.com.br](mailto:charnedelpuerto@bol.com.br) 

Cópia:

Cópia oculta:

Assunto: RES: Autorização de imagens do Cemitério da Consolação - Pesquisa acadêmica

Data: 05/05/2016 15:23

As imagens externas estão sendo exibidas. [Não mostrar as imagens](#)

Charlene, ok, pode utilizar com finalidade acadêmica.

Envia pra nós o trabalho quando estiver finalizado? É bacana para nós ter trabalhos acadêmicos com a análise de nosso trabalho 😊

Abraços.

Assessoria de Comunicação  
Serviço Funerário do Município de São Paulo  
[\(11\) 3396-3814](tel:(11)3396-3814) /



## ANEXO C – GUIA DE VISITAÇÃO- Parte externa do Folder

**Políticos**

- 1 Antônio Da Silva Prado Ministro do Império e primeiro Prefeito da cidade (quadra 29, terreno 2)
- 2 Altino Arantes Presidente da Província (quadra 25 A-8)
- 3 Carvalho Pinto Governador de São Paulo (quadra 44, terreno 136)
- 4 Lucas Rogueira Carraz Governador de São Paulo (rua 17, terreno 14)
- 5 Marquês De Monte Alegre (José De Costa Carvalho) Regente do Império (rua 2, terreno 6)
- 6 Barão De Antonina Senador do Império (quadra 17, Terreno 6/7)
- 7 Armando De Sales Oliveira Governador de São Paulo (quadra 17, Terreno 9)
- 8 Carlos De Campos Presidente da Província (rua 37, terreno 21)
- 9 José Maria Whitaker Chefe De Governo Província De São Paulo (quadra 83, terreno 40)
- 10 Abreu Sodré Governador do Estado (quadra 80A, terreno 6/7)
- 11 Campos Salles Presidente da República (quadra 82)
- 12 Anhalá Melo Prefeito de São Paulo (quadra 64, terreno 52)
- 13 Couto De Magalhães Presidente Da Província (quadra 36, terreno 112)
- 14 Washington Luis Presidente da República (quadra 22A, terreno 1A)
- 15 Bernardino De Campos Presidente Da Província (rua 35, terreno 10/11)
- 16 Ademar De Barros Governador do Estado (rua 7, terreno 56)
- 17 Jorge Tibirica Primeiro Governador do Estado (rua 20, terreno 20)
- 18 José Aristodemo Pinotti Médico e Deputado Federal (rua 10, terreno 22)

**Escultores**

- 19 Victor Brecheret Grand Anjo 1938 (quadra 44, terreno 150)
- 20 Anelo Del Debbio Escultorino representando a família e o operário (rua 9, terreno 45A/46)
- 21 Aurélio Franceschi Anjo Do Juízo Final, 1911 (rua 5, terreno 40)
- 22 Francisco Leopoldo E Silva Ni Solitário, 1926 (rua 30, terreno 17)
- 23 Galileo Emendabili O Adeus, 1953 (quadra 20, terreno 7)
- 24 Nicoló Rollo Euterpe, 1926 (rua 11, terreno 36)
- 25 Roque De Mirino Anjo da Guarda (rua 37, terreno 19/19)
- 26 Bruno Giorgi Prece, 1970 (quadra 17, terreno 9)
- 27 Celso Antônio Mausoléu De Carlos De Campos, 1927 (rua 37, terreno 21)
- 28 Enrico Bianchi Anjo da Guarda (rua 37, terreno 29)
- 29 Eugênio Prati (quadra 52A, Terreno 130)
- 30 Marmoraria J. Savola (quadra 37, terreno 84/85)
- 31 Eugênio Prati Pietá, 1917 (quadra 45, Terreno 38)
- 32 Elío De Guado (rua 7, terreno 6)
- 33 Luigi Brizzolara Vencedora, 1921 (rua 7, terreno 9)
- 34 Malerno Giribaldi Família Jafet, 1921 (rua 37, Terreno 12)
- 35 Celso Antônio Família Rangê Moreira (rua 38, terreno 30)

**Intelectuais, Artistas e Personalidades Públicas**

- 36 Monteiro Lobato Escritor (quadra 11, terreno 2)
- 37 Antonieta Rudge Pianista (rua 38, terreno 17)
- 38 Cesário Mota Junior Médico Higienista (rua 34, terreno 14)
- 39 Luis Gama Poeta E Abolicionista (rua 12, terreno 17)
- 40 Marquesa De Santos Benemerita (rua 1, terreno 3)
- 41 Mário Zan Autor Dos Hinos Dos 400 E 450 Anos Da Cidade De São Paulo (rua 5, Terreno 5)
- 42 Oswald De Andrade Escritor (rua 17, terreno 17)
- 43 Paulo Machado De Carvalho Dirigente esportivo (rua 11, terreno 7/8)
- 44 Cestano De Campos Educador (quadra 18, Terreno 10)
- 45 Armando Bogus Alcaide (quadra 45, terreno 15/16)
- 46 Julio De Mesquita Jornalista (quadra 45, terreno 15/16)
- 47 Franco Da Rocha Médico Plástico (quadra 32 A, terreno 16)
- 48 Roberto Simonsen Economista e Escalor (quadra 48, terreno 15/16)
- 49 Geremia Lunardelli Cafeicultor (quadra 48, terreno 48)
- 50 Jorge Street Industrial, Pioneiro da Assistência Social no Brasil (quadra 48, Terreno 38)
- 51 Caio Prado Junior Historiador (rua 37, terreno 10)
- 52 Cândido Fontoura Farmacêutico e Empresário (rua 38, terreno 12)
- 53 Conde Francisco Matarazzo Industrial (quadra 82, terreno 6/12)
- 54 Antoninho Da Rocha Marmo Benemerito conhecido como Santo do Povo (quadra 80, terreno 6)
- 55 Paulo Emilio Sales Gomes Critico da cinema e Historiador (quadra 74, terreno 11)
- 56 Rubens De Falco Ator (quadra 57, terreno 48)
- 57 Hália Fausta Atriz Dramática (quadra 65, terreno 36)
- 58 Ramos De Azevedo Engenheiro arquiteto (rua 24, terreno 15a E 15b)
- 59 Pirella Byington Pianista e ativista social (quadra 62, terreno 28)
- 60 Anália Franco Educadora e escritora (quadra 62, terreno 28)
- 61 Tanila De Amaral Pintora (quadra 11, terreno 46)
- 62 Marcelo Tupynambá (Fernando Lobos) Maestro compositor (quadra 36, terreno 8)
- 63 Olivia Guedes Pintado Professora Das Artes (rua 35, terreno 1 E 2)
- 64 Cicero Pompeu De Toledo Dirigente esportivo (rua 4, terreno 35)
- 65 Guilomar Novaes Pianista (quadra 12, terreno 5)
- 66 Flávio Império Arquiteto e Artista Plástico (quadra 13 A, terreno 31)
- 67 João Mendes Juiz (rua 7, terreno 33)
- 68 Emilio Ribas Sanitarista e criador do Instituto Butantan (quadra 1 A, terreno 8)
- 69 Paulo Goulart Ator (rua 12, terreno 33)
- 70 Paulo Vanzolini Zoológo e Compositor (quadra 27, terreno 4)

**Cemitério da Consolação**  
guia de visitação

## ANEXO C – GUIA DE VISITAÇÃO- Parte Interna do Folder

**MAPA DE VISITAÇÃO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO**

- Políticos
- Escultores
- Intelectuais, Artistas e Personalidades Públicas

**Formas de acesso :**

- Qr-code : Leia o código QR-code para ser direcionado ao perfil do homenageado;
- Numero de perfil : Acesse o site [www.memoriall.com.br](http://www.memoriall.com.br) e pesquise o perfil do homenageado.

0202A

Realização: **Memoriall**

Apoio: **PREFEITURA DE SÃO PAULO**

Patrocínio: **ThinkSolutions**

## ANEXO D - AUTORIZAÇÃO PARA A PUBLICAÇÃO DA IMAGEM FEITA PELOS VISITANTES

**De:** \_\_\_\_\_@gmail.com

**Enviada:** Terça-feira, 18 de Agosto de 2015 09:51

**Para:** charlenedelpuerto@bol.com.br

**Assunto:** Cemitério da Consolação Fotos de 15/08/2015

Olá Charlene,

Obrigada pelas fotos.

Autorizamos as fotos sim, sem problemas. Esperamos que ajude.

Depois, se quiser, pode ver minha página no instagram (Sarita Genovese). Lá estão alguns dos desenhos feitos no cemitério.

Boa sorte com o mestrado e força para não desanimar.

Beijos

Em 16 de agosto de 2015 19:35, Charlene Brum Del Puerto <[charlenedelpuerto@bol.com.br](mailto:charlenedelpuerto@bol.com.br)> escreveu:

**ANEXO E – CARTÃO DE VISITA COM AS BADALADAS**

---

*Mário de Paula Custódio*  
*Mário de Paula Custódio Junior*

JARDINEIROS DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO  
6 Pancadas no sino diretas para chamar-me

TEL.:

# ANEXO F – PRIMEIRO GUIA DE VISITAÇÃO IMPRESSO – Parte externa do Folder



**HISTÓRIA DO CEMITÉRIO DE SÃO PAULO**  
SECRETARIA DE CULTURA  
SECRETARIA DE SERVIÇOS  
Serviço Funerário

### INTELLECTUALS, ARTISTAS E HOMENS PÚBLICOS

- 1 PAULO PRADO  
Empresário e historiador  
(quadra 29, terreno 2)
- 2 MÁRIO DE ANDRADE  
Poeta e escritor  
(rua 12, terreno 8)
- 3 LÍRIO BADAÓ  
Médico e jornalista  
(rua 12, terreno 9)
- 4 MONTEIRO LOBATO  
Escritor  
(quadra 25, terreno 2)
- 5 ANTONIETA RUDGE  
Planista  
(rua 36, terreno 17)
- 6 CÉSARIO MOTA JÚNIOR  
Médico higienista  
(rua 34, terreno 14)
- 7 LUIS GAMA  
Poeta e abolicionista  
(rua 12, terreno 17)
- 8 MARQUETA DE SANTOS  
Beneditina  
(rua 1, terreno 3)
- 9 MÁRIO ZANI  
Autor dos hinos dos 400 e 450  
anos da Cidade de São Paulo  
(rua 2, terreno 2)
- 10 OWALDO DE ANDRADE  
Escritor  
(rua 12, terreno 17)
- 11 PAULO MACHADO DE CARVALHO  
Dirigente esportivo  
(rua 11, terreno 3/5)
- 12 CATIANO DE CAMPOS  
Educador  
(rua 11, terreno 2/8)
- 13 ARMANDO BOGUS  
Ator  
(quadra 28, terreno 10)
- 14 JÚLIO DE MESQUITA  
Romancista  
(quadra 45, terreno 15/16)
- 15 FRANCO DA ROCHA  
Médico psiquiatra  
(quadra 22A, 10)
- 16 ROBERTO SIMONEN  
Economista e escritor  
(quadra 49, terreno 15/16)
- 17 CECÍLIA LUNARDELLI  
Calefiteira  
(quadra 49, terreno 2/8)
- 18 JOSÉ STREET  
Industrial, pioneiro da  
assistência social no Brasil  
(quadra 48, terreno 3/8)
- 19 CAPO PRADO JUNIOR  
Historiador  
(rua 32, terreno 10)
- 20 CLAUDIO FONTOLIVA  
Farmacêutico e empresário  
(rua 38, terreno 12)
- 21 CONDE FRANCISCO MATRABAZZO  
Industrial  
(quadra 82, terreno 6/12)
- 22 ANTONÍNIO DA ROCHA MARMO  
Beneditino conhecido como  
santo do povo  
(quadra 80, terreno 6)
- 23 PAULO EMÍLIO SALLES COMES  
Crítico de cinema e historiador  
(quadra 74, terreno 11)
- 24 RENE DE FALCO  
Ator  
(quadra 53, terreno 4/8)
- 25 HELENA FAUSTA  
Ator dramática  
(quadra 55, terreno 3/6)
- 26 RAMOS DE AZEVEDO  
Engenheiro arquiteto  
(rua 22, terreno 15/1 e 15/2)
- 27 PÉROLA BIVINCION  
Filantropa e ativista social  
(rua 28, terreno 17)
- 28 ANÁLIA FRANCO  
Educadora e escritora  
(quadra 62, terreno 2/3)
- 29 TEREZILIA DO AMARAL  
Pintora  
(quadra 36, terreno 4/6)
- 30 MARCELO TUPPINAMBA  
(FERNANDO LONO)  
Mestre compositor  
(quadra 36, terreno 8)
- 31 OLÍVIA GUSTES PRINTEADO  
Profetisa das artes  
(rua 35, terreno 1 e 2)
- 32 CICERO POMPEU DE TOLEDO  
Dirigente esportivo  
(rua 4, terreno 3/5)
- 33 GUONMAR NOVIAS  
Planista  
(quadra 12, terreno 5)
- 34 FLÁVIO IMPÉRIO  
Arquiteto e artista plástico  
(quadra 13A, terreno 3/1)
- 35 JOÃO MENDES  
Juiz  
(rua 2, terreno 3/3)
- 36 EMÍLIO RIBAS  
Santólogo e criador  
do Instituto Butantan  
(quadra 14, terreno 8)
- 37 JOSÉ MARIA WHITAKER  
Chefe do Governo Provisório  
de São Paulo  
(quadra 85, terreno 40)
- 38 RAFAEL SOARES  
Governador do Estado  
(quadra 80A, terreno 6/7)
- 39 CAMPOS SALLES  
Presidente da República  
(quadra 82)
- 40 RAIMUNDO MELLO  
Prefeito de São Paulo  
(quadra 64, terreno 5/2)
- 41 GOVÃO DE MACAÍNAS  
Presidente da Província  
(quadra 36, terreno 1/2)
- 42 WASHINGTON LUIS  
Presidente da República  
(quadra 20A, terreno 1/5)
- 43 BERNARDO DE CAMPOS  
Presidente da Província  
(rua 12, terreno 5/8)
- 44 ADEMAR DE BARROS  
Governador do Estado  
(rua 25, terreno 5/8)
- 45 JORGE TRIEBÇA  
Primeiro Governador do Estado  
(rua 20, terreno 2/3)

### POLÍTICOS

- 1 ANTONIO DA SILVA PRADO  
Ministro do Império e  
primeiro Prefeito da cidade  
(quadra 29, terreno 2)
- 2 ANÍTO RIBEIRES  
Presidente da Província  
(quadra 15 A-8)
- 3 CARVALHO PRADO  
Governador de São Paulo  
(quadra 44, terreno 1/5)
- 4 LUCAS ROQUEIRA GARCÊZ  
Governador de São Paulo  
(rua 12, terreno 14)
- 5 MANDUÉS DO MONTE ALEGRE  
(JOSÉ DA COSTA CARVALHO)  
Regente do Império  
(rua 2, terreno 6)
- 6 BARÃO DE ANTONINA  
Senador do Império  
(rua 1, terreno 6/7)
- 7 ARMANDO DE SALES OLIVEIRA  
Governador de São Paulo  
(quadra 12, terreno 3)
- 8 CARLOS DE CAMPOS  
Presidente da Província  
(rua 32, terreno 2/1)



**Cemitério da Consolação**  
guia de visitação

# ANEXO F – PRIMEIRO GUIA DE VISITAÇÃO IMPRESSO – Parte interna do Folder

### ESCUPTORES

- 1 VÍCTOR BRECHERET  
Grande arço, 1928  
(quadra 44, terreno 15/0)
- 2 ANTELO DEL DEBIBO  
Esculturas representando a  
família e o operário, 1979  
(rua 5, terreno 25/4/6)
- 3 AURÉLIO FRANCESCHI  
Arço do Jazdo final, 1911  
(rua 5, terreno 4/2)
- 4 FRANCISCO LEOPOLDO E SILVA  
Nu sórtido, 1926  
(rua 30, terreno 17)
- 5 GAULEU EMEDEBUI  
O adeus, 1952  
(quadra 20, terreno 7)
- 6 NICOLA ROLLO  
Eutérpe, 1926  
(rua 11, terreno 3/1)
- 7 ROQUE DE MINGO  
Fúnebre, 1926  
(rua 6, terreno 15/1/6)
- 8 BRUNO GONDI  
Prece, 1970  
(quadra 12, terreno 9)
- 9 CÉSAR ANTONIO  
Mausoléu de Carlos  
de Campos, 1927  
(rua 22, terreno 2/1)
- 10 ENRICO BIANCHI  
Arço da Guarda  
(rua 22, terreno 2/3)
- 11 EUGÊNIO PRATI  
(quadra 22A, terreno 10/3)
- 12 MARIANGELARA E SAVIA  
(quadra 33, terreno 64/65)
- 13 EUGÊNIO PRATI  
Pela, 1917  
(quadra 45, terreno 3/1)
- 14 ELIO DE GIUSTO  
(rua 12, terreno 9)
- 15 LUCI BRIZZOLARA  
Vencedores, 1921  
(rua 2, terreno 3/1)
- 16 MATERNO GERIBALDI  
Família Zafri, 1932  
(rua 32, terreno 10)
- 17 CÉSAR ANTONIO  
Família Rangel Moreira  
(rua 38, terreno 3/0)
- 18 GAULEU EMEDEBUI  
Pela, 1929  
(quadra 11, terreno 16)
- 19 MARIANGELARA E SAVIA  
Capela Família E. Siniscalchi, 1915  
(rua 32, terreno 1 e 2)
- 20 CÉSAR ANTONIO  
Luiz Kolla, 1927  
(rua 38, terreno 2)
- 21 NICOLA ROLLO  
A lenda grega, 1920  
(quadra 83, terreno 29/31)
- 22 FRANCISCO LEOPOLDO E SILVA  
Ponto de interrogação, 1922  
(quadra 83, terreno 12/13)
- 23 LUCI BRIZZOLARA  
Conde Matrazzo, 1925  
(quadra 82, terreno 6/12)
- 24 APOLÔNIO CARSONE  
Família Frontini, 1922  
(quadra 82, terreno 15)
- 25 REPOULO BERNARDINI  
Presidente Campos Salles e  
esposa, 1919  
(quadra 82)
- 26 JÚLIO STARACE  
Cristo carregando a cruz, 1929  
(quadra 66, terreno 13/14)
- 27 NICOLINA VAZ DE ASSIS  
O selvagem, 1898  
(quadra 36, terreno 1 e 2)
- 28 VÍCTOR BRECHERET  
O sepultamento, 1923  
(rua 15, terreno 1 e 2)
- 29 RAMOS DE AZEVEDO  
Família Bayeux  
(rua 56, terreno 11, 18, 19)
- 30 ELIO DE GIUSTO  
Cristo, 1919  
(rua 18, terreno 5/1)
- 31 AMÉDIO ZANI  
Família Siciliana, 1927  
(rua 22, terreno 3/4)



**ADMINISTRAÇÃO**

**PORTÃO DE ENTRADA**





